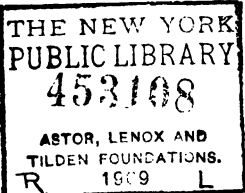
Ao seu presado ami
Gonçalves de Frei
Offerece
O auctor

TEIXEIRA DE VASCONCELLOS

COMEDIAS

O DENTE DA BARONEZA
A BOTINA VERDE
A LIBERDADE ELEITORAL

L. A. G. de Freitas

LISBOA
TYPOGRAPHIA PORTUGUEZA
35, Travessa da Queimada, 35
1871

No mez de janeiro de 1870 escrevi em quatro dias a comedia em tres actos O DENTE DA BARONEZA para ser representada no theatro do Gymnasio Dramatico em beneficio do estudioso actor Francisco Teixeira da Silva Pereira. Era promessa antiga, e tive de cumpril-a apressadamente.

Dizia-se então que as plateias não gostavam senão de *magicas* e de operas de Offenbach, e que seria empenho baldado requerer-lhes applauso para obras de arte. De tão lastimosa propensão do publico queixavam-se os actores de boa nota, mais pesarosos

da degeneração do gosto que da mingoa de interesses, e não se davam por menos sentidos os actores conscienciosos por verem quasi transformado em arena de saltimbancos o theatro das suas passadas glorias.

Não acreditei na decadencia do sentimento artistico e quiz experimentar. Escolhi uma anecdota do *Petit-Journal*, de Paris, que me dava para dois actos, inventei o terceiro, e fiz uma comedia de enredo simplicissimo, baseada unicamente no enlevo da conversação. Para que a experiencia fosse completa, evitei os lances dramaticos, os affectos violentos e as complicações que preparam desenlaces vehementes e inesperados. Empenheime porém em que a peça fosse, quanto em mim cabia, portugueza no sentir e no dizer, embora na singeleza do genero procedesse de origem estrangeira.

Eram raras, se as havia, em Portugal as comedias cujo principal merecimento derivasse do dialogo, e mais do que outra qualquer requeria esta que o desempenho fosse estudado esmeradamente e realisado com primor.

Assim aconteceu, e o publico deu aos actores do Gymnasio as maiores demonstrações de agrado, desde a primeira noite em que tanto os applaudiu e me honrou a mim com o generoso favor, celebrado pelo affectuoso talento de Raphael Bordallo Pinheiro em graciosa caricatura, até á 31.ª representação que já se realisou n'este anno.

Eu renovo agora áquelles cuidadosos artistas os meus cordiaes agradecimentos, e folgo de lhes testemunhar de novo sincera admiração, de modo nenhum inferior á do publico.

Foi cabal a experiencia e completo o desengano. Apesar das magicas e da musica do maestro Offenbach, e quando os directores dos theatros não sonhavam em outras composições para augmentar o numero dos expectadores, O DENTE DA BARONEZA conquistou a attenção e o favor do publico em vinte e nove representações successivas. A reacção era possivel. Manifestavam-se no publico os elementos essenciaes d'ella.

E não se diga que eu condemno as *magicas*, e proscrevo a musica de Offenbach. Deus me defenda de tal. Assisto ás magicas

attentissimo. Deleitam-me como ás crianças. Da musica do celebre *maestrino*, musica festiva, buliçosa, extravagante, original, desgrenhada ás vezes, mas quasi sempre correcta, fui e sou admirador sincero. Tenho grande consideração pelo talento do antigo director *des Bouffes* que conheço e préso.

Mas consagrar todos os theatros a magicas e a operas de Offenbach, e banir d'elles a arte na sua mais elevada expressão; sepultar nos archivos as tragedias, os dramas e as comedias, recreio e ensino de todos, para entregar o palco em feudo perpetuo ao destempero e á chocarrice, sempre me pareceu desvario nocivo ás lettras, indigno de actores de primeira ordem, e prejudicial ao publico.

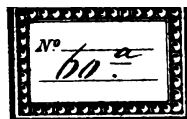
Tenha cada theatro o genero que mais cabido lhe seja, mas não adoptem todos o mesmo com menoscabo da arte e ludibrio dos que a cultivam.

Taes foram os pensamentos de que proveiu a tentativa modesta de escrever O DENTE DA BARONEZA que sae agora á luz em primeiro logar n'este livro e que a imprensa,

talvez para honrar as minhas boas intenções, acolheu com maxima benevolencia.

A BOTINA VERDE e A LIBERDADE ELEITORAL queria eu que se chamassem entremezes. Nem são outra coisa. Mas o nome está condemnado por plebeu. A mais reles farça não sobe ao cartaz sem o titulo de comedia. Até na propria republica das lètras se vae despachando fidalga a arraia miuda!

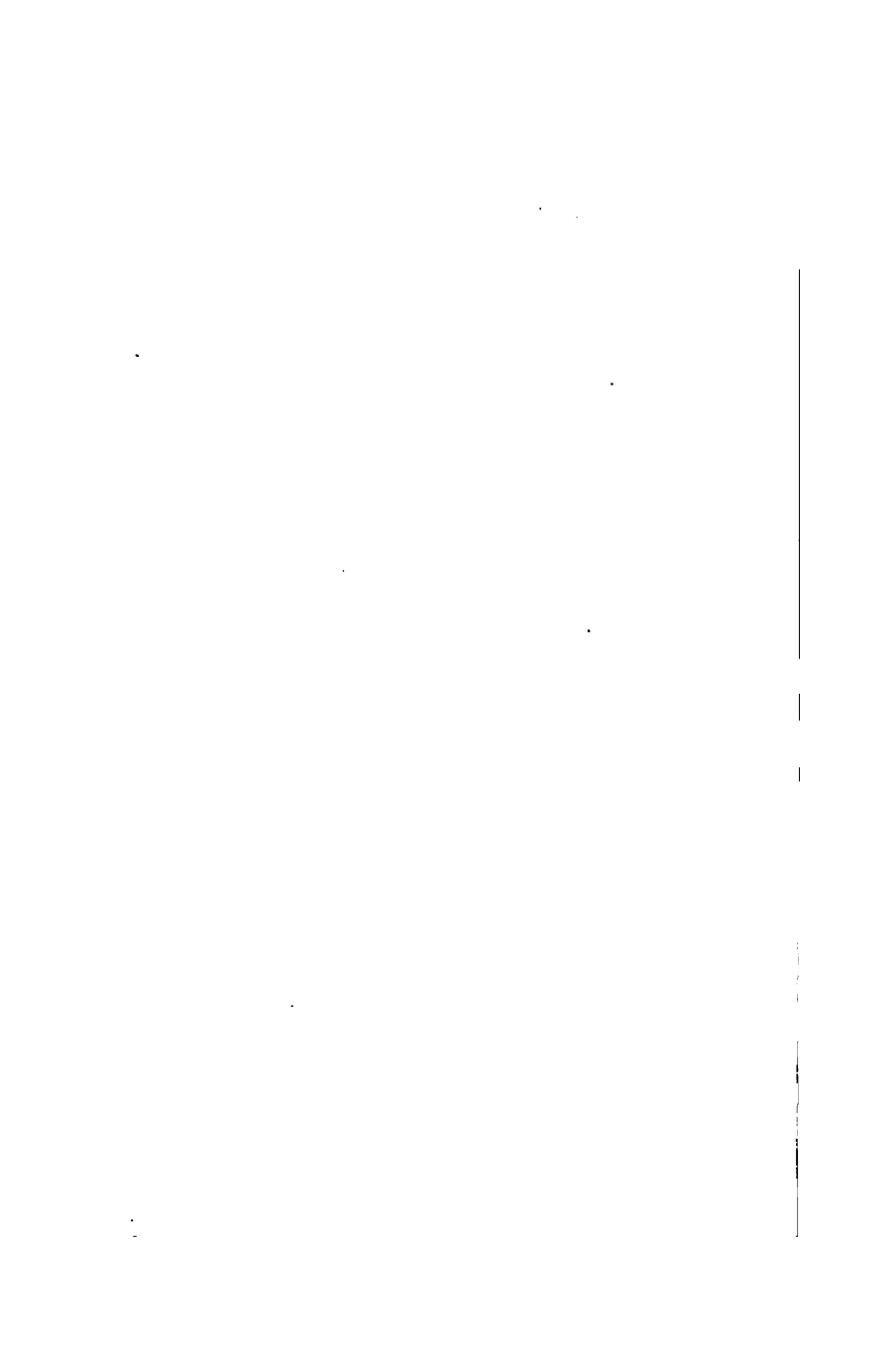
Tambem me foram pedidas para beneficio estas duas peças. Nem eu que passei os cincoenta annos sem aspirar ás glorias da scena, já agora escrevo para o theatro senão muito rogado. Careço das sollicitações alheias para me desculparem o arrojo.

T. DE V.

O DENTE DA BARONEZA

COMEDIA ORIGINAL EM 3 ACTOS

D. EUGENIA DE MELLO, baroneza de Florido, 22 annos, viuva	A sr.ª Lucinda Simões
D. HORTENSIA DE MELLO, tia da baroneza, 49 annos, solteira	» Anna Cardoso
ANICETA, criada.	» Elysa Emilia da Conceição Santos
JULIO DE SOUZA, official do exercito, noivo da baroneza, 30 annos	O sr. Francisco Teixeira da Silva Pereira
CARLOS DE MELLO, primo da baroneza, 25 annos, solteiro	» Guilherme Squiner da Silveira
GUSTAVO DE SOUZA, pai de Julio, 60 annos, viuvo	» Abel Augusto da Costa
VISCONDE DA TOUÇA, diplomata, 30 annos, solteiro	» Julio Augusto Soler de Menezes
DOMINGOS	» Guilherme José da Fonseca
O DR. LIEB, dentista	» Eduardo Alfredo da Cunha de Vecchi
Um criado de Gustavo	» Manuel Maria da Cunha de Vecchi

ÉPOCA ACTUAL

Esta comedia foi representada pela primeira vez em Lisboa no theatro do Gymnasio Dramatico em beneficio do sr. Francisco Teixeira da Silva Pereira na noite de 19 de Fevereiro de 1870.

ACTO PRIMEIRO

Sala em caza da baroneza de Florido.

SCENA I

Gustavo de Sousa e D. Hortensia de Mello, de braço dado, entram descendo da porta do centro.

GUSTAVO

É absolutamente necessario abreviar este casamento. V. ex.ª bem sabe que se meu filho Julio não casar com a sr.ª baroneza, perdem ambos a herança do tio arcediago. São cento e tantos contos que vão enriquecer outros parentes.

D. HORTENSIA (Sentando-se e indicando a Gustavo a cadeira proxima).

Andavamos no jardim ha mais d'uma hora. Eu já me não podia ter em pé. Estes bailes

matam a gente. É baile no Club, baile na Philarmonica, baile em casa do conselheiro Gomes, baile em casa do general Almeida e baile em casa do barão d'Agrella. Uma róda viva ha cinco dias sem descançar nunca. Bailes e mais bailes. Feira de noivos e de noivas, mercado d'amores fingidos! Hontem viemos para casa ás duas horas da madrugada. E ainda assim tive de pedir desculpa a tres pares de contradança! Não me deixavam sentada nem um instante! Parece incrivel!

GUSTAVO

São naturaes essas homenagens. Nunca faltaram a v. ex.ª.

D. HORTENSIA

Lá isso é verdade. Onde appareço, vejo-me logo cercada de rapazes, a ponto que hontem mal pude dizer duas palavras aos donos da casa. Mas, eu, sr. Gustavo de Souza, não gosto de bailes. Nunca me foi necessario andar pelas casas alheias á cata de adoradores. Sabe Deus quanto me tem custado afastal-os de mim. Se vou aos bailes, é só por com-

prazer com minha sobrinha que não tem outra pessoa para a acompanhar. Não vou feirar noivos.

GUSTAVO

Pois a sr.ª baroneza tambem não vai aos bailes procurar noivo. Já o tem.

D. HORTENSIA

De certo. Mas, ella gosta muito de reuniões e de festas, e obriga-me a representar o papel de irmã mais velha.—Bem vê que não pode ir só. É ainda tão moça... Tomára-a eu vêr casada, para meu descanço.

GUSTAVO

Observo com grande prazer que nós ambos temos igual desejo.

D. HORTENSIA

Sem duvida, mas a respeito de noivos e de casamentos cada qual faça o que fôr do seu gosto. São coisas em que me não intrometto. Como hei-de eu aconselhar aos outros o que não quiz para mim? Pois muito boa

gente... O sr. Gustavo por certo o não ignora.

GUSTAVO

Pois não, minha senhora (Aparte). Temos as maluquices do costume. (Alto). Ninguem o sabe melhor do que eu, e ninguem respeita mais a seriedade com que v. ex.ª procede em tudo; mas n'este caso em verdade são extraordinarias as circunstancias. O sr. arcediago deixou a herança aos noivos, e se não chegassem a casar, aos parentes de Beja. O prazo está a findar. V. ex.ª avalia quaes são os meus deveres de pai, e tambem da sua parte não ha de querer que a sr.ª baroneza fique sem o legado do tio.

D. HORTENSIA

Olhe, sr. Gustavo de Souza, eu cá sou muito franca. Em casamentos de interesse não tenho fé nenhuma. Vale mais perder cem contos que ligar-se por toda a vida a quem não seja capaz de nos amar e de avaliar bem o merecimento d'uma senhora. Não gosto do amor representado em inscripções. Era bem rico o tenente coronel Malheiros e perdeu

o seu tempo comigo. Nunca me resolvi a casar com elle. E o deputado Guimarães? E...

GUSTAVO

É evidente, minha senhora. (Aparte). Está hoje mesmo de todo. (Alto). O dinheiro é bom mas a felicidade da vida conjugal não consiste unicamente na riqueza. Entretanto, eu peço licença para lembrar a v. ex.ª que nem meu filho, nem sua sobrinha, sabem da herança que lhes deixou o sr. arcediago. Meu filho estava no regimento quando elle falleceu, e a sr.ª baroneza não cuida de negocios. Ambos pois se amam desinteressadamente, como v. ex.ª entende, e muito bem, que deve ser o amor.

D. HORTENSIA

Amam-se, diz o sr. Gustavo. Pode ser, mas o que eu vejo são arrufos e amuos todos os dias. A ser amor é muito á antiga. D'antes era moda. Aquelle pobre deputado Guimarães (Deus lhe falle n'alma,) e o tenente coronel Malheiros (que tambem já lá está na terra da verdade; coitado!) quando pertendiam casar comigo, arrufavam-se pelos mo-

tivos mais frivolos. Bastava que lhes respondesse distrahida. Aquillo era moda n'esse tempo. Agora já assim não é. Eu nóto grande differença.

GUSTAVO (Aparte).

Pudéra!

D. HORTENSIA

Mas o seu filho e a minha sobrinha ainda estão pela moda antiga. Vivem sempre em amuos e reconciliações successivas. Não têem vinte e quatro horas de paz.

GUSTAVO

Com o casamento acaba tudo isso. Ajude-me v. ex.ª a apressal-o para socego de nós todos e interesse dos proprios arrufados! Se não tivessem affeição um ao outro, não se zangavam com tanta frequencia. Ora dois noivos qne se amam e que adquirem, casando, mais de cem contos de réis, não devem demorar o seu enlace. É urgente aproveitar o primeiro intervallo entre dois amuos e casal-os immediatamente.

D. HORTENSIA

Eu não me opponho, bem o sabe, mas aconselhar não aconselho. Sempre ouvi dizer: «O casamento e a mortalha no céo se talha.» A baroneza é senhora das suas acções. Querendo ella ninguem a impede de casar. Quando o deputado Guimarães...

GUSTAVO

Pois minha senhora, eu sempre confio no auxilio de v. ex.ª, para levar ao cabo a felicidade d'estes noivos E agora peço licença para me retirar. Voltarei em breve. Então appresentarei á sr. baroneza os meus cumprimentos.

D. HORTENSIA

A baroneza ainda hoje não saiu do seu quarto. Tambem anda cançada dos bailes. Eu lhe direi que v. ex.ª a veio procurar. O sr. Gustavo muito me faz lembrar o deputado Guimarães...

GUSTAVO (Dando-lhe a mão).

Ás ordens de v. ex.ª, sr.ª D. Hortensia.

(Aparte). Afinadinha de véras hoje! Arreda para longe. (Sae).

SCENA II

D. HORTENSIA (só)

Sempre está muito bem conservado! E realmente se fosse mais baixo um quasi nada, era tal qual o deputado Guimarães. Custa a crer que este Gustavo de Souza não tornasse a casar, tendo perdido a mulher ha tantos annos. É que não gosta d'estas delambidas d'agora, e tem razão. Estou que se tivesse encontrado uma pessoa de juizo...

SCENA III

DOMINGOS e D. HORTENSIA

DOMINGOS

Veio ahi um homem com este recibo da associação dos Servos da Igreja, e um criado do livreiro com uns romances francezes, que chegaram no ultimo paquete. Vinha saber se a sr.ª baroneza os queria.

D. HORTENSIA

Elle disse que os romances eram para a sr.ª baroneza?

DOMINGOS

Não minha senhora. Não disse nada. Eu é que imaginei.

D. HORTENSIA

Pois imaginou uma grande tolice. Então n'esta caza só a sr.ª baroneza sabe lêr francez? (Aparte). Estes criados! (Alto) E que lhe disse você?

DOMINGOS

Disse que as senhoras ainda estavam recolhidas; que voltasse logo a tomar as ordens de ss. ex.as. Elle deixou ficar os livros. Eu vou buscal-os.

D. HORTENSIA

Não, agora não tenho tempo de lêr romances.

DOMINGOS (Aparte)

Eu aposto que ella não sabe nem palavra de francez.

D. HORTENSIA

E pagou á associação dos Servos da Igreja?

DOMINGOS

Sim, minha senhora. Paguei segundo é costume. Aqui está o recibo. (Entrega-lh'o)

D. HORTENSIA (Examinando o recibo)

Fez bem. Estas associações custam bastante dinheiro, porque são muitas; mas é bem empregado quanto se gasta com os pobres, com a educação das crianças e com o serviço de Deus. Nunca pude saber porque razão o deputado Guimarães censurava tanto as senhoras que figuram nas associações. Dizia que mais lhes agradeceria Deus serem boas filhas, irmãs affectuosas, e desvelladas mães de familia, que dedicarem-se a accudir ás mizerias da humanidade descurando as obrigações domesticas. Coisas da politica! Era o unico ponto em que discordavamos. Eu não sou beata, Deus me deffenda, mas sempre gostei de que as senhoras tomassem na sociedade o logar que lhes pertence. Parece

que os homens até de fazermos relatorios e de andar o nosso nome impresso na lista das socias, têem sua invejasita. São uns egoistas! (Vae a sahir, olha para traz e vê o criado). Ainda ahi está, Domingos?!

DOMINGOS

Estou esperando as ordens de v. ex.ª.

D. HORTENSIA

Bem. Se vierem visitas, não recebemos.

DOMINGOS

Nem o Sr. Julio de Sousa?

D. HORTENSIA

Se vier o Sr. Julio de Souza, diga-lhe que estamos em caza, e venha logo dar parte.

DOMINGOS

E o Sr. Carlos de Mello?

D. HORTENSIA

Valha-o Deus, Domingos! O Sr. Carlos de Mello é da familia.

DOMINGOS

E o Sr. Gustavo?

D. HORTENSIA

Tambem é como se fosse da caza.

DOMINGOS

Eu peço perdão a v. ex.ª, mas para cumprir bem as suas ordens, é que faço estas perguntas. Assim, no cazo de vir por ahi o Sr. barão d'Agrella, o sr. general Almeida, ou o sr. conselheiro Gomes...

D. HORTENSIA

Para esses tambem estamos em caza; mas para todos os mais, não. Tome bem sentido. — (Toca a campainha.)

SCENA IV

ANICETA e os mesmos

D. HORTENSIA

Onde está minha sobrinha? Já saiu do quarto?

ANICETA

A sr.ª baroneza desceu agora mesmo para o jardim.

D. HORTENSIA

Vou lá ter com ella. Domingos, não se esqueça das minhas recommendações. Queremos passar ao menos um dia em socego. (Sae)

SCENA V

DOMINGOS e ANICETA

DOMINGOS

Então é cabeça ou bico? Não recebem ninguem, excepto a maior parte das pessoas que vem a esta caza todos os dias.

ANICETA

E que tens tu com isso? Já sabes a quem has-de abrir a porta e a quem a has-de fechar. Pois é o que tens a fazer.

DOMINGOS

Com que então no seculo das luzes, como lhe chamam os periodicos, os criados não

discorrem? São campainha que só dá som quando lhe tocam; uma especie de marionettas vivas! E dizem que o mundo se regenera, e que se melhoram as classes inferiores. É a cantiga de todos os jornaes. E eu declaro que o mundo vai cada vez a peior. Tu já lêste a escriptura sagrada, ó Aniceta? (Senta-se).

ANICETA

Ou eu não tivesse sido criada no convento desde os dez annos. Já li, sim, e depois?

DOMINGOS

Pois vê lá se não era melhor aquelle tempo. Fallavam com toda a liberdade até os jumentos dos prophetas. Nunca ouvistes dizer da burra de Balaam que fizera um discurso?

ANICETA

Ouvi, sim, e então? Que vens tu a dizer na tua?

DOMINGOS

Que venho a dizer na minha? Digo que se fallou a tal burra, e se a serpente conversou com a nossa mãe Eva, de certo que

os criados não haviam de ser menos que toda essa bicharia réles.

ANICETA

Que disparates que tu dizes! Olha, rapaz, não te amofines por tão pouco. Falla até rebentares. O mais que te pode acontecer é porem-te no olho da rua. (Olha para a janella). Vamos, avia d'ahi. Lá vem entrando no jardim o noivo da sr.ª baroneza, o sr. Julio de Souza. Não tardam aqui.

DOMINGOS

Decerto. Elle quando as encontra na sala diz que é melhor passeiarem no jardim; e se estão no jardim, faz com que venham para casa. Nunca está satisfeita aquella alminha!

ANICETA

Toma cuidado n'essa lingua, Domingos. Eu fui quem te inculcou ás senhoras. Agora vê lá se fazes das tuas.

DOMINGOS

Tambem se não fosse por tua causa, já me tinha despedido. A sr.ª baroneza é muito

boa pessoa, mas a tia não se pode aturar. Que tia! E então o noivo? Sempre de nariz torcido! Se eu fosse baroneza, eu lh'o diria.

ANICETA

Se tu fosses baroneza! Ora vejam... o sr. Domingos transformado em baroneza! Havia de fazer bonitas coisas. Vamos, vamos embora, que elles já vem subindo as escadas. (Saem).

SCENA VI

D. HORTENSIA, a BARONEZA e JULIO DE SOUZA

HORTENSIA

(Fechando a porta envidraçada do fundo

São muito lindos estes dias d'inverno em Lisboa, mas sempre são d'inverno. A mais leve aragem é frigidissima. Admira-me, porem, que o sr. Julio, sendo militar se acautelle tanto do frio. Então se houver guerra que hade fazer?

JULIO

O que fizer toda a gente; soffrer o calor e o frio com igual paciencia. Mas, note v. ex.ª,

que eu nunca tenho frio. O meu receio era que se constipassem. Quem anda pelos bailes deve ter cuidado em não apanhar algum defluxo, porque depois adeus walsas e polkas e contradanças ao menos durante quinze dias.

BARONEZA

Ora veja, minha tia, quanto o sr. Julio gosta de nos ver nos bailes. Affligia-se de que nos constipassemos por não podermos dançar. Pois não tenha receio. Eu gosto de frio e sou pouco atreita a constipações.

D. HORTENSIA

Outro tanto não digo eu. E parece-me que n'esta sala o fogão não dá calor nenhum. Eu vou para o teu quarto, Eugenia, até ao almoço. É que está fresco devéras! Muitas vezes disse eu ao deputado Guimarães que, se tivesse casa minha, queria fogão por toda a parte, excepto no quarto da cama. Até logo. (Sae).

SCENA VII

BARONEZA e JULIO

BARONEZA

Esteve bem animado o baile de hontem! Muita gente e da melhor, lindos vestidos, toucados admiraveis, muitos brilhantes, boa musica, excellente serviço, e animação que não se encommenda nem se prepara. Brota espontanea em certas salas, e não ha aclimatal-a em outras. Foi das mais lindas festas a que tenho assistido. Toda a gente andava enthusiasmada. Até minha tia fallou menos no deputado Guimarães, e no tenente coronel Malheiros. Só o sr. Julio me pareceu de mau humor. Nem já o alegra a minha companhia. Dar-se-ha cazo que se desgostasse dos bailes? Dançou tão poucas vezes!

JULIO

E v. ex.ª dançou constantemente!

BARONEZA

Se eu gosto immenso de dançar. Não imagina. O sr. Julio é que vai aborrecendo os bailes.

JULIO

Engana-se. Gosto de sociedade, e só me aborreço quando me falta companhia; mas os bailes já não têem para mim os encantos d'outros tempos. O baile é a festa dos corações vadios, dos espiritos frivolos, e das almas sedentas de novidade; é exposição de mil fraquezas e arena de combates perigosos.

BARONEZA

Oh! meu Deus! Diga tambem que é occasião de grandes tentações, e até de peccados mortaes. Com tão bons sentimentos, a haver ainda Varatojo, tinhamos um elegante de menos e um frade de mais.

JULIO

Que injustiça minha senhora! Finge que me não entende a sr.ª baroneza.

BARONEZA

Eu finjo? O sr. Julio de Souza não está hoje feliz na escolha dos verbos. Pois não lhe occorreu outro?

JULIO

Perdoe-me, Eugenia. Nunca pode ser intenção minha offendel-a. Tomara eu dar-lhe as maiores provas do meu affecto e da minha dedicação. Não duvide.

BARONEZA

Bem sei. Bem sei. Isto foi gracejo para vêr se lhe passava o rancor aos bailes. Olhe que não é boa recommendação para noiva da minha idade tamanha aversão ás festas.

JULIO

Quem ouvir essas palavras: «aversão, rancor,» ha-de pensar que eu sou algum jarreta de comedia, dos que fechavam a sete chaves as filhas, e que em me casando virei a ser uma especie de D. Bartholo a guardar Rosina dos Figaros e dos Almavivas. A minha idéa é outra, porem tive a infelicidade de

não a exprimir bem, e v. ex.ª não me poude entender.

BARONEZA

Pois explique-se de novo. Aqui me tem para o ouvir com a maior attenção.

JULIO

Dizia eu, ou antes queria eu dizer, que felizmente já encontrei o que muitos procuram nos bailes, e por isso julgo inutil andar n'aquelle borborinho. Agora quem não achou ainda, natural é que busque até se lhe deparar o que deseja.

BARONEZA

Então para o sr. Julio de Souza os bailes são sempre feira de noivos, como lhes chama a tia Hortensia? Pois eu não sou d'esse parecer. Os bailes para mim não prestam nem para feira, nem para exposição, nem para campo de batalha, nem para qualquer dos fins que lhe suggere o seu espirito.

JULIO

É que v. ex.ª sem duvida lhes descobriu alguma vantagem desconhecida. O que não descortinará a imaginação brilhante d'uma senhora!

BARONEZA

Olhe que não foi necessario deitar abaixo a livraria do tio Arcediago. Vou aos bailes por serem bailes, porque se dança n'elles e eu gosto de dançar. Veja quão simples é, e facil de encontrar, o motivo da minha predilecção! De certo me não aconselha que walse em caza com a tia Hortensia.

JULIO

Nem v. ex.ª me pede conselhos a respeito das suas walsas. É alta diplomacia das senhoras a walsa. Não póde ser dirigida por conselhos meus.

BARONEZA

E se eu lhe pedisse que me aconselhasse?

JULIO

Declarava-me incompetente, minha senhora.

BARONEZA

Ahi tem novo motivo para eu ir aos bailes. Desde que me recusa os seus con-

selhos, tenho de ir procurar quem me faça o favor que o sr. Julio me néga.

JULIO

Declarar-me incompetente não é negar o meu conselho. É duvidar de que seja bom, e principalmente de que lhe seja agradavel.

BARONEZA

Então condemna a walsa? Aposto que sim? Nem lhe perdôa em lembrança de ter sido pela walsa qne principiou o nosso conhecimento. N'esse tempo — e não vai longe, foi no anno passado — o sr. Julio gostava immenso de walsar. Quando chegou do regimento e me foi apresentado por seu pai, convidou-me para a walsa immediata, e ainda no fim da noite foi meu pár no *cotillon*. Não se recorda?

JULIO

E como podia eu esquecer tão deliciosos instantes?

BARONEZA

Pois agora mudou.

JULIO

Não diga isso, Eugenia. Eu não mudei; as circumstancias é que mudaram. Vinha da provincia sequiozo dos divertimentos da capital, gostava de dançar para exercicio physico, e a dança era-me pretexto para conversar com as senhoras. Hoje...

BARONEZA

Hoje á sêde dos divertimentos succedeu a saciedade e o enfado. Não carece de exercicio nem já lhe apraz conversar com as senhoras. Bem se vê. Anda pelos cantos das salas e encostado ás portas! Parece alma em pena. Por sacrificio dança ás vezes comigo.

JULIO

Esse seu genio alegre nas coisas mais serias atormenta-me cruelmente.

BARONEZA

Nem ha coisa mais seria n'este mundo que uma walsa a dois tempos! Mal se póde fallar d'ella sem ter os olhos humedecidos de pranto, e o coração atribulado e dorido.

JULIO

Não zombe, Eugenia, que eu não lh'o mereço. Pois acha que me deve agradar vêl-a nos braços de outro homem entregue unicamente á sua direcção, quasi sentindo arquejar-lhe o coração e contando no respirar apressado as pulsações d'elle? Quando a vejo assim, Eugenia, cuido que já não é a minha noiva, e que se vai affastando para longe em cada giro da walsa para mais não voltar. No perpassar pelo sitio d'onde a estou contemplando, parece-me que veio perto de mim a amargurar-me com o desapparecimento immediato. Até quando no voltear incessante os seus formosos olhos encontram os meus, é como se me dissesse: «Já não sou a sua noiva. Vê? Outro homem tomou-me nos braços. Agora sou d'elle. Vou para onde vae, giro na sua orbita, e por tal forma lhe pertenço, que se o largasse de repente, não poderia suster-me em pé.» E julgo então que tudo acabou entre nós.

BARONEZA

Bem. Quer pois que eu não walse mais.

Deseja que fique sentada a conversar com as tias, e co'as mamãs.

JULIO

Não disse tal. Contei-lhe o que sinto e não sei o que desejo. Estremeço de a vêr walsar e não me atreveria a pedir-lhe que o não fizesse.

BARONEZA

Agora entendo. Vive atormentado entre a walsa e o ridiculo de a prohibir e cóm todo o seu valor não póde affrontar nem um nem outro perigo.

JULIO

Diz bem, Eugenia. Vivo atormentado e muito. Já agora quero revelar-lhe todos os tormentos que padeço. Enraivece-me e desvaira-me a walsa, porém a sua alegria, o sorriso affectuoso, e a affabilidade quasi intima com que trata a todos, ainda me flagellam mais. Não sinto differença entre o acolhimento que dispensa aos outros e a benevolencia com que me honra a mim.

BARONEZA

Pois nem ao menos sente que eu sou sua noiva, e que não sou noiva dos outros? Suspeita de mim e quer-me para companhia da existencia inteira! Para lhe inspirar confiança na lealdade dos meus sentimentos tenho de sacrificar os desenfados mais innocentes, e até as demonstrações de cortezia e de affabilidade para com todas as pessoas. Quer-me sedentaria como qualquer avó, e rispida como as solteironas mais ferozes! Talvez gostasse de me vêr beata? Novenas em vez de walsas, e exercicios espirituaes em logar de conversações mundanas! Não é assim?

JULIO

Nunca ficam mal a uma senhora actos religiosos. Antes me parece que toda a gente adquire n'elles força para vencer muitas contrariedades da vida. Beata não lhe digo que seja, nem desattenciosa, nem desagradavel, nem semsaborona. Se não me entende, ou me não quer entender, se persiste em me confundir cô'a turba dos rapazes que a cer-

cam nos bailes, se a bondade com que os escuta ha-de continuar a ser igual á que me destina a mim, e se valem menos no seu espirito jovial os meus desgostos que o prazer d'uma walsa, é que ha entre nós. Eugenia, dissentimentos tão profundos que difficilmente poderiam desvanecer-se. Não lhe imponho preceitos, nem me julgo com direito para tanto. Narrei os meus pezares á pessoa que mais do coração estremeço. Vejo que os escarnece. Evitarei pois ser alvo de novos gracejos que me dilaceram a alma e matam as minhas illusões mais queridas.

BARONEZA

Julio...

SCÊNA VIII

GUSTAVO e os mesmos

GUSTAVO

Aos pés de v. ex.ª, sr.ª baroneza. Bons dias, Julio. Tambem madrugaste hoje.

JULIO

Bons dias, meu pai. Procurei-o antes de sair, mas o criado disse que tinha vindo para aqui.

GUSTAVO

Vim saber d'estas senhoras (para a Baroneza.) Cuidei que estavam doentes. Hontem com o meu boston mal avistei a v. ex.ª no baile. Depois corri as salas todas, mas já lá não estavam. Sahiram muito cêdo. Pois o baile de hontem foi dos melhores d'este inverno.

BARONEZA

Então parece-lhe que me auzentei muito cêdo? Talvez nem todos sejam da sua opinião. (Olhando para Julio). Eram duas horas da madrugada.

GUSTAVO

Duas horas é cedissimo. Eu vim para caza perto das quatro, e não achei tarde. A mocidade quer-se nas festas e nos bailes. Se até os velhos, como eu, gostam, quanto mais as senhoras novas e elegantes como v. ex.ª

JULIO (áparte)

Ahi vem meu pai dar armas contra mim.

BARONEZA

Entretanto ha quem pense que os bailes são reuniões perigosas, actos de pura ostentação, e só bons para almas indifferentes, feira de noivos, ou mercado d'amores fingidos, segundo diz a tia Hortensia.

GUSTAVO

Ah! isso é outra coisa. v. ex.ª agora falla pela tia Hortensia. Eu já tinha curiosidade de saber quem era a discreta pessoa que tamanhos perigos via nos bailes.

JULIO (áparte)

Está-me a dar vontade de dizer quanto me vem agora á idéa! Meu pai é incrivel!

GUSTAVO

A tia Hortensia é das melhores creaturas que eu conheço, porém ás vezes tem lembranças! V. ex.ª é muito nova, mas eu

posso affirmar-lhe que nem sempre foi essa a opinião de sua tia. A gente muda muito.

JULIO (áparte)

Parece apostado a flagelar-me. E a baroneza então a puxar-lhe pela lingua!

GUSTAVO

Quando a tia Hortensia walsava nos bailes com o tenente coronel Malheiros, e com aquelle bom deputado Guimarães, (Ri a baroneza; Julio sorri de má vontade) não chamava ás reuniões da sociedade feira de noivos. Ainda hontem ella esteve gabando a seu primo Carlos de Mello as festas d'esse tempo. Já vê v. ex.ª que os bailes nem sempre foram tão máus como isso.

BARONEZA

A quem o está dizendo? Eu sempre gostei de bailes.

GUSTAVO

Tambem era o que faltava, e na sua idade v. ex.ª passou hontem por ser a rainha do baile em belleza e elegancia. Assim m'o disse com grande enthusiasmo agora mesmo

seu primo Carlos de Mello. Se o ouvisse discorrer a respeito do vestido, do toucado, dos brilhantes...

JULIO (áparte)

Meu pai quer enlouquecer a baroneza!

BARONEZA

Onde encontrou esse meu querido apologista?

JULIO (áparte)

Vaidade feminina! Já é querido! Vejam lá!

GUSTAVO

Está no jardim a escolher uma rosa, mas não tarda ahi.

JULIO

Se me dão licença, vou ter com elle. (Aparte) Eu já não podia mais!

GUSTAVO

Pois vae. Deixei-o ao pé do tanque de cima. Ouvirás da bôcca d'elle maravilhas a respeito da sr.ª baroneza.

BARONEZA

Não se demore muito, sr. Julio, que são horas d'almoçar.

JULIO (Com ironia)

Voltarei immediatamente a trazer aos pés de v. ex.ª o proclamador da sua realeza.

SCENA IX

GUSTAVO e a BARONEZA

GUSTAVO

Peço desculpa, minha senhora, de ter vindo interromper a conversação de dois noivos. É responsabilidade grave. Perdôe-me v. ex.ª, que do meu Julio sei eu que me não perdôa facilmente. Elle não vê no mundo senão a v. ex.ª; não falla em outra pessoa; nem vive senão para adoral-a.

BARONEZA

Que pena não ter vindo mais cedo o sr. Gustavo de Souza, e não ter ficado ali á porta de modo que ouvisse o que nós diziamos!

GUSTAVO

Faço idéa, sr.ª baroneza. Tambem fui noivo e ainda me recordo das delicias d'essa época affectuosa e dedicada. Provavelmente estavam a imaginar o futuro quando já fossem casados, e andassem juntos pelos passeios e pelos bailes.

BARONEZA

Ou pelas novenas e pelos lausperennes. O sr. Julio, agora, parece desejar que eu me faça beata.

GUSTAVO

Está brincando, minha senhora?

BARONEZA

Nunca fallei com maior seriedade. Seu filho não gosta que eu vá aos bailes, nem que walse a não ser com elle, nem que seja alegre e affavel com os outros. Não me impõe esses preceitos porque tem medo do ridiculo, mas entristece, amua, e vem fazer-me sermões. Não sei que amor é o d'elle. Eu se o julgasse capaz de me enganar, se desconfiasse da sua lealdade, não o queria para

marido. Entendo que podem sem desar quebrar-se as promessas de casamento, mas não supporto o ciume. É insulto aos outros e desconfiança de nós mesmos.

GUSTAVO

Discorre v. ex.ª com grande acerto, porém não repara em que a paixão é insensata. Nunca approvei o ciume, nem approvo, mas quem o sente a estorcer-lhe o coração, e não póde desarraigal-o, merece alguma indulgencia. E no fim de tudo essas questões entre v. ex.ª e meu filho, não passam d'uns arrufositos que o casamento afugentará para sempre. Eu vinha hoje pedir-lhe licença para apressar este enlace que mil conveniencias determinam e que meu filho tão ardentemente deseja. Em oito dias podem estar casados.

BARONEZA

Não lhe ponho nenhum obstaculo, bem o sabe, mas é necessario que o sr. Julio queira. Pela minha parte desobrigo-o da sua palavra. Porque o estimo devéras, não desejo transtornar a felicidade d'elle.

GUSTAVO

Mau, mau, mau! Pois chegaram a esses termos?

BARONEZA

Chegou elle, e não posso referil-o sem me commover. Disse-me que havia dissentimentos profundos entre nós ambos. E não sei porque. Custa-me a acreditar que seja unicamente por causa d'umas walsas de que eu gosto, com que elle se afflige, e que tem vergonha de me prohibir. Mas seja qual fôr a causa, eu estou prompta a fazer-lhe a vontade em tudo. Sómente exijo que o sr. Julio de Souza assuma francamente a direcção da minha vida inteira. Querer e não querer é que não entendo.

GUSTAVO

Vou já fallar a meu filho. São endiabrados estes rapazes! Ninguem sabe quando os tem pelos pés nem pela cabeça! Mas v. ex.ª conhece o bom caracter de Julio, a inquebrantavel lealdade do seu coração, e a apurada sensiblidade d'aquella alma ex-

cellente. Não estranhe que tenha os defeitos correspondentes aos dotes que lhe mereceram a estima de v. ex.ª, e modere-o, dirija-o suavemente.

BARONEZA

Não posso, nem sei. Até dos meus gracejos mais innocentes se offende!

GUSTAVO

Arrufos de namorados. Eu espero que tudo isto acabará em breve. Entretanto v. ex.ª sustenta a palavra dada a meu filho?

BARONEZA

Absolutamente. Sou, como fui até agora, a noiva do Sr. Julio de Souza, mas, torno a dizel-o, desobrigo-o de todas as suas promessas. Bem vê que não sou exigente.

GUSTAVO

É uma creatura angelica, sr.ª baroneza. Não dê valor ás originalidades do meu filho, e acredite no amor profundissimo que Julio lhe consagra. Elle póde ser desatinadamente cioso, e desde já aváro do thesouro inexti-

mavel que lhe está promettido, mas ninguem é mais dedicado a v. ex.ª, minha senhora, nem conhece e aprecia melhor as suas virtudes.

SCENA X

Os mesmos, CARLOS de MELLO e JULIO de SOUZA

CARLOS

Á elegante rainha do baile de hontem, minha encantadora prima, os meus respeitosos cumprimentos e esta linda camelia...

BARONEZA

Que veio colher no meu jardim.

CARLOS

É verdade, prima. Se não tenho jardim, nem sei onde haja flôres tão formosas como esta! Eu podia passar, vêr as rozas, admiral-as, e não as tirar d'onde estavam, mas pareceu-me que a rainha das flôres devia prestar homenagem á rainha das festas da nossa capital, e por isso trouxe esta camelia aos pés de v. ex.ª. Digne-se de ac-

ceital-a, prima baroneza, em testemunho da minha admiração e do meu maior respeito.

BARONEZA

Este meu primo é extremamente amavel.

JULIO (áparte)

Pois não! Muito amavel e muito petisco.

BARONEZA

Mas eu quero pedir-lhe que me não acclame rainha dos bailes, nem de nenhuma outra coisa. Não tenho ambição de reinar em tempos tão revoltos. Anda agora sujeita a muitos azares a realeza. Até já custa a encontrar quem acceite similhante dignidade. Não se lembra d'aquelles versos de Garret?

«Pôr limites ao imperio
E ter um vassalo só.»

Pois é a minha ambição.

JULIO (áparte)

Agora quer vêr se dá volta ao miolo áquelle pateta!

GUSTAVO (áparte)

Tudo isto vae mal. É indispensavel interromper esta conversação e casal-os quanto antes.

CARLOS (Olhando para Julio que se mostra zangado)

Feliz vassallo de tão esbelta rainha!

JULIO

Obrigado. (Aparte) Que tolo!

BARONEZA

Feliz não é quem o parece, mas quem assim se julga...

GUSTAVO (Cortando a conversação para evitar novo amuo)

E nós todos nos damos por felizes em merecermos as bondades e attenções de v. ex.ª Até muito breve, sr.ª baroneza. Aos pés de v. ex.ª.

BARONEZA

Não querem almoçar comnosco?

TODOS

Muito obrigado a v. ex.ª.

JULIO

Adeus, minha senhora.

BARONEZA

Até o sr. Julio nos deixa?!

JULIO

Se v. ex.ª não manda o contrario... (Vão saindo os outros)

BARONEZA

Pois eu mando que fique.

SCENA XI

JULIO e a BARONEZA

JULIO

Aqui estou, sr.ª baroneza. Que me ordena?

BARONEZA

Não seja assim, Julio. Não quero que saia d'esta casa de mal commigo. Sabe que o amo devéras; que já o admirava, sem conhecel-o, pelos actos de valor que lhe alcan-

çaram geral sympathia. Não ignora que o preferi a todos, acceitando, ou para melhor dizer, desejando obter para companheiro da minha existencia e para meu protector o mais honrado mancebo entre quantos sobresáem na sociedade de Lisboa. E não foi de certo para desgostal-o que o escolhi para noivo. Sou alegre e affavel para todos; sempre assim fui; não está mais na minha mão; porém affectuosa e dedicada só para o homem que amo com toda a vehemencia da minha alma. Diga o que devo fazer. Tenho a peito convencel-o de que não sou frivola, nem indifferente a qualquer desejo seu.

JULIO

Que hei de eu dizer-lhe? Tal é a minha desgraça que não posso condemnar os actos que me atormentam! Fôra loucura querer affastal-a dos bailes, ou pedir-lhe que trate com desprezo os outros homens, infringindo os preceitos da boa educação, e todavia exasperam-me as suas walsas, e os seus sorrisos, e a sua graciosa animação, quando falla seja a quem fôr. Sou ridiculo. Bem o sei. Paciencia.

BARONEZA

O receio do ridiculo tem por fundamento a vaidade. Não tema as censuras alheias. Eu hei-de obedecer-lhe sem revelar de quem foi o preceito. Que mais quer?

JULIO

Mas não ha-de viver só! Ora a sua affabilidade, esse sorriso tão affectuoso para todos... Isto em mim é doença, e vejo que não tem remedio.

BARONEZA

Ha-de ter, Julio, ha-de ter por força. É natural o meu sorriso, mas ensine-me a riprimil-o. Pois não ha-de haver meio de lhe aquietar o espirito? Pouco vale o meu affecto, se não chega para tanto. Diga. Falle.

JULIO

Não me atrevo. Adeus, minha senhora. Eu estou realmente louco. Não pense mais em mim. (Vai a querer sair).

BARONEZA

Não se vá embora. Falta-lhe valor para dirigir uma mulher, disposta a obedecer-lhe em tudo? Unicamente lhe peço que me guie, e que me indique o meio de restabelecer a harmonia entre nós. Diga e, seja o que fôr, será cumprida a sua vontade.

JULIO

Seja o que fôr?

BARONEZA

Seja o que fôr. Sim. Quero merecer o seu amor, conquistar de novo a confiança que me é devida, e provar-lhe que sou digna do homem que escolhi.

JULIO

E se eu lhe pedisse que matasse para sempre esse brilhante sorriso, encantador para mim que o adoro, mas igualmente acariciador para todos?

BARONEZA

Não peça. Mate-o se póde. Eu não sei como hei-de fazel-o.

JULIO

Não sabe, Eugenia? Aposto que se lhe faltasse um dente, não sorria tanto.

BARONEZA

Ah! é isso? (Levanta-se) Pois o remedio não está em Roma. (Vai á meza F. D. e toca uma campainha).

SCENA XII

Os mesmos e DOMINGOS

BARONEZA

Vá aqui ao segundo andar do predio visinho chamar o doutor Lieb.

DOMINGOS

O dentista?

JULIO

Mas, sr.ª Baroneza...

BARONEZA (Para o criado).

Esse mesmo.

DOMINGOS (aparte, saindo).

Trapalhadas e mais trapalhadas! Cada vez percebo menos.

SCENA XIII

JULIO e a BARONEZA

JULIO

Que faz, Eugenia? Eu não...

BARONEZA

Que faço? Vai ver...

SCENA XIV

Os mesmos e D. HORTENSIA

D. HORTENSIA

Então foram-se embora todos? Hoje é moda fazerem-se visitas de poucos minutos, das taes que se chamam visitas de medico. O primo Carlos não quiz almoçar comnosco, nem o sr. Gustavo de Souza?

BARONEZA

Ora, o primo Carlos não é homem para se demorar uma hora em parte nenhuma. Se ha moto continuo, é n'elle!

JULIO

Meu pai não podia demorar-se. (áparte). Escolheste a occasião para vires interromper-nos!

D. HORTENSIA (Atravessando a scena, áparte)

Estão arrufados. Conhece-se logo. Pois hei-de saber porque é. Alguma semsaboria! (Alto) N'esta sala está mais calor que no teu quarto, Eugenia. (Senta-se á D.).

BARONEZA

É que a tia deixou apagar o fogão.

D. HORTENSIA

Creio que sim. Não gosto de fogão no quarto de dormir, e tu ainda apanhas alguma doença por teres sempre lume no teu quarto. Se eu tal fizesse, meu Deus da minha alma! era enxaqueca todos os dias,

Muitas vezes me contou o tenente coronel Malheiros que estivera quinze dias de cama na cidade da Guarda por ter consentido em que lhe puzessem no quarto da cama uma brazeira. Deus me livre de tal!

SCENA XV

Os mesmos e DOMINGOS e o doutor LIEB

DOMINGOS

O sr. dr. Lieb. (Sae).

DR. LIEB

Venho receber as ordens de vossa excellencia.

BARONEZA

Bons dias, doutor. Tenha a bondade de me acompanhar.

JULIO

Mas sr.ª baroneza...

BARONEZA

Eu volto já. Não me demoro nada. São só duas palavras ao doutor. (Sae com o dr. Lieb, D.)

SCENA XVI

D. HORTENSIA e JULIO

D. HORTENSIA (áparte)

Aqui ha coisa. (Alto) Então, sr. Julio, quando se realisa este feliz consorcio?

JULIO

Quando a sr.ª baroneza ordenar. Esse negocio ficou entregue a ella e a meu pai. Está em bôas mãos.

D. HORTENSIA (áparte)

És muito novo para me enganares. (Alto). Cuidei que a demora fosse por sua cauza. Os rapazes d'agora não se resolvem facilmente a prenderem-se nos laços do matrimonio. Lembra-me sempre quando o deputado Guimarães dizia na sala diante de todos que o homem só devia casar ao cair dos dentes. Coitado! Dizia aquillo e andava a instar commigo, a instar! Mesmo doidinho de todo. É verdade, e a proposito de dentes sabe para que vem cá o dentista?

JULIO

Eu não sei nada, minha senhora. (Ouve-se um grito). Oh! meu Deus!

D. HORTENSIA

Não ouviu? (Levanta-se). Eu vou saber o que foi isto. (Sae).

SCENA XVII

JULIO (só)

JULIO

Que fui eu fazer? Consentir em similhante sacrificio! Que loucura! Que vergonha! Mas eu não queria... não exigia...

SCENA XVIII

JULIO e a BARONEZA

BARONEZA (Encubrindo com o lenço a bocca e trazendo na mão o dente)

Agora deve estar satisfeito!

JULIO (Querendo ajoelhar).

É um anjo, querida Eugenia! Perdoe-me. (A baroneza levanta-o).

SCENA XIX

Os mesmos e D. HORTENSIA

D. HORTENSIA (Apparece á porta por onde veio a baroneza).

Senhor Deus, misericordia! Vão todos parar a Rilhafolles! Havia de ser commigo! Aquelle rapaz é um monstro!

Cae o panno

FIM DO PRIMEIRO ACTO

ACTO SEGUNDO

Sala de livraria em caza de Gustavo de Souza. Meza com papeis e livros.

SCENA I

JULIO e CARLOS

JULIO (Ao fogão em uma poltrona. Carlos ora se aproxima do lume, ora passeia)

Falla baixo, Carlos. Minha tia está hoje mais incommodada, e no quarto d'ella ouve-se a bulha que se faz aqui. Podes declarar-te contra a minha opinião sem gritar.

CARLOS

Não sabia que a sr.ª D. Clara estava doente. Talvez fosse melhor ir-mos para outra sala. Vê lá.

JULIO

Não é necessario. Basta fallar mais baixo. Ella não tem molestia grave, mas sempre a inquieta o ruido. E eu ás vezes esqueço-me.

CARLOS

Eu então não posso emendar-me do maldito costume de erguer a voz nas discussões, e tu irritas-me com as tuas opiniões ácerca das mulheres.

JULIO

Pois tem paciencia, torno-te a dizer que a mulher é toda nervos que se contraem ou distendem até com a mudança da temperatura. A mulher d'hoje não é a mesma d'hontem, nem a d'amanhã será a mesma d'hoje. Mudam sempre. Parecem grimpas.

CARLOS

Com que então *La donna é mobile?* Te-

mos a aria do Rigoleto sem musica. Adoptas a frase de Francisco I!

JULIO

Mas é verdade, meu caro amigo. Nas mulheres tudo é capricho; grandes alegrias apoz lôbregas trîstezas, e profunda melancholia alternada com jovialidades excessivas ou inopportunas. Em fim uma especie de instrumento que não pode conservar afinação. E não ha que investigar a respeito das cauzas. Desafinam porque desafinam. Desandam-lhes as caravelhas sem a gente lhes tocar.

CARLOS

É falso, falsissimo. Tenho por tão delicada a sensibilidade da mulher que me parece esquivar-se á nossa appreciação. Vemos os effeitos; ignoramos as cauzas; e em vez de estudarmos até as descobrir, declaramos que o sexo feminino procede unicamente por capricho e que a mulher é toda nervos. Não podendo desatar o nó, cortamol-o. Não ha solução mais facil.

JULIO

Tu ès capaz de sustentar que as mu-

lheres fallam, riem, choram, amuam e desamuam, encantam a uns e desagradam a outros, brilham frivolamente nos bailes ou se resignam á solidão, tudo por effeito das maiores combinações do raciocinio. Tens engenho para muito mais.

CARLOS

Obrigado, meu amigo. Não me venceste pelos argumentos; olha que pela lisonja não me levas.

JULIO

Qual lisonja nem meia lisonja. Tu és um moço de talento, mas fizeste-te paladino das damas, e vais por caminho errado. Para ti a mulher é a philosophia em carne e osso, e provavelmente philosophia allemã que passa por ser a mais elevada, e tambem a que menos se entende.

SCENA II

Os mesmos e um criado

CRIADO

Entrou agora um sujeito no jardim e vem

aproximando-se do pateo. Eu vi-o da janella e vim perguntar se hei-de dizer que v. ex.ª está em caza.

JULIO

Algum massador. Eu não estou para aturar ninguem. Não conheceste quem era?

CRIADO

Elle não me é estranho. Creio até que já o vi cá em caza, mas não me pode occorrer quem seja.

CARLOS (Chegando á janella)

Olha, olha, nem tu imaginas quem é! Não sabia que estava em Lisboa.

JULIO (Idem).

Ora esta! É o visconde da Touça. Que entre, que entre já.

SCENA III

CARLOS e JULIO

CARLOS

Então elle agora é visconde? Foi de certo

agraciado ha pouco tempo. Eu bem novo sou e conheci o pai guarda livros.

JULIO

É o mais moderno dos viscondes. Ainda não haverá quinze dias que saiu da forja do ministerio do reino.

CARLOS

São todos aspirantes a viscondes os diplomaticos. Gostam de que lhes chamem *Mr. le vicomte*. É forte mania quererem mudar de nome! Vê a gente um amigo á noite. É o sr. José d'Almeida. Vai procural-o de manhã e encontra-o chrismado em barão do seu quintal ou em visconde da travessa mais proxima! Que piéguice!

SCENA IV

Os mesmos e o visconde da Touça

JULIO

Anda cá, meu visconde. Então chegas a Lisboa, e não avizas os amigos!

CARLOS

É verdade. Eu julgando que estavas a escrever notas diplomaticas, a comer truffas, e a dançar por essas côrtes da Europa, e tu appareces-me em Lisboa.

VISCONDE

Nós somos uma especie d'andorinhas. Andamos em movimento continuado. Olhem que já tinha saudades da nossa capital. Lá fóra a gente diverte-se. Aquillo é bom, muito bom, mas de vez em quando sempre chegam as saudades da patria. E teu pai e a tua tia Clara como estão? E a baroneza de Florido e a tia Hortensia?

JULIO

Meu pai está optimo; minha tia sempre adoentada. Agora a respeito das sr.as Mellos ahi tens o primo.

CARLOS

Estão bôas. A baroneza cada vez mais formosa, e a tia Hortensia como sempre.

VISCONDE

Ainda falla no deputado Guimarães e no tenente coronel Malheiros?

CARLOS e JULIO

Está visto!

VISCONDE

E vocês que fazem? Em que passam a vida?

JULIO

Não fazemos nada. Agora quando tu chegaste estavamos, eu e o Carlos, a questionar a respeito das mulheres. O Carlos de lança em riste a defender todas as Dulcineas imaginaveis, e eu a deitar-lhe agua na fervura do enthuziasmo. Tu vieste muito a proposito. Vais dizer-nos o teu parecer ácerca das mulheres.

CARLOS

É verdade. Venha a tua opinião. O diplomata tem obrigação de estudar as mulheres para ser bem succedido nas negociações com os homens. Tu já conheces meia Europa. Deves entender do cazo muito mais

do que nós, e mal de ti se és leigo na materia. Não chegas a Talleyrand.

VISCONDE

Meus amigos, a diplomacia estuda tudo, mas não resolve nada. Ha diplomatas para quem a mulher é machina de tocar e de cantar, de walsa e de contradança, de olhar e de conversar, de escrever bilhetes perfumados, e de revelar segredos por fraqueza ou imprudencia. Eu conheci um ministro napolitano que dizia: «A mulher é um realejo que, em se lhe tocando bem á manivella, dá frioleiras e mexericos.»

JULIO

Apanha, Carlos. anda. Vai ouvindo.

CARLOS

Ah! tu vens assim?

VISCONDE

Espera. Eu ainda não concluí. Ha porém diplomatas d'opinião differente e não são dos menos observadores e entendidos. Estes então affirmam que a natureza concedeu á mu-

lher todas as boas qualidades do homem, e de mais-grande sensibilidade, extraordinaria penetração, gosto apuradissimo, tenacidade inquebrantavel, facilidade em resolver e valor sem hesitações para executar.

CARLOS

Bravo, meu visconde. Se eu fosse ministro dos negocios estrangeiros dava-te um posto de accesso. Aprende, Julio, aprende. Aquella é a boa doutrina.

JULIO

Pois será. Nas opiniões dos diplomatas ha para todos os paladares, mas o visconde ainda não deu o seu voto.

VISCONDE

Nem dou, meus amigos. A mulher é tudo quanto allegam uns e tudo quanto referem os outros. E muito mais, muito mais porque não ha duas mulheres similhantes. A gente observa uma e outra e outra e outra, e depois diz: «Eu conheço bem as mulheres.» Illusão completa! Conhece aquellas. As outras são inteiramente differentes. (Levanta-se).

Sabem que mais rapazes? N'este assumpto é que vem de molde o proverbio portuguez: «Cada qual diz da festa como lhe vai n'ella.» São admiraveis as theorias, mas a pratica...

CARLOS

Sempre nos saiste um diplomata! Bem dizias tu que a diplomacia estuda tudo e não resolve nada.

VISCONDE

E olhem vocês que é a coisa mais sensata que ella faz. Ha por ahi diplomata que nem para regedor de parochia.

JULIO

Pois sim, meu amigo. Tu foste mudando a questão das mulheres em geral para a mulher que cada um de nós tem no pensamento. Evitaste a synthese e foste para a analyse, como diria qualquer parvo com mania de philosopho. Mas eu volto para a generalidade e persisto na minha. Vão-se-me dissipando as illusões. Se a mulher fosse como tu imaginas, meu Carlos, valia bem mais que o homem.

CARLOS

De certo. E muitas vezes vale mais do que elle.

JULIO

Então é melhor entregar-lhes o governo do mundo.

VISCONDE

Sempre te digo que o não dirigiam peior. Talvez não houvesse muitos disparates, tamanhas covardias, e tanto para rir como a gente vê a cada passo.

CARLOS

Ha senhoras de grande talento, e de juizo superior. É fóra de duvida.

JULIO

Para arrumar bahús de roupa, como dizia D. Francisco Manuel de Mello.

VISCONDE

Ora essa!

CARLOS

Vejam o que elle foi citar! Uma anedocta que vinha ha dias n'esses jornaes de

noticias! E D. Francisco Manuel de Mello! Que auctoridade!

JULIO

Então é barro? Estou vendo que não presta o auctor da Carta de Guia de Casados!

CARLOS

Presta, sim. D. Francisco Manuel foi homem de grandes letras e homem de côrte, mas não sabes que a respeito de mulheres pode com razão ter-se por suspeito?

JULIO

Não sei, não. Nunca ouvi, que me lembre, coisa similhante.

VISCONDE

Nem eu tão pouco.

CARLOS

Pois então saibam que D. Francisco Manuel andava namorado da condessa de Villanova e Figueiró, e D. João IV que suspeitava da fidelidade de toda a gente, pediu á condessa que experimentasse a lealdade de

D. Francisco, convidando-o a seguir o partido de Castella. Assim o fez, e D. Francisco para lhe agradar, e por dar pouca importancia a negocios tratados por mulheres, fingiu annuir. A condessa deu parte a el-rei, e D. João IV com a sua costumada indulgencia pregou com elle na Torre onde gemeu um bom par d'annos. Depois ficou sendo gato escaldado que até de agua fria tem mêdo.

VISCONDE

Eu já li isso, ou successo parecido com esse, mas não me recordo em que livro foi.

CARLOS

Em todo o cazo não se póde negar que tem havido mulheres de grande capacidade. Izabel de Inglaterra, Izabel a Catholica, Catharina da Russia, Christina da Suecia...

JULIO

Está evidente. Tomas para regra as excepções. Porque não fallas tambem da Pompadour e da Maintenon, e da du Barry? Olha que governaram a França, e deram boa conta do recado.

VISCONDE

Tu estás endiabrado contra o sexo fragil.

CARLOS

Valha-te Deus, Julio. Um noivo a dizer coisas d'essas. Se minha prima te ouvisse...

SCENA V

Os mesmos, e GUSTAVO á porta do F., sem ser visto

JULIO

Ahi vens tu com o noivo! Argumento *ad hominem*. Signal de fraqueza. Abrigo de jornalista derrotado. Como ha noivos e chega a haver casamentos, segue-se que a mulher é o ideal da creação. Triste causa que não póde ser defendida d'outro modo! Eu cá mantenho o que disse. As mulheres...

GUSTAVO (Descendo para o meio d'elles e fallando a JULIO)

São nossas mães, nossas irmãs, nossas filhas, nossas esposas, encanto da existencia, socias da vida inteira, conforto nas desventuras, consolo nos lances perigosos, e sem-

pre dedicação e amor, desde que nos braços das mães agradecem em mimosas caricias os primeiros cuidados, até á hora em que no leito da morte se despedem de nós e nos abençoam pela ultima vez. Tu estavas brincando, Julio. Pesar-me-hia de que professasses taes opiniões. Agora peço-lhes licença, meus senhores, para trabalhar n'esta sala. Tenho que examinar aqui uns papeis. Está acceso o fogão na caza do bilhar. Podem continuar lá a sua discussão. E não me poupem esse rapaz, sr. Carlos de Mello e sr. visconde. Vae-se-me fazendo urso. Vejam se o domesticam. (Para o visconde). Folguei muito de o vêr, sr. visconde, e desejarei que nos não fuja em breve como costuma. Até logo.

JULIO

Meu pai...

GUSTAVO

Está bom, está bom. Sustenta os teus paradoxos que elles t'o dirão. (Saem os tres E. B.)

SCENA VI

GUSTAVO (só)

GUSTAVO

Vamos a isto. Se os não caso com brevidade, sae tolice e graúda. A baroneza de repente desappareceu dos bailes e dos passeios; não quer ir ao theatro e já nem gosta de conversar. Meu filho principia quasi a fugir da noiva e diz mal das mulheres á feição dos namorados infelizes. Aqui anda criancice de marca maior. E não pode ser da baroneza que é senhora de muito merecimento e de notavel juizo. São estroinices do meu Julio. Pois tratemos de lhes pôr cobro. (Senta-se á meza.) Cá estão os papeis todos. Meu filho tem a caza de sua mãe. Boa caza de pão, vinho, e azeite. Não falta nenhum titulo. Temos agora os bens da baroneza, propriedades em Lisboa e bem arrendadas, segundo rezam estes documentos. E para ambos a magnifica herança do arcediago, cento e tantos contos em dinheiro. Ficam

ricos. E se a tia Hortensia quizesse dar aos noivos a sua grande legitima, o predio do Rocio, e a quinta d'Alverca, era oiro sobre azul; mas não é natural. Aquella incessante recordação do deputado Guimarães é mais saudade do matrimonio que do noivo. Tomára ella casar. Mas emfim já ficam muito bem com o que lhes pertence. Amanhã podem lavrar-se as escripturas. (Levanta-se e vem para a scena) Tudo está excellente. Falta agora que meu filho queira fazer alguma grande rapaziada. Eu já nem o entendo bem a elle, nem á baroneza.

SCENA VII

Os mesmos e um criado

CRIADO

A sr.ª baroneza de Florido e a sr.ª D. Hortensia de Mello. (Entram na sala. O criado sae.)

SCENA VIII

GUSTAVO, BARONEZA e D. HORTENSIA. D. B.

GUSTAVO (Correndo a recebel-as.)

Sr.ª baroneza, minha senhora. Não espe-

rava agora a honra da sua visita. Como está v. ex.ª? Á sr.ª D. Hortensia não ha que perguntar. Optima sempre.

D. HORTENSIA

Graças a Deus, tenho excellente saude. Outro tanto não acontece cá por caza, segundo nos disseram. Soubemos que a sr.ª D. Clara estava peior e viemos procurar noticias d'ella.

GUSTAVO

Peior não se pode dizer que esteja... Minha irmã andava muito constipada e sobrevieram-lhe enxaquecas fortissimas. Não sae do quarto ha tres dias, mas eu vou mandar saber... (Movimento de levantar-se.)

BARONEZA

Nada, nada. Eu é que vou ao quarto d'ella.

GUSTAVO

Como v. ex.ª quizer.

D. HORTENSIA

Vai, vai, menina. Eu lá vou ter já. Quero descançar aqui um instante. (Sae a baroneza e Gustavo acompanha-a até á porta.)

SCENA IX

D. HORTENSIA e GUSTAVO

D. HORTENSIA (Levantando-se e indo ter com Gustavo.)

Então que novidades são estas, sr. Gustavo de Souza? Minha sobrinha parece outra desde que fez a grande tolice de ceder aos caprichos de seu filho. Nunca mais teve alegria. Não ha ver-lhe os dentes. Ó meu Deus! Como são os homens d'hoje! Se o deputado Guimarães era capaz de exigir similhante coisa a uma senhora!... E notam que eu falle n'elle muito a miudo. Pudera não! É que, meu caro sr. Gustavo, deputado Guimarães houve só um. Pelo menos não se encontram caracteres iguaes ao d'elle nos rapazes d'agora. E então de que serviu aquelle grande sacrificio da Eugenia? O sr. Julio anda sempre triste e cabisbaixo. Ha dois dias que o não vêmos! Isto é inaudito da parte d'um noivo! Eu creio que elle tem vergonha do que praticou. E ainda bem. Quando o tenente coronel Malheiros...

GUSTAVO

Mas sr.ª D. Hortensia por quem é. Eu não entendo nada do que v. ex.ª me está dizendo. Que sacrificio exigiu meu filho? Que fez elle de que lhe caiba envergonhar-se?

D. HORTENSIA

Ah! não sabe? (Senta-se.) Eu logo vi que elle não lhe contava nada! Pois não sabe que elles tiveram lá em caza uma grande questão? Elle a accuzal-a de ser amavel e risonha para todos, e ella, coitada, a desculpar-se e a pedir-lhe que indicasse o meio de justificar-se e de provar-lhe que a todos tratava bem, mas sómente a elle preferia e amava.

GUSTAVO

Pois se o escolheu para noivo! Que maior prova queria?

D. HORTENSIA

Isso mesmo dizia a pobre rapariga, e elle a sarrazinar, a sarrazinar com os bailes, e com as walsas, e com o sorrizo que era para

todos como para ella. E já se ia embora de mal com a baroneza!

GUSTAVO

É inaudito! E depois?

D. HORTENSIA

Depois tornou a fallar no sorriso, e que tal e que torna, e que se lhe faltasse um dente, já não andaria a rir-se para todos. Veja v. ex.ª que idéa! (Levanta-se.) Pobre deputado Guimarães! Se tu assistisses a uma scena d'aquellas! Tu que eras a confiança e a dedicação em pessoa!

GUSTAVO

Mas a final, sr.ª D. Hortensia?

D. HORTENSIA

A final a Eugenia, que é mesmo uma santinha, mandou chamar o dentista, e...

SCENA X

Os mesmos e JULIO

D. HORTENSIA (Para Gustavo com o dedo sobre os beiços.)

Psiu.

JULIO

Sr.ª D. Hortensia, criado de v. ex.ª. Não me avizaram de que estava n'esta sua caza. Como passa a sr.ª baroneza?

D. HORTENSIA

Está no quarto da sr.ª D. Clara. E ainda agora eu reparo que me deixei ficar a conversar com o sr. Gustavo de Souza, esquecida de tudo e de todos. Vou ver a minha boa amiga.

GUSTAVO

Acompanha a sr.ª D. Hortensia, e volta que preciso de te fallar. (Sae Julio com D. Hortensia. D. B.)

SCENA XI

GUSTAVO (só)

GUSTAVO

Nada. Não pode ser. Pois o rapaz havia de querer que a noiva se mutillasse para não agradar aos outros! Se tal é, está doido varrido!

SCENA XII

GUSTAVO e JULIO

JULIO

Meu pai, queria dizer-lhe que o visconde da Touça e Carlos de Mello sairam, porém combinámos jantar juntos hoje. Vinha pedir as suas ordens, mas agora que estão cá estas senhoras, irei só depois que ellas se ausentarem.

GUSTAVO

Se te parece, vai já. Ha dois dias que não vês a tua noiva; vem ella hoje visitar a tia Clara, e tu queres ir jantar com os amigos!

JULIO

Eu ignorava, meu pai...

GUSTAVO

Tambem eu não sabia da tua predilecção por mulheres desdentadas. A gente com effeito aprende até morrer. Ha porém coisas que me custam a acreditar. Será verdade que exigiste á baroneza...

JULIO

Eu não exigi nada. Até quiz impedir, mas não pude.

GUSTAVO

Então a final é verdade? (Senta-se.)

JULIO

Infelizmente é verdade. Meu pai foi sempre o meu melhor amigo. Não lhe quero occultar nada. Em conversação com a baroneza disse-lhe que era excessivamente prodiga de sorrisos affectuosos, e que d'este modo perdiam de valor os que me eram dirigidos. Queixei-me de não haver differença entre mim e os outros.

GUSTAVO

Nem ao menos te occorreu...

JULIO

Perdôe-me interrompel-o, meu pai, Occorreu-me, sim, que era noivo d'ella e ouvi-lh'o allegar, mas o noivo d'hoje pode ser despedido amanhã. Eu estava inteiramente allucinado. E como notasse que a faltar-lhe

um dos dentes, decerto estudaria o modo de não sorrir para todas as pessoas; ella arrebatadamente mandou chamar o dentista que móra no predio contiguo. Não pude obstar-lhe. Veio logo a tio com a rara habilidade d'apparecer sempre fóra de proposito; depois chegou o doutor e por mais que eu pretendesse fallar á baroneza, não m'o consentiu ella propria. Foi lá dentro com o dr. Lieb e voltou trazendo na mão o dente.

GUSTAVO

Valha-os Deus, insensatos! Duas grandes loucuras praticaram ambos. A tua em lembrares similhante coisa, e a d'ella em te fazer a vontade; porém a baroneza tem para desculpa o amor, o desejo de te socegar o espirito, e a propria grandeza do sacrificio. Errou, mas nobilissimamente. E tu, Julio, homem de maior idade, official do exercito, e educado por tua santa mãe nos preceitos da mais fina delicadeza, que podes allegar a não ser o teu egoismo feroz?

JULIO

Tem razão, meu pai. Eu sou a primeira

victima da minha propria obra. Encantou-me no principio a dedicação espontanea da baroneza, mas depois vi que o sacrificio fôra superior ás suas forças. Apoderou-se d'ella a tristeza e transformou-a em poucos dias. Não parece a mesma. Envelheceu dez annos Falta-lhe aquelle sorriso que eu matei estouvadamente, e que era o meu encanto. Procuro-o e não o encontro. Tenho saudades d'elle mas sei que morreu para sempre (Levanta-se).

GUSTAVO (Levanta-se)

Vê tu a que desastrada situação levam as acções que não são dirigidas pela seriedade e cordura proprias d'um cavalheiro.

JULIO

Que desgraça, meu querido pai! E maior desgraça do que póde imaginar. Tal foi a transformação da baroneza que eu, devo confessar-lh'o, sinto que não serei feliz com ella.

GUSTAVO

Tu sentes que não serás feliz com ella? Obrigaste uma creatura angelica a estropiar-se para satisfazer o mais indigno capricho

que te podia soprar a vaidade, e queres talvez agora regeitar a sua mão!

JULIO

Meu pai, não me fulmine com a sua justa colera. Eu nem sei o que devo querer.

GUSTAVO

O que tu queres receio que seja muito diverso do que deves querer. Se te parece hoje desagradavel a baroneza, não te queixes senão de ti proprio. Caza com ella, já que a fizeste assim. É o unico modo de conservar a estima de teu pai. Amanhã lavram-se as escripturas. Não ha que hesitar. Se já não gostas d'ella, maior será a expiação. As tolices pagam-se, e muito cáras sempre.

JULIO

Não me justifico. Antes de meu pai me julgar, já me tinha condemnado a consciencia. Mas se não pude obstar áquelle grande desastre, creia que sou incapaz de infringir os deveres que a delicadeza impõe aos homens honrados. Peço-lhe dois dias até que eu falle com a baroneza. Talvez que explica-

ções mais amplas e maiores provas de confiança da minha parte dissipem a sua tristeza. Antes de nos ligarmos para sempre é necessario que não haja nuvens negras nos horisontes da vida d'ambos.

GUSTAVO

Consinto, porque tenho confiança nos teus bons sentimentos. Da baroneza sei que te desligará de todas as promessas á minima suspeita de constrangimento, mas acceitar agora similhante sacrificio seria da tua parte... Nem quero pensar em tal.

SCENA XIII

Os mesmos e D. HORTENSIA (D. B.)

D. HORTENSIA

Está um calor no quarto de D. Clara, que não se póde lá parar!

GUSTAVO

Faço idéa. Tudo fechado! Se v. ex.ª m'o permitte, eu vou fallar á sr.ª baroneza. Ape-

nas a cumprimentei. V. ex.as dão-nos a honra de jantar n'esta sua caza?

D. HORTENSIA

Eu estou por tudo. Se a Eugenia quizer... Esta caza é linda, o jardim, e o sitio, e as vistas. Eu gostava immenso de viver aqui, principalmente em tão boa sociedade.

GUSTAVO

Favores de v. ex.a (Para Julio). Faze companhia á sr.a D. Hortensia, que eu volto já! (Sae, D. B.)

SCENA XIV

JULIO e D. HORTENSIA

JULIO

Então não quizeram ir hontem ao baile do general Almeida?

D. HORTENSIA

(Muito seria). Agora não vamos a bailes. Passa-se lá muito bem sem as nossas pessoas.

JULIO

Tambem está zangada comigo. (Alto). Não era essa a opinião geral. Eu procurei-as por toda a parte e muita gente fez outro tanto.

D. HORTENSIA

Se o sr. Julio de Souza tivesse ido lá a caza de dia, como costumava, já sabia que não ia-mos ao baile.

JULIO

Decerto, minha senhora, mas eu cuidei encontral-as á noite, e fiquei admirado de as não ver. Bem me lembrou que v. ex.as não teem ultimamente apparecido em nenhuma festa, porém são tão amigas da mulher do general que todos as esperavam em caza d'elle. Eu até destinei uma contradança para v. ex.a e como não foi...

D. HORTENSIA

Dançou-a com outra senhora. Fez muito bem.

JULIO

Ora veja como v. ex.a é injusta a meu respeito. Não dancei.

D. HORTENSIA

Então destinou uma contradança para mim. Estava hontem muito alegre e muito amavel. (Aparte). Que menino! A mim não me embaças tu.

JULIO

Estava disposto a dançar uma walsa com a sr.ª baroneza, e uma contradança com v. ex.ª, se me quizessem dar a honra de dançar comigo. Eu nunca deixei de dançar com a sr.ª D. Hortensia. Conversa tão agradavelmente...

D. HORTENSIA (áparte)

Então não me está a fazer a côrte. Ai! meus queridos dentes! Arreda para longe! (Alto) E por fim não dançou?

JULIO

Estive toda a noite á espera de vêr entrar a sr.ª baroneza e v. ex ª.

D. HORTENSIA

Pois esperava debalde. A baroneza não quer ir a bailes, e eu nunca vou senão para acompanhal-a. Muitas vezes lhe tenho dito

que não gosto de festas. Já notava esta minha singularidade o depútado Guimarães.

JULIO

Feliz homem!

D. HORTENSIA

Feliz! Coitado! Morreu aos trinta e dois annós, moço, bem parecido, rico, e estimado de toda a gente. Pobre mancebo!

JULIO

Morrer é o menos. Não morre quem vive para sempre na lembrança de pessoa tão distincta como v. ex.ª

D. HORTENSIA. (Levanta-se. Aparte)

Este diabrete quer passar d'official do exercito pàra official de dentista. Anda a arranjar freguezes para o dr. Lieb.

JULIO (Levanta-se)

Por isso disse e posso repetir: Feliz homem!

D. HORTENSIA

Tudo merecia o deputado Guimarães. Homens assim já não ha.

JULIO

Quem sabe, minha senhora? Nós somos o que os outros nos obrigam a ser. O deputado Guimarães não encontrou quem lhe agitasse o espirito e quem o enlouquecesse á força d'amor.

D. HORTENSIA

Está muito enganado. Teve quem o amasse profundamente e quem lhe merecesse igual affecto, mas como não era d'estes apaixonados tenebrosos d'hoje, nunca fez loucuras das que se praticam agora, nem quiz obrigar os outros a extravagancias inauditas. (Aparte). Ora vai levando.

JULIO

Foi feliz nos amores. Até n'isso lhe tenho inveja.

D. HORTENSIA (áparte)

Escusas de te cançar que não me tiras dente nenhum.

JULIO

E muita inveja!

D. HORTENSIA

O sr. Julio não tem que invejar a ninguem.

Minha sobrinha nunca lhe deu o minimo desgosto. Olhe: sabe que mais? Não merecia que ella o amasse tão loucamente.

JULIO

V. ex.ª acha? Vejo que não faz de mim bom conceito. E eu que esperava...

D. HORTENSIA (áparte)

Temos declaração. Pois eu te arranjarei. Deixa estar. (Alto, sentando-se) Então que esperava?

JULIO (aproximando-se)

Eu esperava encontrar em v. ex.ª uma alliada para me ajudar a convencer a sr.ª baroneza a frequentar de novo os bailes e a não envelhecer antes de tempo.

D. HORTENSIA

Então agora já a quer nos bailes e nas festas? Ora entendam-se lá com estes caprichos! E dizem que as mulheres são mudaveis e inconstantes!

SCENA XV

Os mesmos CARLOS e o VISCONDE (E. B.)

CARLOS

Tu vens ou não vens jantar comnosco! Ó prima Hortensia, mil perdões. (Hortensia levanta-se, dão as mãos e vem á scena.) Não imaginava encontral-a agora. Foi prazer inesperado. E onde está a nossa esbelta baroneza? Já não ha vel-as em nenhuma parte. Nem recebem em caza. Tres vezes fui bater-lhes á porta, e outras tantas me respondeu o Domingos em voz sonora: « As senhoras não recebem hoje».

VISCONDE

Eu tambem fui logo que cheguei a Lisboa; e pela segunda vez haverá dois dias.

D. HORTENSIA

Lá recebemos os seus bilhetes. (Para o visconde). Eu agora ao principio não o conhecia.

CARLOS

Pois já se não lembrava do nosso diplo-

mata José d'Almeida, hoje visconde da Touça?

D. HORTENSIA

Perfeitamente. Ainda hontem fallei em v. ex.ª á baroneza, mas como eu o não suppunha agora n'esta casa... E depois ha tantos annos que não vinha a Lisboa... Eu peço desculpa, e olhe que raras vezes me acontece não conhecer logo as pessoas. Conservo muito as physionomias. Até o deputado Guimarães se admirava.

CARLOS (A Julio, baixo)

Já me tardava.

JULIO (Baixo a Carlos)

Então que queres? É sempre assim.

D. HORTENSIA

Nós sentimos muito quando soubemos que v. ex.ªs nos tinham procurado. A baroneza tem andado com pouca saude, e eu não saio senão com ella. Hoje viemos aqui por estar doente a sr.ª D. Clara.

CARLOS

Pois é necessario não desamparar a sociedade á qual v. ex.as fazem muita falta.

VISCONDE

Sempre foram a flor dos nossos bailes.

D. HORTENSIA

E v. ex.as a cortezia em pessoa. Adeus, meus senhores. Vou ter com a minha sobrinha. (A'parte) Não posso ouvir estes rapazes sem se me abalarem os dentes todos. Se pega a moda, estamos servidas. (Sae, D.)

SCENA XVI

Os mesmos, menos D. HORTENSIA

CARLOS

Então, Julio, vens ou não vens? São horas.

JULIO

Tu bem vês que não posso ir. É natural que estas senhoras nos dêem a honra de cá jantar. Divirtam-se vocês e bebam á minha saude um bom copo de Borgonha.

CARLOS (Fazendo signal ao visconde).

Aposto que antes querias vir comnosco. As mulheres, segundo tu dizias esta manhã, são... a peior obra da mão do Creador.

VISCONDE

É verdade, é verdade.

JULIO

Está bom, meus amigos. A questão era de theoria. Nada de applicação pratica.

CARLOS

Este sujeitinho em geral é inimigo das mulheres, e em particular não ha mais apaixonado adorador d'ellas. Anda, meu Julio, que és um grande maganão. Estragaram-te á força de mimo.

VISCONDE

Não renovemos a questão. Vamos jantar. Tu não vens, não é verdade? Pois então *bonne chance*, como dizem os francezes.

JULIO

Adeus estroinas, até logo (Saem os dois, E. B.)

SCENA XVII

JULIO (só)

JULIO

Dois mancebos felizes! Sempre alegres, folgazãos, caminhando na vida cheios de confiança, e não vendo ao longe senão azul e oiro! E eu a atormentar-me sem saber o que desejo, descontente dos outros e de mim, semeando desgostos onde queria somente espalhar flores de ventura, e preparando larga colheita de tristezas, d'arrependimentos e de desenganos! Que desastrada lembrança foi a minha!... Mutilar a estatua da formusura! Barbaro! E para quê! Para apagar o sorriso que me encantava! Loucura das loucuras, meu Deus! (Senta-se).

SCENA XVIII

BARONEZA e JULIO

(A baroneza atravessa a scena, e vae sentar-se junto d'uma mesa pequena á D. M. Pega n'um livro e lê)

JULIO

Isto não pode ser assim. Meu pae tem ra-

zão. Depois do sacrificio imprudente de que fui caúsa, não heide casar com outra mulher. Não posso, não devo, nem quero. Mas parece incrivel como a falta d'um dente aniquilou a mulher mais agradavel e mais elegante de Lisboa! Pobre rapariga! Que dedicação angelica! Que maior prova d'amor pode obter um homem? Sinto que a amo devéras, e que nenhuma outra mulher é digna do meu amor. Fui louco, é verdade, mas não ha mal sem remedio. (Levanta-se, volta-se e vê a baroneza. Dirige-se para ella). Estava ahi sr.ª baroneza?

BARONEZA

(Voltando-se). Vim até aqui para tomar ar. Sua tia precisava de descanço. A conversação provocava-lhe a tosse. Mas não o vi quando entrei n'esta sala. Tambem já estou tão desacostumada de o vêr...

JULIO

Eu tive muita pena de não a encontrar hontem, mas ninguem podia esperar que v. ex.ª não fosse a casa do general Almeida. Receei que tivesse adoecido, e estava para ir saber da sua saude.

BARONEZA

Não fui ao baile do general, porque não tenho ido a nenhum ultimamente; nem faço tenção de ir a qualquer outro n'este inverno.

JULIO

É coisa singular. Gostava dos bailes por se dançar n'elles. Agora parece que já não gosta de dançar. Tudo passa n'este mundo.

BARONEZA

Tudo, é verdade, excepto o amor quando é verdadeiro. Esse não passa. Cresce, accende-se mais, queima, abraza e acaba por consumir a existencia.

JULIO

Eugenia, para que se engolfa n'essas tristezas? Que lhe falta? Em que a maltratou o amor? Para que foge dos divertimentos? Porque se esquiva ao trato com a sociedade?

BARONEZA

Falta-me quem tenha confiança em mim, na innocencia da minha alegria, na candura

dos meus sorrisos, na lealdade do meu coração, na sinceridade dos meus sentimentos affectuosos, e na pureza desaffectada das minhas intenções.

JULIO

Eugenia!

BARONEZA

E não me queixo de ninguem. A mim propria accuso que não sei inspirar amor igual ao meu. E quer que eu frequente de novo os theatros e os bailes? Para quê? Para manifestar a todos a minha tristeza e ser alvo da geral curiosidade? Prefiro não sair de caza. Ali me vou acostumando a viver com as minhas magoas. Tambem são companhia para desditosos e desamparados do mundo. E de involta com ellas, quantas vezes surgem recordações que nos encantam, momentaneamente sem duvida, mas com inefavel delicia. Sonhos fagueiros! É lastima que tão pouco durem.

JULIO

Mas, Eugenia, essas tristezas minam-lhe a existencia.

BARONEZA

Ha tristezas que são como a saudade...

«.........gosto amargo d'infelizes,
«Delicioso pungir d'acerbo espinho,
....
«Com dôr que os seios d'alma dilacera,
«Mas dôr que tem prazer.»

Não se lembra? Já lemos ambos estes versos admiraveis. Tambem é recordação. E porque anda o sr. Julio tão triste sempre? É mais antiga que a minha a sua melancholia.

JULIO

Escute-me, Eugenia. Tem origem identica as nossas tristezas, e de nós unicamente depende affugental-as para sempre. Fui imprudente, leviano, e injusto. Ousei lembrar-lhe a coisa mais odiosa, o desatino mais cruel que podia inventar a ferocidade egoista da paixão, e a sr.ª baroneza em vez de resistir á minha loucura com o vigor da razão esclarecida que tanto a distingue, nem sequer me deu tempo de obstar ao seu inesperado designio.

BARONEZA

Accusa-me, Julio?

JULIO

Não a accuso, não. Adoro-a. Ufano-me do sacrificio que lhe mereci, mas arrependo-me, envergonho-me de ter sido causa de tão estranho successo.

BARONEZA

Não se ufane. A ufania, a vaidade, e a desconfiança são tres elementos de desgosto e de infelicidade. Não permitta que se apoderem do seu coração.

JULIO

Perdôe-me, Eugenia, já que eu não posso perdoar a mim proprio. E appareça no theatro e nos bailes. Vá a todas as festas. Seja alegre como era d'antes. Não occulte mais o sorriso que era todo o meu encanto, e que me deixou inextinguivel saudade.

BARONEZA

Então a sua tristeza é saudade dos meus sorrisos? Pobres sorrisos!

JULIO

É saudade e remorsos. Busco a minha

noiva, a minha Eugenia, tão discretamente jovial, tão agradavel a todos, tão especialmente affectuosa para mim, e não a encontro. Quando penso que fui eu, eu proprio, quem...

BARONEZA

Não tenha remorsos, nem se definhe com saudades. O peior era a sua falta de confiança em mim. Se não é molestia incuravel...

JULIO

Não é, não, decerto. A quem não inspirará confiança o seu caracter dedicado? Mas eu queria mais. Queria resuscitar aquelle sorriso.

BARONEZA

E porque o não faz?

JULIO

E' bem facil.

BARONEZA

Então diga.

JULIO

E não me chama doido, caprichoso, voluvel, inconstante?

BARONEZA

Diga, e eu obedecerei. É o meu costume.

JULIO

Pois bem, Eugenia. Tire-me para sempre diante dos olhos o triste documento do meu crime. Recorra de novo ao dr. Lieb. Elle póde reparar facilmente o mal que fez.

BARONEZA

Quer que ponha um dente? (Vindo para a scena, Gustavo da R. e D. Hortencia da D., apparecem entre portas e escutam.) E são assim os homens. Indicam hoje o sacrificio que lhes apraz, e ufanam-se de o conseguir. Amanhã até os vestigios lhe querem destruir! Eu já previa este desenlace. Confiava no amor do meu noivo. Tinha-o por mais poderoso que as desconfianças que lhe atormentavam o espirito. Por isso quiz evitar o eterno desgosto que a sua imprudencia ia occasionando. Alegre-se, Julio. Para ressuscitar o meu sorriso não careço do dentista. (Tira o lenço da bocca e sorri-se meigamente para Julio.) Aqui tem a sua antiga Eugenia. Agradeça-me ter-lhe conservado o sorriso de que andava tão saudoso.

JULIO

Que diz, Eugenia? Pois o sacrificio que eu tinha por acto de heroica dedicação, a tristeza que affectava, a sua ausencia dos bailes, eram tudo artificios para me enganar, comedia ensaiada para me illudir? Eu sei arrostar perigos, supportar dissabores, curtir ciumes e padecer tormentos sem me queixar, mas não resisto á zombaria. A mulher que me enganou, fingindo sacrificar-se por mim, e que me consentiu a seus pés a agradecer o proprio embuste com que mofava das minhas tribulações, póde ser pessoa digna do maior respeito e da mais elevada consideração. Minha noiva é que não póde ser. Mulher de Julio de Souza, nunca. Adeus para sempre. Amanhã volto para o meu regimento. (Sae, E B.)

SCENA XIX

BARONEZA, GUSTAVO e D. HORTENSIA

BARONEZA

Julio, Julio, oiça-me. Escute. (Encosta-se a

Gustavo.) Oh! sr. Gustavo de Souza, que desventura a minha!

GUSTAVO

Eu ouvi tudo minha senhora. Meu filho está inteiramente louco.

D. HORTENSIA

São todos assim estes homens d'agora. Não sabe uma senhora séria como se hade haver com elles. É prêsa por ter dente e prêsa por não ter dente. O deputado Guimarães...

Cae o panno

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO TERCEIRO

Sala em caza da baroneza de Florido. É immediata á sala do 1.º acto. Fogão accezo. Piano, harpa coberta, etc.

SCENA I

A BARONEZA (tocando no piano a aria «Ardon gli incensi ecco il ministro'» da Lucia de Lamermoor. D. Hortensia lê um jornal. De vez em quando interrompe a leitura para escutar a musica).

D. HORTENSIA (Sentada á E. B.)

Que suavidade! Que sentimento! É ramo de violetas a Lucia de Lamermoor. Tem perfumes d'amor e de saudade. Era a musica predilecta do deputado Guimarães. Foi elle

quem me insinou a enterpretal-a. Pobre rapaz! (Enchuga os olhos com o lenço). E então não estava eu a enternecer-me? (Levanta-se.) A consentir que se apodere de mim a melancholia da tal musica? É assim que eu trato de distrair minha sobrinha. Este meu fraco de sensibilidade... Vamos, vamos. (Larga o jornal sobre a mêsa). Ó Eugenia, Eugenia, menina?

BARONEZA (Voltando-se.)

Minha tia, chamou?

D. HORTENSIA

Chamei, sim, menina. Queria-te perguntar se não te lembra nada do Barbeiro de Sevilha ou de D. Paschoal.

BARONEZA

Não sei onde tenho essas operas. Bôa estou eu agora para musicas alegres, minha tia.

D. HORTENSIA

Pois não devias tocar outras. Tu amofinas-te em demasia. A musica da Lucia é capaz de internecer o coração mais impedernido. Não toques isso. Procura distrair-te,

alegrar-te, e não te queiras martyrisar por tuas proprias mãos.

BARONEZA

Martyrio seria para mim agora a musica alegre. Não afinava com as minhas penas. Nem ha para suavisar magoas como as melodias tristes. Diminuem a intensidade do padecer e acalmam-lhe a violencia. Pelo contrario a musica festiva exarceba o mal. Está recordando felicidades que não se podem alcançar.

D. HORTENSIA

Pois sim, Eugenia, mas a musica da Lucia é ás vezes tão lastimosa, tão angustiada... E então essa aria! Que primor de sentimento! Esmerou-se n'ella o genio do maestro.

BARONEZA

E com razão. Não ha situação mais afflictiva que a da pobre Lucia, louca por ter perdido o noivo, e cuidando no desvairar do espirito delirante que vai casar com elle. Affigura-se-lhe entrar no templo, e vêr subir aos ares nuvens de incenso. Recebe então as bençãos do sacerdote, e unida ao esco-

lhido do seu coração, exulta de ser esposa de Edgardo e de que elle lhe pertença para sempre. Infeliz donzella! Celebra a felicidade que não chegou a gozar, que não gozará nunca. (Enchuga as lagrimas). E como exprime bem a musica de Donizetti aquella grande desventura!

D. HORTENSIA

Adeus, minha querida sobrinha, adeus. Se vais por esse caminho estás perdida de todo. Aposto que já descobriste similhança entre a situação da Lucia e a tua?

BARONEZA

E alguma encontro, minha tia.

D. HORTENSIA

Ora ahi está o que se chama exaggeração e devaneio de criança. Pois alguem obrigou-te a casar contra tua vontade? Ainda não é certo que se desmanchasse o teu casamento, e já te comparas com a desditosa noiva de Lamermoor. Com essas e outras imaginações similhantes, é que podes vir a dar em doida. Olha que se tem visto. E cá para mim estou convencidissima de que não é o

caso para tamanhas magoas, porque antes de quinze dias estarás casada com o tal sr. Julio de Souza. (Aparte). Eu já o não queria nem pintado na parede.

BARONEZA

A tia deixa-se illudir pelo desejo de me ver feliz. (Sentam-se). Julio, disse que partia para o regimento e a esta hora vai caminho de Braga.

D. HORTENSIA

Não acredito, Eugenia. Se fosse o deputado Guimarães, esse, a partir, não voltava mais. Aquelle sim, que era a quinta essencia da seriedade e da firmeza de caracter. Mas estes rapazes d'agora? Não partem, e se chegam a partir, regressam logo com certeza. São uns cabeças de vento.

BARONEZA

Não diga tal. A tia é injusta a respeito de Julio de Souza. Não ha caracter mais elevado e brioso. Mortificava-me sem duvida com ciumes insensatos, mas depois vinha a predominar a generosidade da sua alma, e

pedia-me que lhe perdoasse. Coração admiravel!

D. HORTENSIA

Pois ahi o terás em breve. Fia-te no que eu te digo.

BARONEZA

Engana-se, minha tia. É que n'esse tempo Julio não podia queixar-se de mim. A queixosa era eu, mas nem lhe pedia que mudasse de genio. Se me agradava assim. Agora porém o offendido é elle. Illudi-o. Podia obstar a que me agradecesse o sacrificio que eu não chegára a realisar, e não o fiz. Acceitei homenagens d'agradecimento a que não tinha direito. Abusei da sua confiança. Procedi mal, muito mal. Foi grande leviandade a minha. Devia ter tido coragem para lhe resistir ou para lhe fazer a vontade.

D. HORTENSIA

E estás realmente arrependida de não ter arrancado o dente? É pasmoso! Pasmosissimo!

BARONEZA

Estou, sim, arrependida, e muito arrependida. Teria hoje a superioridade do sa-

crificio, e assim ficarei para sempre na inferioridade da mentira. Nem era sacrificio. A cima de tudo está o amor que é a luz da nossa vida, a felicidade da existencia inteira.

D. HORTENSIA

Tu estás louca, minha boa Eugenia. A felicidade da vida inteira é ter os seus dentinhos todos, e mais alguns de reserva se fosse possivel, para o que poder acontecer.

BARONEZA

A felicidade da vida, é... é o que eu nunca hei-de alcançar. (Encaminha-se de novo ao piano.)

D. HORTENSIA (Levantando-se.)

Escuta, Eugenia. Deixa-te agora da Lucia. Se queres, podêmos ir ouvil-a a S. Carlos. Dá-se hoje. Nem de proposito.

BARONEZA

Deus me livre de theatros. Se o piano lhe desagrada, minha tia, não tocarei mais agora. Tambem me lembra que é necessario escrever um bilhete a mandar saber de D. Clara.

D. HORTENSIA

Muito bem. Optima lembrança! Isso approvo eu. Mandar saber da tia do teu noivo! Sim, senhor, boa inspiração.

BARONEZA

Não pense, minha tia, que...

D. HORTENSIA

Que te occorreu esse meio de saberes de Julio, e que o vais pôr em pratica. Se eu havia de pensar em tal! Não te dê cuidado. Vai escrever a D. Clara, anda, anda. É melhor que tocar duettos e arias da Lucia. Áparte) Quer saber se o noivo partiu.

BARONEZA

Não seja tão maliciosa, minha querida tia. A minha resolução está assentada. Bem o sabe. Na semana seguinte vamos para a provincia, e adeus Lisboa por muitos annos.

D. HORTENSIA

Pois sim. Pois sim. O que tu quizeres. Escreve a D. Clara e depois fallaremos. Não

te esqueças dos meus cumprimentos á doente.

BARONEZA

Sim, minha senhora. (Sae, E.)

SCENA II

D. HORTENSIA (só)

Vamos para a provincia! Têem graça estas raparigas! Cuidam que se póde viver na provincia com o padre capellão, dois ou tres beduinos da vizinhança e o parocho da freguezia. Sempre queria vêr a Eugenia na minha quinta d'Alverca, e mais é perto de Lisboa. Não parava lá dois mezes e eu ainda menos. Se eu tivesse cazado, para a provincia é que não ia. A mim não me aclimatavam na aldeia a não mudarem para lá todas as pessoas da côrte. Eu gosto da solidão, mas com muita gente e da melhor sempre á volta de mim.

SCENA III

D. HORTENSIA e CARLOS

CARLOS

Bons dias, prima Hortensia. Vejo que v. ex.ª está como sempre. Pela prima baroneza não pergunto. Vi-a agora quando ia entrando. A encantadora Eugenia atravessava a galeria do lado do jardim quando eu subia as escadas. Está cada vez mais formosa e elegante. Eu creio que é da nossa familia apurarem-se com os annos nas senhoras os quilates da belleza.

D. HORTENSIA

Com os annos? Pois a Eugenia é alguma velha?

CARLOS

Decerto, não. São os mais viçosos vinte e dois annos que eu conheço, mas em fim hoje sempre é mais velha do que hontem. E v. ex.ª com os seus trinta e tantos parece

irmã d'ella. (Aparte.) Tem cincoenta bem medidos.

D. HORTENSIA

Muito lisonjeiro é, primo Carlos. (Aparte.) E muito bom rapaz. (Senta-se.)

CARLOS (Sentando-se)

Não é lisonja, é sinceridade. V. ex.as são as minhas parentas mais proximas, e quero-lhes como devo aos laços de consanguinidade que nos unem, mas, áparte o parentesco, não ha familia que me inspire maior sympathia! O coração de v. ex.a não tem igual na bondade, e o seu espirito é dos mais esclarecidos. A prima Eugenia então é um anjo. Sempre foi o enlevo dos meus pensamentos. Outro porém mais afortunado...

D. HOTENSIA

Quem sabe primo? Ella...

CARLOS

Eu não quero que ninguem saiba, e ella menos do que outra qualquer pessoa, a affeição que me inspirou. Minha prima está para cazar. Era a peior occasião que eu po-

deria escolher para lhe conquistar o coração, ainda quando v. ex.ª se dignasse de favorecer-me preferindo a estranhos o seu parente mais proximo.

D. HORTENSIA

A occasião talvez não seja tão má como lhe parece ao primo. Olhe que muitas vezes acontece que os afortunados d'hontem venham a ser os desditosos de hoje. Quanto a favorecel-o, eu sou muito franca, póde contar commigo.

CARLOS (Levantando-se.)

Beijo-lhe as mãos, prima Hortensia. Mas então é verdade que está desfeito o cazamento com Julio de Souza? Era a noticia d'hoje por toda a parte. Eu não queria acredital-a, principalmente como se conta.

D. HORTENSIA

E como se conta? Diga, primo, diga.

CARLOS

Diz-se que Julio retirou a sua palavra, e ácerca dos motivos por que o fez, cada qual falla a seu modo, e sempre em desabono da

noiva. V. ex.ª não ignora como é o mundo.

D. HORTENSIA

Pois é muito insolente o mundo. Se fosse vivo o deputado Guimarães! Que lhe fallasse alguem contra esta caza e veria...

CARLOS

E v. ex.ª imagina que eu consinto na minha presença qualquer allusão desfavoravel a minhas primas? Para defendel-as contra as más linguas bastava o respeito da minha propria dignidade, quando me não impellisse o affecto que lhes consagro. Entretanto...

D. HORTENSIA

Entretanto o que? Estou vendo que o primo acredita essas pêtas que podem muito bem ter sido espalhadas pelo proprio Julio. (Áparte.) Quem arranca os dentes á noiva...

CARLOS

Não creia tal, prima. Julio é muito original e inconsequente. Quasi se creou no regimento, e ficou severo e rude como a dis-

ciplina militar, mas é homem de bem e incapaz d'acções vis.

D. HORTENSIA

Será, será. Ao primo fica bem defendel-o, mas não lhe ficava nada mal erguer tambem a voz em favor de sua prima.

CARLOS

Na minha presença, pode v. ex.ª acredital-o, ninguem hade proferir impunemente a minima offensa a v. ex.ª; entretanto se eu me declarar defensor acalorado, bem sabe o que o mundo póde dizer.

D. HORTENSIA

E que póde dizer o mundo! Não sabem todos que é nosso primo?

CARLOS

É verdade, é verdade. Mas o mundo já deita muita malicia nas relações dos primos. Nem v. ex.ª faz idéa. Na sua boa fé não prevê aonde chega a perversidade humana. Haviam de dizer que o cazamento se desmanchára por minha cauza, e que Julio tivera

muita razão em deixar a noiva quando soube que ella acceitava a côrte ao primo.

D. HORTENSIA

Mas, cazando o primo com a Eugenia, as más linguas não teriam que dizer. (Levanta-se.) Tomára eu que fosse ámanhã. O tal Julio não me quadra.

CARLOS (Levanta-se.)

Grande ventura seria para mim o cazamento com a prima Eugenia, mas ella nunca pensou em similhante enlace, e se me attendesse agora não me destruiria a desconfiança de que o fazia por despeito e para mostrar a Julio que não lhe faltavam noivos.

D. HORTENSIA

Que rapazes tão de pontinhos! Se ella o acolher bem e quizer cazar com o primo, que necessidade tem de indagar as causas do affecto que lhe tiver inspirado?

CARLOS (Aproximando-se d'ella.)

O cazo está em que eu possa inspirar-lhe sentimentos iguaes aos meus.

D. HORTENSIA

Pois experimente. Olhe, primo. Venha cá passar hoje a noite. É reunião quasi de familia. Venha e principie a experiencia. Eu cá estou para o auxiliar, se carecem de auxilio as suas excellentes qualidades.

CARLOS

Quanto devo á bondade de v. ex.ª, minha prima! (Beija-lhe a mão.)

D. HORTENSIA (Vai á janella D. A.)

Veja, primo. A Eugenia está no jardim. Vá fazer-lhe os seus comprimentos e entre já em campanha.

CARLOS

Então, até logo, minha prima. (Beija-lhe de novo a mão e sáe, F.)

SCENA IV

D. HORTENSIA (só)

D. HORTENSIA

Sempre foi muito bom rapaz este Carlos.

Sae ao primo José de Mello, digno cavalheiro. (Senta-se). O Carlos é o retrato do pai. Elegante e cortez como elle. Era o melhor noivo para Eugenia. Estivesse eu no lugar d'ella, e veriam se o tal arranca dentes me havia de andar a moer a paciencia. (Levanta-se.) Aqui ha só um obstaculo. É a herança do tio arcediago, mas assim mesmo com alguma esperteza...

SCENA V

GUSTAVO e D. HORTENSIA

GUSTAVO (Pelo F.)

Não sei, minha senhora, se escolhi mal a hora de visitar a v. ex.as. Talvez estivessem para saír ou não quizessem receber. Não encontrei os creados e vim entrando. N'esta casa honram-me com tamanha confiança...

D. HORTENSIA

Esta casa é sua, sr. Gustavo de Souza. Nós não saimos hoje. A Eugenia está mortificadissima não só com o que se passou entre ella e seu filho mas tambem com as

aleivosias mentirosas que circulam por toda essa Lisboa a respeito de se ter desmanchado o cazamento! O caso é que a maior parte das pessoas está a favor de seu filho e contra minha sobrinha.

GUSTAVO

Excepto eu, sr.ª D. Hortensia. A oppor-me hoje a este cazamento, seria por entender que meu filho não era digno de obter a mão da sr.ª baroneza. Reprovo muito o procedimento d'elle.

D. HORTENSIA

D'isso estava eu certa. V. ex.ª é do tempo do deputado Guimarães, e até dá bastantes ares d'elle. Aquillo é que eram tempos! Que rapazes! E seu filho sempre foi para o regimento?

GUSTAVO

Não, minha senhora. Queria partir, mas recebeu ordem do ministerio da guerra para ficar até novas determinações. Solicitei-a eu, a vêr se ainda posso conciliar tudo. Fallei com severidade a meu filho. Ponderei-

lhe quão loucamente procedêra, e como eram obra da sua má cabeça estes desastrados successos! Julio tem nobre e generoso coração; porém traz o cerebro recheado de caprichosinhos, de desconfianças e de vaidades de rapaz, com as quaes prepara a sua desgraça e a alheia. Eu tambem assim era quando vim do regimento e dei a minha demissão para cazar. Depois curou-me a sociedade á proporção que a fui conhecendo melhor, e completou a cura a muita bondade de minha mulher.

D. HORTENSIA

Mas que respondeu seu filho ás admoestações que v. ex.ª lhe fez? (Sentam-se.)

GUSTAVO

Que podia elle responder? Confessou os erros que praticára, protestou que estava arrependido, prestou homenagem ás virtudes da sr.ª baroneza, mas quando lhe chamei creança e lhe aconselhei que fizesse as pazes com a noiva, disse-me que entre ambos havia já grandes motivos de dissabor e que não se atrevia a ir ter com ella.

D. HORTENSIA

Queria talvez que a Eugenia o fosse procurar?

GUSTAVO

Oh! minha senhora. Pelo amor de Deus. Não o julgue capaz de tão grosseiro pensamento. Elle nem sabe o que deseja. Occorrem-lhe unicamente planos disparatados. Entretanto consegui, não sem difficuldade, que viesse passar hoje a noite commigo a casa de v. ex.ª

D. HORTENSIA

Realmente é lisonjeira para nós essa visita forçada. Por pouco teria sido necessaria alguma carta d'empenho.

GUSTAVO

A nós cabe-nos moderar e não excitar as paixões d'aquellas duas creanças. Mas em verdade eu confesso-lhe que já tenho receio d'este cazamento por causa do genio de meu filho. Se não fosse o legado dos cem contos, e os meus deveres de pai, lavava as mãos de tão emmaranhado negocio.

D. HORTENSIA

Olhe, sr. Gustavo de Souza. Eu tambem acho que se elles hão de ser infelizes, é melhor não cazarem. Depois hão de queixar-se de nós. E demais o tio arcediago não deixou a herança nem á Eugenia nem ao sr. Julio. Eu tenho a copia do testamento. (Aparte) É parecidissimo com o deputado Guimarães este Gustavo de Souza.

GUSTAVO

Sim. O testamento diz que, estando ajustado um cazamento nas familias Mello e Souza, deixa aos noivos as inscripções que possue. Não refere os nomes porém todos sabem qual era a união projectada. E depois quem ha de cazar nas duas familias a não ser a sr.ª baroneza e meu filho? Se eu tivesse uma filha em vez d'um rapaz, seria possivel cazal-a com seu primo Carlos. Era casamento de Mello com Souza. Mas infelizmente...

D. HORTENSIA

Ora essa! O sr. Gustavo não vê senão os noivos, e elles não descobrem senão mo-

dos de manifestar obstaculos á realisação dos seus bons intentos. Pois então na sua familia não ha senão o sr. Julio de Souza? Até de si proprio se esquece e de seu sobrinho Fernando. Todos são Souzas. (*Aparte.*) E está tão bem conservado! Parece irmão do filho.

GUSTAVO (*Aparte.*)

Por esta não esperava eu!

D. HORTENSIA

E na minha familia ha minha mana Julia que está com a tia Amalia no Alemtejo, e minha prima Carlota... De mim não quero fallar. Sempre me esquivei a cazar, e só me resolveria se encontrasse um homem de muito juizo. Mas emfim todas nós sômos Mellos.

GUSTAVO

Assim é, minha senhora, porém não me parece facil arranjar agora qualquer d'esses cazamentos. Nem eu sou homem para andar com uma herança na algibeira á busca de noivos que possam ajustar com a letra do testamento.

D. HORTENSIA (Áparte.)

Que modestia! Não se lembra de si! Até n'isto me recorda o deputado Guimarães!

GUSTAVO

Este cazamento já me tem dado muitos desgostos. Veja v. ex.ª o que seria indo eu agora convidar meu sobrinho Fernando, e mandando a sr.ª D. Hortensia buscar á provincia sua prima Carlota. Tinhamos outra campanha talvez peior que esta.

D. HORTENSIA

Mas... eu acho... sim parece-me... que para se cumprir a vontade do testador não era preciso ir tão longe. Mesmo sem sair de Lisboa...

GUSTAVO

Sem sair de Lisboa? (Levantando-se.) Pois a sr.ª baroneza quereria cazar com meu sobrinho Fernando?

D. HORTENSIA (Áparte.)

Não percebe nada. (Alto, levantando-se.) Isso não. A Eugenia a não cazar com seu filho, não

casa com outro, ou, aqui para nós. poderá vir a cazar com o primo Carlos. Conhecem-se desde a infancia.

GUSTAVO

Então não vejo...

D. HORTENSIA (Tomando-lhe o braço.)

Ora diga-me. N'estes negocios de familia, é necessaria muita franqueza. O sr. Gustavo nunca teve idéa de passar a segundas nupcias?

GUSTAVO (Soltando-se.)

Nunca, minha senhora. (Áparte.) Está doida.

D. HORTENSIA

Pois eu agora só fiava o meu futuro d'um homem de juizo como v. ex.ª, e tinha graça porque o sr. Gustavo é Souza... eu sou Mello... de maneira que a vontade do tio arcediago.,.

GUSTAVO (Áparte)

E esta?! (Alto.) Cumpria-se na letra e illudia-se no espirito. Era muita honra para mim obter a mão de v. ex.ª, mas sei que não mereço tamanha felicidade.

D. HORTENSIA

Ora adeus. A modestia é virtude, porém não se quer excessiva.

GUSTAVO

E depois o sr. arcediago não designou os noivos por delicadeza, mas sabia quem elles eram, e nós viriamos a usurpar uma herança que nos não fôra destinada.

D. HORTENSIA

São honradissimos os seus escrupulos, mas para mim a herança é o menos. Se eu olhasse á riqueza, não estaria hoje solteira. O tenente coronel Malheiros, o deputado Guimarães, e muitos outros, muitos, muitos...

SCENA VI

Os mesmos e DOMINGOS

DOMINGOS

Está ali o sr. visconde da Touça. Pergunta se as senhoras recebem.

D. HORTENSIA (Áparte.)

Importuno! (Alto) A sr.ª baroneza ainda está no jardim?

DOMINGOS

Está sim, minha senhora. Esteve lá o sr. Carlos de Mello. Andaram ambos a passeiar, porém elle já se foi embora. Agora a sr.ª baroneza está para o lado da estufa.

D. HORTENSIA

Pois então dirija para lá o sr. Visconde da Touça. (Domingos sae, F. D.)

SCENA VII

GUSTAVO e D. HORTENSIA

GUSTAVO

Eu aproveito a occasião, se v. ex.ª dá licença, para apresentar os meus respeitos á sr.ª baroneza. Aos pés de v. ex.ª (Áparte.) Arreda! Que bruxa!

D. HORTENSIA

Eu tambem vou até ao jardim. A tarde

está tão bonita. Se v. ex.ª me quer dar o seu braço...

GUSTAVO

Pois não, minha senhora, com muito gosto.

D. HORTENSIA (Áparte.)

Tímido como se tivesse dezaseis annos! Nunca vi! (Saem F. D)

SCENA VIII

DOMINGOS (só, pelo F. E.)

A respeito de noivo eclipse total, visivel em Lisboa por trez dias como diz a folhinha. Tambem não se perde nada. Nunca vi noivo tão sorumbatico. E quando elle é assim agora, o que não será depois de casado? O sr. Carlos, o primo cá das senhoras, é que me parece agora disposto a tomar o lugar do noivo. Andava no jardim tão assucaradinho a conversar com a prima! Isto de primos é uma peste! Em entrando n'uma casa, são como a traça. Não lhes escapa nada.

SCENA IX

DOMINGOS e ANICETA (E. B.)

ANICETA (Com luz.)

Ainda bem que te encontro aqui. Venha receber ordens, ande.

DOMINGOS

Muito obrigado, menina. Não quero ser clerigo. D'antes diziam que era bom modo de vida, mas hoje parece-me que tambem deu em droga.

ANICETA

Ora não te faças engraçado. São outras ordens. É a ordem do dia cá de caza.

DOMINGOS

A boas horas vens tu com a ordem do dia. É quasi noite!

ANICETA

Vamos, deixa-te de gracejos, que é tarde.

DOMINGOS

Vamos para onde? Então que temos de novo? Venham lá essas ordens. Hão-de ser boas. Esta casa precisa de exorcismos. Andam todos ás aranhas. Nunca vi trapalhadas assim.

ANICETA

Trapalhão és tu que te mettes no que te não pertence. Anda. Muda-te d'ahi.

DOMINGOS

É já. Por aqui me sirvo. (Vae para sair pela D.) Até mais vêr.

ANICETA

Escuta, homem. Então ías-te embora sem saberes o que havias de fazer?

DOMINGOS

Pois tu disseste que me mudasse. É o que eu faço.

ANICETA

Basta de brincadeira. As senhoras recebem esta noite algumas pessoas d'amisade. Luzes nas duas salas e na galeria do jardim.

Vai buscar os jornaes á caza de jantar. Arranja esses albuns que estão na maior desordem. O Clemente que se vista para ajudar a servir. Avia-te que a noite não tarda. Eu vou tratar do chá e dos bolos.

DOMINGOS

Ah! temos chá e bôlos. Percebo. É reunião de deputados,

ANICETA

Estás hoje maluco de todo. Vai fazer o que eu te disse. Anda depressa.

DOMINGOS

Olha lá. São só duas palavras. Elles cazam ou não cazam? A modo que n'este negocio anda historia. O noivo não apparece. O pai vem cá duas vezes por dia, e anda-me sempre em conferencias com a tia. Ó Aniceta, aquillo é que era um pár de truz. O Gustavo casado com a tia Hortensia. Ah! Ah! Ah! (Gargalhada.) Isso é que havia de ser festa!

ANICETA

Ahi estás tu a metter a fouce na seára

alheia. Ora deixa-te de curiosidades. Cumpre as ordens das senhoras. Vamos, vamos.

DOMINGOS

A mim bem se me dá! Eu sempre hei-de ficar o que sou. Ha-de-me acontecer como ao povinho quando toma partido por alguem. Os chefes apanham as postas e o povo fica povo como d'antes.

ANICETA

Agora dá-te para politico. Que tem que vêr com isto a politica?

DOMINGOS

Tem tudo. Então a mão cá da nossa baroneza é a posta atraz da qual vão correndo todos os pretendentes. Eu é que não passo do criado Domingos.

ANICETA

Pois se já sabes isso vai tratar das tuas obrigações. (Sae pela E. B. e Domingos pelo F.)

SCENA X

DOMINGOS e JULIO, pelo F.

DOMINGOS (Precedendo Julio que se assenta.)

Queira v. ex.ª entrar para esta sala. Eu vou dar parte ás senhoras, que estão no jardim com o sr. Gustavo e com o sr. visconde da Touça. Primeiro andou a sr.ª baroneza no jardim com o sr. Carlos de Mello; depois foram lá ter os outros senhores.

JULIO (Com mau modo.)

Está bom, está bom. Não vás dizer nada. Eu espero aqui. Não podem tardar.

DOMINGOS (Á parte)

Sempre com cara de zangado! Este noivo por mais que me digam, ha-de ter lua de vinagre em vêz de lua de mel. (Sae F. E.)

SCENA XI

JULIO (só)

JULIO

Nunca houve coisa que tanto me custasse. Que venho eu fazer aqui hoje? Mortificar mais a pobre Eugenia, e padecer novas angustias. Meu pai assim o quiz. Cumpra-se a vontade d'elle. Mas realmente depois de tudo quanto se passou, o meu logar era longe d'esta casa, no meu regimento. Tenho pena da baroneza. Sei que me tem affeição, mas para que me ludibriou? Antes zombasse da minha infeliz lembrança. Era melhor que fingir um sacrificio d'aquelles e arrastar-me á posição ridicula de lh'o agradecer. (Pausa. Os Criados trazem luzes.) Fui acerbamente desconfiado, e cruel até nas exigencias do meu crime, porém sempre sincero. O engano é que não póde ter desculpa. Nem ella procurou justificar-se. (Levanta-se.) Nem uma palavra, nem uma linha! Mas eu não posso accusal-a, eu que lhe conheço o caracter jovial, bondoso,

mas excessivamente timido, capaz de grandes affectos e sujeito a profundos desalentos. (Pausa.) Entretanto na carta que escreveu hoje a minha tia, uma só phrase indifferente a meu respeito bastava para me penhorar. Eu nem sei o que penso. Destruí a minha propria felicidade á força de caprichos. Não ha situação mais ridicula que a minha. Se não tivesse promettido a meu pai, ía-me embora já. E o peior é que não sei occultar a agitação do meu espirito.

SCENA XII

JULIO e CARLOS, pelo F.

CARLOS (Áparte)

Olá! Temos outra vez o noivo! (Alto.) Adeus, Julio. Cuidei que tinhas partido para Braga. Toda a gente m'o disse hoje de manhã. Onde estão estas minhas primas e senhoras?

JULIO

Andavam no jardim, mas de certo já vieram para casa, e não tardam aqui. Eu tinha

tudo prompto para voltar ao regimento, porém quando fui receber a guia, deram-me ordem para ficar em Lisboa, e aqui estou ao teu dispôr.

CARLOS

Pois ainda bem. A santa Braga é boa terra e tem optima sociedade, mas Lisboa sempre é Lisboa, e então para ti.. .

JULIO

Para mim? Para mim como para qualquer outro. Na capital ha maior movimento, mais esplendidas funcções, theatros, bailes frequentissimos, e divertimentos de todas as especies. Para quem gosta de arruido não ha terra melhor em Portugal. Todavia a mim não se me dava agora de ir passar alguns mezes socegado em Braga.

CARLOS

Ora deixa-te de historias. Tu andas com pensamentos tenebrosos. Fazes-me lembrar d'aquelles versos:

«Por amor d'uns olhos negros
«Trago eu negro o coração.»

São para isso e para muito mais os olhos da minha formosa prima, a mais encantadora entre as lindas viuvas de Lisboa. Sem duvida. Mas tu és noivo d'ella. Que mais queres?

JULIO

Ahi vens tu com o noivado! Fallemos em outro assumpto. Que se diz de novo ?

CARLOS (Áparte)

Dei-lhe na ferida. (Alto) De novo? Tu querês saber novidades?

JULIO

Quero, sim. Conta para ahi tudo. Foste a S. Carlos? Estiveste no Chiado?

CARLOS

Estive no Chiado, entrei em S. Carlos, e depois do theatro fui ao Gremio. Em todos estes sitios havia uma novidade unica.

JULIO

E qual era?

CARLOS

Essa não é má! Aposto que não a sabes?

JULIO

E apostavas bem. Eu não sei nada. Ha tres dias que não saio de caza. Dize lá! Anda. Temos tenor novo? Acabaram as obras do Campo-Grande? Já rodam as carruagens no caminho de ferro Larmanjat? Cazou algum dos nossos amigos, ou alguma senhora do nosso conhecimento?

CARLOS

Nada d'isso, meu caro amigo.

JULIO

Mas acaba, Dize!

CARLOS

Então sempre queres saber a tal novidade? Tu deves sabel-a melhor que eu, a ser verdadeira. Mas como instas, faço-te a vontade. Dizia-se em primeiro lugar que partiras repentinamente para Braga.

JULIO

Mentira. Bem vês.

CARLOS

Em segundo lugar que já não cazavas com minha prima.

JULIO (Depois de pausa.)

Então não continuas?

CARLOS

Estava esperando que dissesses tambem: «Mentira.»

JULIO

Não digo mentira nem verdade. Não sei quem se deleita a espalhar esses contos. Tolices de gente ociosa. Espero que ao menos não te incumbas tu de lhes augmentar a circulação.

CARLOS

Eu sim. Nunca fui almocreve de petas. É mister de parasytas que retribuem em noticias e mexericos os jantares que vão grangeando. Não faltei nunca aos deveres d'amigo para comtigo, nem ás obrigações de parente d'esta caza.

JULIO

És cavalheiro, meu Carlos. Tenho inteira confiança na honradez do teu caracter.

CARLOS

Mas onde estão estas senhoras? Provavel-

mente ficaram na galeria quando vieràm do jardim. Vamos ter com ellas. (Saem F. E.)

SCENA XIII

BARONEZA (só) E. B.

BARONEZA (Entrando.)

Tudo se conspira contra mim. Julio quer afastar-se para longe da capital, e a maior parte das pessoas são de parecer que um homem de bem, como elle é, não quebra as suas promessas a uma senhora sem motivos ponderosos e graves. Muito infeliz sou! Até minha tia, santa creatura apesar das suas originalidades e que andava apregoando sempre abstenção em arranjos de cazamentos, até essa, desde que Julio projectou ir para Braga, acha que devo cazar com meu primo Carlos! Cuida que o meu coração é theatro onde se muda repentinamente o scenario, e que aos noivos se póde applicar o proverbio a respeito dos monarchas: REI MORTO, REI POSTO». São affliçÕes sobre affliçÕes, e por mais que se canse aquelle honrado homem,

o nosso bom amigo Gustavo de Souza, não me restitue o meu Julio. Eu devia ter-lhe escripto a justificar-me e a pedir-lhe que me perdoasse. Enganei-o; abuzei da sua boa fé para lhe inspirar confiança. E elle queria obstar ao sacrificio que lembrára. Eu é que lhe não dei tempo. A culpa foi toda minha; e nada fiz ainda para reparal-a. Aqui me estou consumindo d'amor, de saudade e de remorsos. Se Julio soubesse o que padeço de certo me perdoava. Elle não vem cá esta noite... mas se vier, como hei-de apparecer diante d'elle envergonhada da minha criminosa astucia e attribuladissima porque lhe quero do fundo d'alma e sinto que perdi para sempre a minha felicidade? Tremo de o avistar, meu Deus!

SCENA XIV

BARONEZA, GUSTAVO, D. HORTENSIA, VISCONDE DA TOUÇA, CARLOS DE MELLO e JULIO DE SOUZA. (F. D.)

CARLOS

Prima Baroneza, como está? Cuidei que estivesse incommodada. Não a encontrei na galeria.

BARONEZA

Tinha vindo a esta sala. Eu tambem não sabia que já tinha chegado o sr. Julio e meu primo. Sr. Julio de Souza. (Estendendo-lhe a mão.)

JULIO

Criado de v. ex.ª. Nós demorámo-nos aqui e provavelmente fomos para a galeria quando v. ex.ª vinha para cá.

D. HORTENSIA

Vamos, sr. visconde. Conte-nos essa historia do João Picoto. Vamos a vêr se é tão curiosa como nol-a annunciou. Nós estamos sequiosas de novidades. Ha tres dias que não chega a esta caza o minimo rumor do que vai pelo mundo. (Senta-se.)

VISCONDE (Sentando-se.)

A historia é simples e divertida. João Picoto nasceu em Portugal, nos principios d'este seculo, porém vive no Chili ha trinta annos. E' negociante de grosso trato e honradissimo. A firma d'elle vale dinheiro em toda a America. Um amigo que veio á Eu-

ropa, lembrou-se de o fazer commendador, e realisou logo os seus desejos. Bem sabem que não é difficil fabricar commendadores! João Picoto quando recebeu a participação official, ficou lisonjeadissimo, porém fiel aos principios d'honra que ha tantos annos tem sabido guardar escrupulosamente, escreveu ao ministro pedindo-lhe licença para não acceitar a mercê, e accrescentando que se em Portugal desejavam favorecel-o e honrar a sua probidade, segundo resava a portaria, se dignasse el-rei perdoar-lhe os cinco annos de degredo, que lhe faltavam quando da Africa oriental fugira para a America.

CARLOS

Essa é unica!

JULIO

Admiravel! Magnifico!

D. HORTENSIA

E ahi está como vae o mundo. Já fazem commendadores os degradados! Santo Deus! Por isso o deputado Guimarães propoz nas côrtes...

GUSTAVO

Pois é melhor dár commendas aos degra-

dados que se emendam e por uns tantos annos procedem honradamente, do que andar muitas vezes em risco de vêr condemnados a degredo os commendadores.

VISCONDE

O crime de João Picôto era ter dado umas pancadas em desordem das quaes resultou a morte d'um homem e deformidade d'outro. No Chili ninguem sabia de tal e em Lisboa tambem não.

D. HORTENSIA

Muito bem, muito bem. Expliquem lá isso como quizerem, a anecdota é curiosissima. Agora, primo Carlos, venham as suas novidades. Quem apparece em toda a parte, deve saber tudo. Então não se senta, sr. Gustavo? Tem aqui logar ao pé de mim.

GUSTAVO

Estou muito bem minha senhora. Eu ia examinar estes albuns, se v. ex.ª dá licença. (Senta-se a observar os albuns.)

D. HORTENSIA

Pois não. (Áparte.) Sempre tímido! Parece uma donzella.

CARLOS

Pois, minhas primas, ahi está o Julio que póde abonar a minha palavra. Ainda ha pouco me fez igual pergunta aqui n'esta sala, e eu com a maior franqueza lhe disse...

JULIO (Levanta-se, áparte.)

Ahi está o cavalheiro. Vai contar tudo! Eu fujo.

CARLOS

...que não ha nada de novo, absolutamente nada. É verdade, já me ía esquecendo, o filho do Roberto Corrêa, d'aquelle capitalista que mandou edificar um palacete no largo da Abegoaria, pediu a filha do guarda-livros do Samuel Stilton, e o pai não lh'a quiz dar. Isto nem é novidade! Ah! cazou a final com todos os seus contos de reis a filha do barão de Penude, como tem cazado e ha de cazar toda a gente que não ficar solteira.

BARONEZA

E o primo a dizer que não havia nada de novo.

D. HORTENSIA

Este nosso Carlos é assim. Para elle tudo é vulgar.

CARLOS

Eu cuidei que v. ex.as já sabiam tudo isto, e até me esqueceu acrescentar que morreu o conselheiro Valladares, dos negreiros mais philantropicos d'Africa, importado da America para Portugal e reexportado agora para o outro mundo. Vejam, minhas primas, se ha coisa mais vulgar.

GUSTAVO (Erguendo a cabeça e interrompendo o exame dos albuns.)

O sr. Carlos tem razão. Morrem muitos conselheiros. Não admira. Ha tantos!

JULIO

Este Valladares era nosso visinho. Deixou parentes pobres, e legou todos os seus haveres á Misericordia do Porto. Era natural d'aquella cidade.

VISCONDE

Tambem é vulgar. Nos tempos feudaes os senhores depois de roubarem e matarem sem escrupulo, fundavam mosteiros, doavam-lhes quanto possuiam, e compravam o céo como nós compramos hoje alguns metros de terreno no alto de S. João, ou dos Prazeres. Historia antiga, acommodada aos usos modernos.

BARONEZA

Eu não sou das mais curiosas, mas sempre quizera saber quem foi o preferido pela filha do barão de Penude. Tinha tantos pretendentes.

D. HORTENSIA

Com perto de quinhentos contos o que ahi não irá de despeitados. N'estes nossos tempos o dinheiro é tudo!

CARLOS

Só eu á minha parte conheço alguns cinco ou seis que devem estar furiosos. Dois condes que teem nas armas poucos metaes e muitas côres. Um par do reino, ancioso

por quem lhe renove os arminhos e lhe fortaleça a eloquencia. Não ha facundia sem dinheiro. Até se diz dos grandes oradores: LINGUA DE OIRO, OU LINGUA DE PRATA. Aqui o nosso visconde, dizem, eu não assevéro, no ultimo baile do Club...

TODOS

Ora essa! Bravo, sr. visconde.

CARLOS

E chegado a Lisboa ha poucos dias!

D. HORTENSIA

Era para representar a diplomacia n'aquelle concurso, e ninguem melhor que v. ex.ª

VISCONDE

Muito obrigado, minha senhora. Eu não dansei com ella senão uma vez, mas o corpo diplomatico já estava representado. Tres addidos. Nada menos.

BARONEZA

Mas quem foi o invejado mortal?

CARLOS

Pois não sabem? Foi um rapazelho de dezenove annos, saído ainda este anno do collegio militar, o D. Joaquim d'Albuquerque, palerma da quinta essencia. E sempre assim. Raro acontecerá que os predestinados a millionarios se chamem Herculano ou Garret.

JULIO

É o filho do general Albuquerque. Não tem um palmo de terra e frequenta o instituto agricola. Este nosso paiz é assim! Tudo ao avêsso.

CARLOS

Não sabem a melhor d'elle? Pois eu lh'a conto. N'estas ferias estava com outros rapazes no Passeio Publico, e fallavam justamente na filha do barão de Penude. «Se eu cazasse com ella, dizia um, havia de ter as melhores carruagens de Lisboa. E eu, exclamava outro, comprava o mais bello palacio da capital, e dava festas de atroar tudo. Eu cá ia viajar, acudia um d'apparencia mais elegante, corria a Europa e a America e passava os invernos em Pariz. N'este anno

é que não me escapava o canal de Suez.
— «Pois eu, disse o tal D. Joaquim recordando-se das madrugadas do collegio, se cazasse com ella, ó meu Deus, então é que vocês haviam de vêr o que é dormir.» (Gargalhada geral.)

D. HORTENSIA

Jesus! Santo Nome de Deus! Ó sr. Gustavo, que lhe parece? Querer ser rico só para dormir, para se entregar ao somno que é a imagem da morte!

GUSTAVO

Que me ha-de parecer, minha senhora? Coisas de creança!

VISCONDE (Levanta-se)

E a um alarve d'aquelles dá Deus quinhentos contos, como nos distribue a nós quatrocentos ou quinhentos mil réis! Eu cá sou fatalista. Sou pelo nosso proverbio: «Guardado está o bocado para quem o ha-de comer.» É escusado ninguem cansar-se.

JULIO

Mas não disseram que o guarda livros do

Stilton negára a filha ao rapaz do Roberto Corrêa?

VISCONDE

Assim corria hoje. Acontece a cada passo não approvarem os paes as inclinações das filhas.

GUSTAVO (Levanta-se.)

Pois eu acho que é a maior novidade de todas. Conheço o guarda livros do Stilton. E' homem honrado, mas pobre. Vive unicamente do ordenado. Porque não quereria elle para genro o filho do Roberto Corrêa, que é muito bom rapaz, segundo todos dizem, e de certo muito rico? Filho unico!

D. HORTENSIA

Orgulhos de pobre. Ha immensos assim. Andam a cair de lazeira e tem-se n'uma conta por ahi além! Na Peninsula, dizia muitas vezes o deputado Guimarães, somos todos ou D. Quixotes ou Sanchos Panças.

CARLOS

Eu ouvi dizer que o velhote não quer que a filha caze com pessoa de condição superior á sua.

D. HORTENSIA

Então, não o dizia eu? Orgulho de pobretão.

JULIO

Eu peço perdão a v. ex.ª, mas não acho que se deva levar a mal que ao homem desagrade genro poderoso e rico. Talvez receie que possa lembrar á filha a mediania de que a tirou ou a situação modesta do pai. Não gosta de genro que venha a envergonhar-se do sogro, e que ao cabo d'alguns annos lhe offereça dinheiro para elle deixar o escriptorio do patrão e disfarçar-se em commendador. Cada classe tem a sua dignidade e os brios d'um guarda livros honrado e discreto valem tanto como os brios dos maiores fidalgos!

BARONEZA

Tem muita razão, sr. Julio de Souza. Em todas as classes ha delicadezas dignas de respeito.

JULIO

Pois não acha, sr.ª Baroneza? Muito me honra ter a meu favor a sua judiciosa opinião.

BARONEZA

Acho, sem duvida, e minha tia igualmente. Ella não conhecia o homem. Cuidava que era algum d'esses pobres soberbos e maus...

D. HORTENSIA

Está visto. Agora approvo o proceder do tal guarda-livros, Assim elles se honrassem de pertencer á sua classe e não aspirassem todos a viscondes.

VISCONDE (Áparte.)

Ah! Tu mettes-te comigo! Pois eu te arranjo.

CARLOS

Parece-me que a respeito de noticias temos desempenhado bem o nosso papel.

VISCONDE

E ainda as não dissemos todas.

D. HORTENSIA

Então que mais ha? Que mais, sr. visconde?

VISCONDE

Fallava-se hoje muito d'uns noivos da me-

lhor sociedade que deixaram de o ser por falta d'affeição ou por qualquer outro motivo.

JULIO (Áparte.)

Ahi vem a tempestade que eu temia! Pateta!

BARONEZA (Baixo á tia.)

Oh! minha tia!

D. HORTENSIA (Idem á sobrinha.)

Então, menina. Animo. Não dês a entender que o caso é comtigo.

CARLOS

São decerto boatos sem fundamento, que espalham as más linguas.

VISCONDE

Até um periodico já hoje narrava, e malignamente o caso. (Áparte.) Vai ouvindo, e despacha á tua vontade viscondes os guarda-livros. (Alto.) Não sei como se escrevem coisas d'estas. (Vai á mêza e péga n'um jornal.) Eil-o aqui, está ainda cintado. É no FLAGELLO, jornal satyrico. Eu leio. (Rasga a cinta, procura e lê.) «Falla-se «muito de dois noivos que deixaram de o ser

«ha poucos dias. Pertencem á sociedade mais «rica e elegante de Lisboa. Parece que o ra«paz atormentado de zelos exigira da noiva «uma prova d'amor, que não lembrára a Ovi«dio nem aos melhores entendedores do as«sumpto. A noiva fingiu acceder para o «enganar melhor, porem o mancebo que, «segundo nos consta, é dos mais briosos, «conhecendo que fôra ridiculamente burla«do, desfez o casamento e deixou livre o «campo em que o martyrisavam a fogo lento «de ciumes!»

JULIO (Baixo á Baroneza.)

Não se perturbe, Eugenia, eu estou aqui.

VISCONDE

O jornal conclue com as seguintes insultantes phrases: «Em todos os casos pergun«tam os hespanhoes: *Quien és ella*? Nós tam«bem podemos perguntar: *Quem será elle?* «As noivas não se arriscam a enganar os «noivos, senão quando querem desfazer-se «d'elles, e a noiva que despede o noivo é «porque tem outro para o substituir. Segui«remos este curioso negocio.»

CARLOS (Levanta-se.)

É singular que se escrevam coisas d'essas!

GUSTAVO (Levanta-se.)

Singular! Sr. Carlos de Mello, diga infamissimo! É entrar no dominio da vida particular e devassar os segredos das familias.

D. HORTENSIA (Levantando-se.)

Diz muito bem, sr. Gustavo; muito bem. Por menos se bateu o deputado Guimarães com o redactor principal do *Fagote*.

JULIO (Idem.)

Esses jornaes inventam mentiras e aleives para ganhar torpemente o pão de cada dia, e não dão as noticias verdadeiras. Por um casamento que se desfaz; ha outros que se realisam rapidamente. Querem uma novidade que não vem em nenhum dos periodicos d'hoje.

TODOS

Qual é? Qual é?

JULIO

Não se espantem. É muito simples e até

já prevista. A sr. baroneza de Florido concede-me a honra da sua mão. (A baroneza levanta-se.) Assignam-se as escripturas ámanhã n'esta caza, e a cerimonia religiosa será tres dias depois. A sr.ª D. Eugenia de Mello, que ha-de ser o nome de minha mulher, authorisa-me a convidar a v. ex.as para ambas as solemnidades.

BARONEZA (Dando a mão a Julio.)

Meu bom amigo, meu generoso defensor!

GUSTAVO (Abraçando o filho.)

Tua mãe n'este momento está no céo a abençoar-te.

TODOS

Bravo, Julio! Os nossos parabens!

VISCONDE (Áparte)

Antes assim co'a breca. Ao menos desempatam por uma vez.

JULIO

É que não se desfazem os casamentos quando teem por baze a affeição sincera d'ambos os noivos e por segurança as tradições respeitaveis de duas familias honradas.

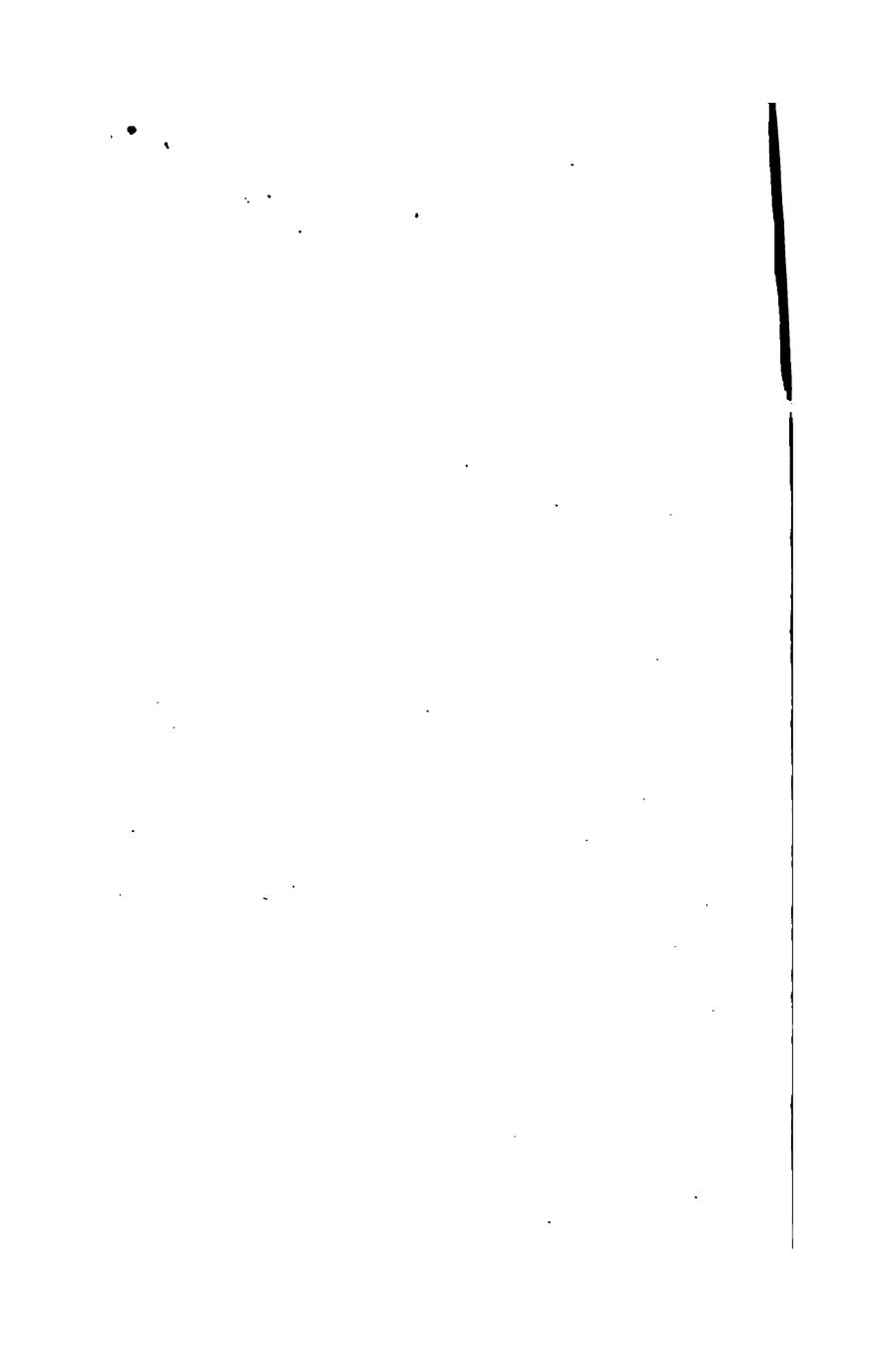
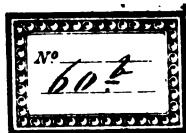
CARLOS

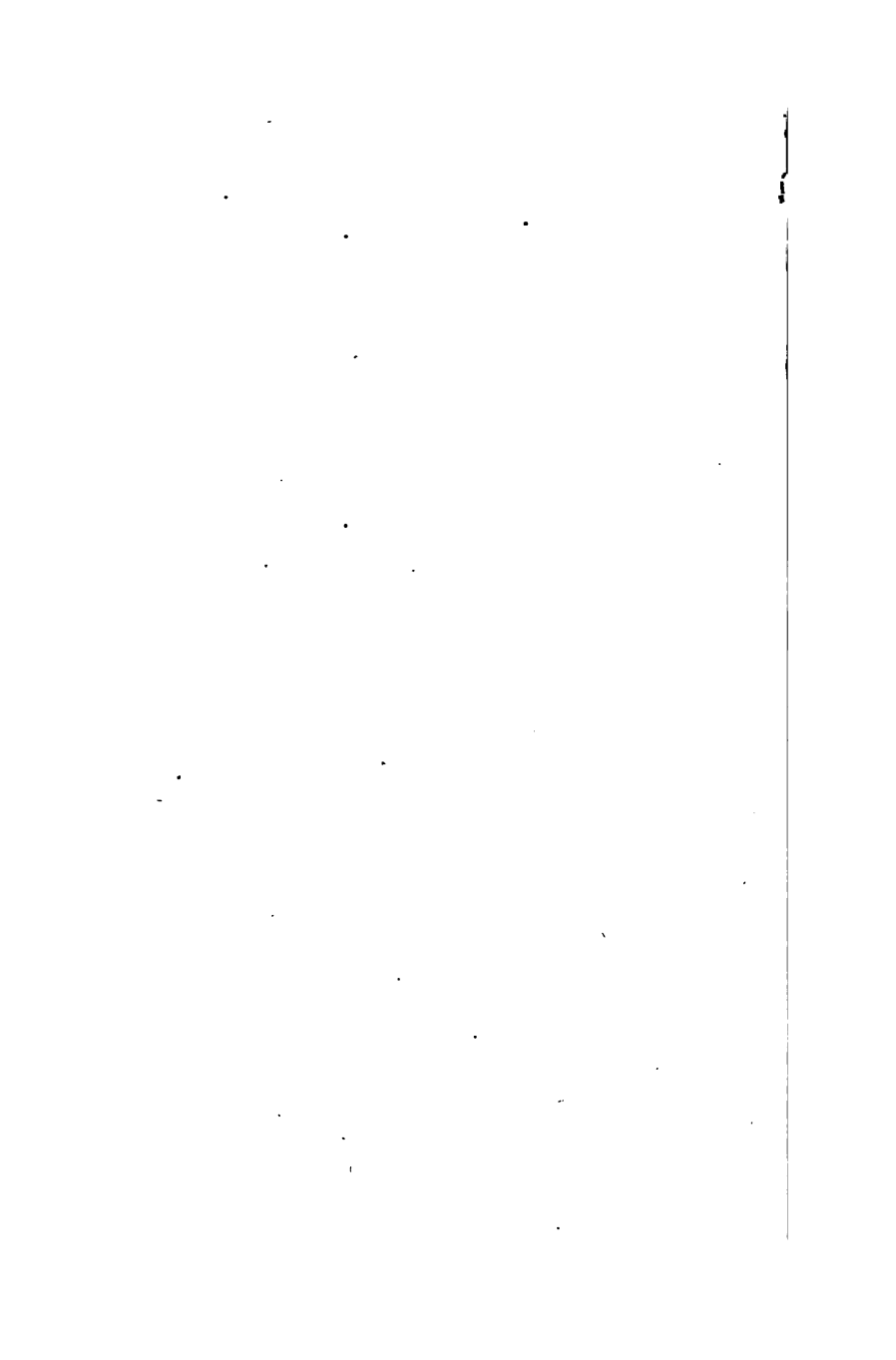
Bizarro proceder, meu Julio! És um homem de bem.

D. HORTENSIA

Se aquelle Gustavo não fosse um pascacio, havia aqui dois casamentos em vez d'um. Eu illudi-me. Não se parece nada com o deputado Guimarães. Mesmo nada!

Cae o panno

FIM DO 3.º E ULTIMO ACTO.

A BOTINA VERDE

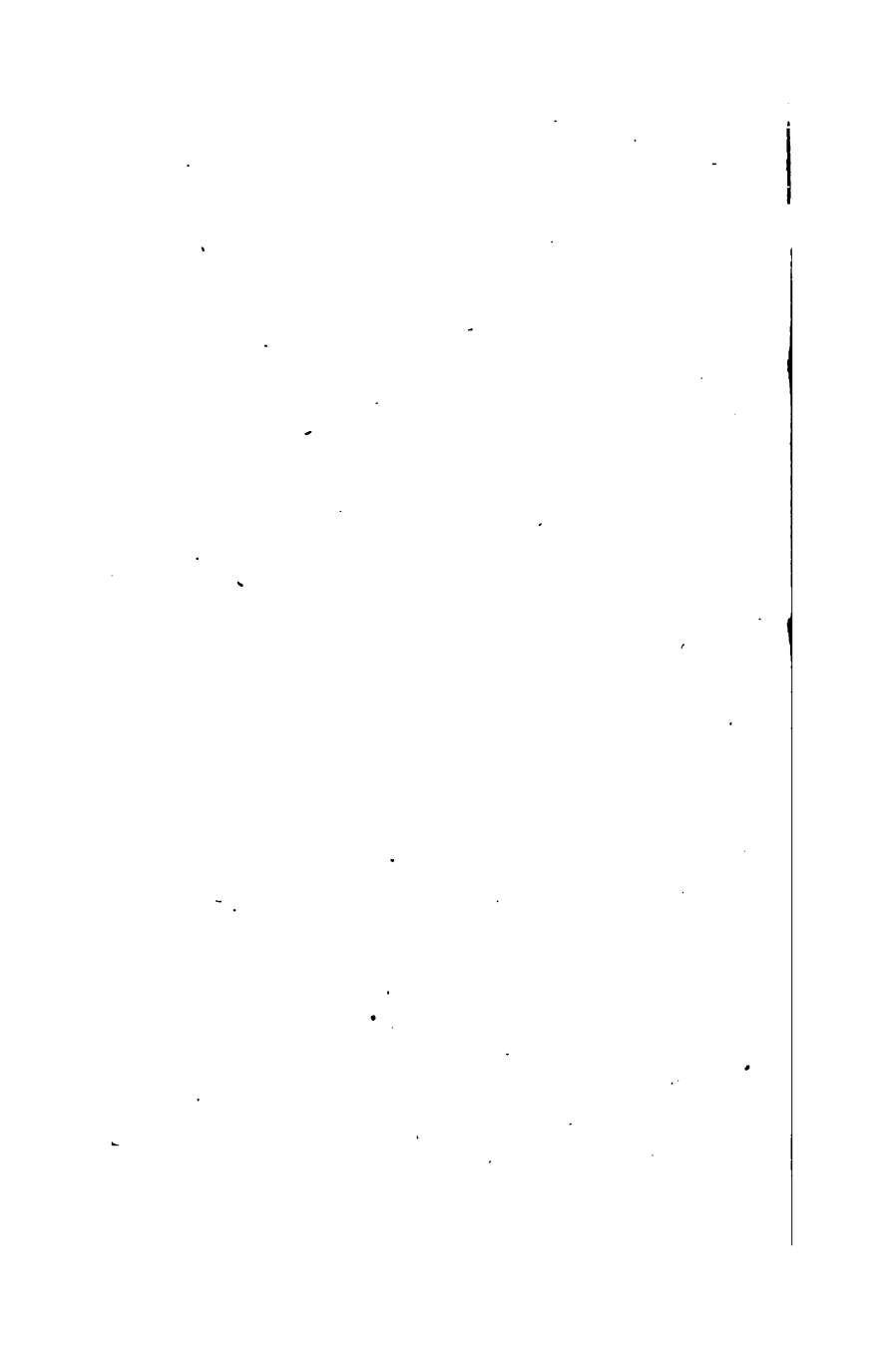
COMEDIA EM 1 ACTO

A BOTINA VERDE

COMEDIA ORIGINAL EM I ACTO

ANDRÉ LOPES, negeciante em Coimbra, 45 annos	O sr. José Simões Nunes Borges.
DR. PAULO NOGUEIRA, medico, 50 annos.	» Antonio des Santos Pires.
JOÃO NOGUEIRA, filho do dr., estudante, 20 annos.	» Julio Augusto Seller de Menezes.
FRANCISCO, criado d'André.	» José Antonio de Valle.
D. CUSTODIA, mulher d'André, 50 annos.	A sr.ª Anna Cardozo.
D. EMILIA, sobrinha, 18 annos.	» Lucinda Simões.
JOANNA, criada.	» Elysa Emilia da Conceição Santos.

A ACÇÃO PASSA-SE EM COIMBRA

Na actualidade

Representada pela primeira vez no theatro do Gymnasio Dramatico em Lisboa, em Março de 1870.

ACTO UNICO

—

Sala em caza do logista André Lopes. Canapé, cadeiras, mezas, e uma banca d'escrever tendo em cima livros, tinteiro e papeis.

SCENA I

D. CUSTODIA, e D. EMILIA cada qual sentada para seu lado junto da jardineira, JOANNA vem entrando, D. F.

D. CUSTODIA

Ora ainda bem que appareces! Então que disse o criado? Aposto que não foi á estação do caminho de ferro? N'esta caza, louvado seja Deus! faz cada qual o que lhe vem á cabeça. (Levantando-se.) E eu sou quem paga

ás favas e quem anda sempre a amofinar-se. Mando o Francisco á estação, e até agora nem palavra. Com effeito é de mais!

JOANNA

Elle foi logo mas ninguem lhe deu noticia de meu amo. Disseram-lhe que o não tinham visto, e que se não chegára no comboyo da tarde, é porque resolveria tomar o comboyo da madrugada, ou qualquer dos que têem de passar aqui ámanhã.

D. CUSTODIA

Ora ahi tem o que se chama ser pateta! E o sr. Francisco voltou muito satisfeito d'essa resposta? Está visto que não chegando no primeiro comboyo, póde vir no segundo! Que descoberta! Sempre ha n'este mundo cada tôlo! Por isso o tal criadinho das duzias não me appareceu mais! Pois deixa estar que as não perde!

JOANNA

Eu vinha agora trazer a resposta que elle me deu.

D. CUSTODIA

Sim, sim, tão parva és tu como elle. Dêem graças a Deus de eu não ser homem, que os havia de ensinar a todos. Assim mesmo a não ser o meu hysterico, eu lhes diria em que lei haviam de viver. (Senta-se.) Não me posso affligir e por isso ando sempre a ter mão em mim. É que, em me zangando, fiço doente para quinze dias! Mas o tal Francisco vai abuzando cada vez mais. Pois deite os bracinhos de fóra, que eu lh'os porei no seu logar, em meu marido chegando de Lisboa.

D. EMILIA (Levantando-se.)

O rapaz, coitado, que havia de fazer? Responderam-lhe assim...

D. CUSTODIA (Idem.)

Se tu não havias de metter a tua colherada, grandissima taralhona! Trabalha, e não venhas dar sentenças aonde não és chamada. (Emilia senta-se.) Se o criado tivesse dois seitiz de juizô, não se accommodava com similhante resposta. É um basbaque!

JOANNA

..O Francisco diz que perguntou a todos para obter noticias do sr. André, e tanto instou que a final até os proprios empregados da estação se enfadaram, e os estudantes que lá estavam, puzeram-se a caçoar com elle. Um dizia: «Queres saber de teu amo? Te-«nho-o aqui na algibeira do collete.» Outro gritava: «Perdeu-o, coitadinho! Ponha an-«nuncios.» E os mais pequenos eram os peiores, a clamarem todos: «Quem viu por «ahi o André? Ó Joaquim, ó Raymundo, ó «Gonçalo, tens ahi o André? Dá para cá o «André! Pergunta pelo telegrapho para a «Lourinhã, se lá está o André?» O Francisco envergonhou-se e veio para caza.

D. CUSTODIA (Batendo o pé.)

E o Francisco já não tem mãos? É um grande palerma, e os outros uma corja de patifes! Não saber eu os nomes aos taes estudantinhos! Recommendava-os a meu primo, que havia de levar cada um o seu *R* no fim do anno. Para isto é que serve ter um primo lente da Universidade.

D. EMILIA

Então a tia cuida que os lentes deitam *R.R.* assim por dá cá aquella palha?

D. CUSTODIA

Pois se não deitam, fazem muito mal. E tu cala-te. Já t'o disse. Não te faças intromettida.

D. EMILIA

Ora essa! Pois hei-de estar sempre calada, sempre, sempre. Cuido que já não sou nenhuma creança de dez annos.

D. CUSTODIA

Olha. No juizo parece que tens menos. Cala-me essa bôcca. Não é preciso dizer as coisas tres vezes. Se o meu André não fosse um valdevinos, nada d'isto aconteceria. Vai a Lisboa por causa da tal demanda e para fazer compras para a loja, se é que foi para isso; está por lá cinco dias; escreve-me a dizer que chegava pelo comboyo da tarde d'hoje, e a final não vem. Ao menos podia mandar um despacho para me socegar. Nada de novo. Deus sabe como andava por

lá aquella cabecinha, e quem lhe faria perder o juizo. Está-me a dar na veneta... nem eu sei o que!

JOANNA

Talvez o patrão chegasse tarde ao caminho de ferro. Acontece muitas vezes.

D. EMILIA

E o padrinho então, paxorrento como elle é! Nem foi outra coisa. (Levanta-se.)

D. CUSTODIA

Ora ahi está explicado o negocio todo! Sabem vocês mais do que eu apesar de ser mulher d'elle! E essa costura, Emilia, decerto não se acabará hoje. (Emilia senta-se.) Se tu estás com o sentido no que se diz! Por mais que te mande calar, é como se fallasse aos peixinhos de S.to Antonio. E cá a sr.a Joanna, a sr.a Joanninha como ella gosta que lhe chamem, tem a loiça por lavar na cozinha e vem dar sentenças para a sala. Ó meu Deus da minha alma, eu não morro sem lhes dar uma licção mestra...

D. EMILIA

É que o padrinho...

JOANNA

Bem sabe que o patrão...

D. CUSTODIA

Qual patrão nem qual padrinho! Calem-se com a breca ou vai hoje aqui tudo pelo pó do gato. É que o padrinho... (Arremedando a voz da sobrinha.) Bem sabe que o patrão... (Arremedando a voz da criada.) É mesmo um santo o tal patrão! Vir para caza ás tres horas da madrugada para incommodar a familia inteira! É bonito. É realmente bem escolhida a hora de recolher! Aquillo foi caso e dos graúdos. Eu hei-de descobrir tudo. A mulher do medico, a minha bôa amiga, tambem está em Lisboa e ha-de-lhe saber das passadas. Aquella, sim, que é uma santa e deu com marido que é mesmo uma joia. Porém o meu André, ai Jesus! nunca vi outro assim. Com os seus quarenta e cinco annos cuida que está nos vinte e cinco. É mais

presumido que as raparigas. E a tal mania do pé pequeno?! Um homem d'aquella idade! Ás vezes até me cauza dó vêl-o calçar por medida de senhora, e queixar-se de trazer botas muito largas. Tem todas as verduras dos rapazes! Tôla fui eu em deixal-o ir sosinho a Lisboa. Nunca mais. Para a outra vez não viaja sem mim. Tambem quero ir á côrte.

JOANNA

E faz muito bem.

D. CUSTODIA

Bem ou mal não é da sua conta. Vá lavar a loiça, ande. É bôa!

JOANNA

Já vou, já vou. (Áparte.) S. Jeronymo, S.ta Barbara, hoje temos trovoada. (Sáe.)

D. EMILIA (Largando a costura.)

E quando fôr com o padrinho, vou eu tambem, tiasinha, sim? Ando morta por vêr Lisboa. Que eu já faço idéa. E' uma Coimbra muito grande, mas sempre queria ir ao

Passeio Publico, ao Chiado e aos theatros. O Francisco diz que são tão bonitos.

D. CUSTODIA

Com que então agora deu-te a mania de viajar? Já te enfada a costura! Heim? Estavas talhada para fidalga! Divertimentos e mais divertimentos e nada de trabalhar.

D. EMILIA

Eu agora não trabalho mais. Faz-me doer os olhos cozer á noite. Mas não se amofine, minha tiasinha, que eu ámanhã hei-de trabalhar por quatro. Bem sabe que só desejo obedecer-lhe. (Faz-lhe caricias.)

D. CUSTÓDIA

Pois sim, pois sim. Deixa-te de piéguices, minha mosquinha morta. Arranja esta sala. O Francisco anda sempre em recados da loja e a Joanna todo o tempo julga escasso para dar á taramella. Por isso aqui está sempre tudo em desordem. Eu venho já. Vou lá dentro saber o que faz este Francisco. Olha que teu tio vem esta noite de

certo, e se vê as coisas fóra do seu logar, não gosta. Pois era bem feito deixar tudo assim atrapalhado. O lugar dos homens cazados é em caza com a familia e não em viajatas pela côrte. Eu lhe ensinarei o Padre Nosso. (Sáe.)

SCENA II

D. EMILIA (só)

D. EMILIA (Arranjando a sala)

Ora vamos lá arranjar estes papeis, limpar o pó dos livros e pôr cada coisa em seu logar. Minha tia está sempre a dizer: (Imita-lhe a voz e o gesto.) «Cala-te, não mettas o nariz no «que te não pertence. Trabalha, creança, «não sejas taralhona.» E a final, quando quer a caza arrumada, cá vem ter com a creança. Pois é o que não me dá canceira. A maior tarefa que me cabe é fazer d'anjo da guarda do meu querido tio e da minha boa tia. São duas creaturas excellentes, dois corações de pomba, mas cada qual com sua telha. A senhora minha madrinha sempre

zangada pelo que se diz e pelo que se não diz, e sempre disposta a fazer bem a toda a gente; muito amiga do marido, e a ralhar com elle sempre. O senhor meu tio, um santo homem, pachorrento, distraido e com pretenções a janota. Presume de ter pés de senhora, e tral-os tão apertados nas botas que ás vezes mal os póde pôr no chão. E aqui ando eu sempre a vigiar o tio, a desculpar-lhe as distracções, a socegar a tia, e a preserval-os do proprio genio d'elles. Coitados! Tudo merecem! Bom! lá ia quebrando esta preciosidade! (Um objecto que ia cahindo, e ella suspende.) Se minha madrinha visse! Que tempestade! É verdade. E o senhor João Nogueira, o filho do medico nosso visinho, ainda hoje não appareceu cá em casa! Já ninguem se importa com esta creança. Pois deixa estar que em elle vindo, amúo e faço de tia Custodia. Hei de ralhar muito e muito... Não ralho tal; pobre rapaz que é tão meu amigo. Lá estão a tocar á campainha. É de certo elle.

SCENA III

JOANNA e D. EMILIA

JOANNA (Atravessando do lado para a porta. F. D.)

Quem será a visita agora? Ha de ser o sr. doutor, o lente, o primo das senhoras. Temos chá esta noite. Venha mais essa massada.

EMILIA

Ó Joanna, onde vaes tão zangada?

JOANNA

Onde vou? Vou á porta vêr quem está a tocar. Visita á noite, não é senão o seu primo lente.

D. EMILIA

E porque não ha de ser o Joãosinho do medico?

JOANNA

Tambem póde ser. Lá toca outra vez. Tem pressa. Vamos vêr quem é. Ahi vae, ahi vae. (Sahe F. E.)

SCENA IV

JOÃO NOGUEIRA e as mesmas

JOANNA

Entre, sr. João Nogueira. Aqui está a menina, e eu vou dizer á sr.ª D. Custodia.

D. EMILIA

A tia está a dar umas ordens ao criado, mas vem já.

J. NOGUEIRA

Não tem pressa, Joanninha. Eu não sou de ceremonia, nem quero incommodar.

JOANNA (Áparte.)

Joanninha, hein? Como está meigo! E não quer incommodar a tia, coitadinho! Estas creanças agora nascem todas com dentes. É celebre! (Sae. D. F.)

SCENA V

D. EMILIA e JOÃO NOGUEIRA

D. EMILIA (Fingindo-se zangada.)

Estou muito zangada com o sr. João Nogueira.

J. NOGUEIRA

Ó menina, que mal lhe fiz eu? Então? Não seja assim.

D. EMILIA

Pois hei de ser peior, muito peior. Nem faz idéa. Passar o dia inteiro sem me vêr! É coisa que se faça?

J. NOGUEIRA

Não foi por minha culpa. De manhã tive aula, e á tarde fui á estação do caminho de ferro esperar meus paes que vem de Lisboa.

D. EMILIA

E vieram esta tarde?

J. NOGUEIRA

Nada. Provavelmente chegam de madru-

gada com o sr. André Lopes. Tenho de voltar ao caminho de ferro ás tres horas da manhã. E agora vim cá vêl-as e saber se queriam alguma coisa.

D. EMILIA

Pois veiu muito tarde. Nós queriamos vêl-o mais cedo. E eu que já me esquecia que estou de mal com o sr. João Nogueira. Tambem sei amuar e ralhar muito com voz de trovão. Não faz idéa como eu sou rabina quando é preciso.

J. NOGUEIRA

Nunca é preciso ser rabina! Deixe o mau genio para a sua tia.

D. EMILIA

Agora se lhe parece diga mal de minha madrinha.

J. NOGUEIRA

Eu não digo mal d'ella, mas a menina hoje está tanto contra mim! Pois não o mereço, que lhe quero muito, e afflige-me vêl-a assim.

D. EMILIA (Rindo.)

Vamos lá. Acabou. Isto é brincadeira. Se-

jamos amigos como sempre. E para a outra vez ha de vir mais cedo, sim?

J. NOGUEIRA

Eu venho logo que posso, e para mim é sempre tarde. Tomára eu estar continuadamente n'esta casa.

D. EMILIA

Isso, isso. Diga-me d'essas coisas bonitas. Mas agora vejo que a Joanna não disse nada á tia. Chamou-lhe Joanninha... é o fraco da rapariga. Eu vou chamar a madrinha.

J. NOGUEIRA

Não disse que ella vinha já?

D. EMILIA

Disse, mas bem vê que me enganei. Vou chamal-a. Não quero que se aborreça comigo só.

J. NOGUEIRA

Eu aborrecer-me!...

D. EMILIA (Rindo)

Pois então. (Vae á porta da D.) Minha tia, minha tia, está aqui o sr. João Nogueira.

SCENA VI

Os mesmos e D. CUSTODIA

D. CUSTODIA (Fóra.)

Está bom, Está bom. Eu lá vou já. Que berreiro!

J. NOGUEIRA

Olhe, vê, Emilia, a tia zangou-se. Vim de certo incommodal-a.

D. EMILIA

Aquillo passa-lhe logo.

D. CUSTODIA (Entrando D. F.)

Dás cada grito, menina. Nem que andasse fogo na caza.

D. EMILIA (Áparte.)

É para não andar.

D. CUSTODIA

Desculpe esta rapariga, sr. Joãosinho. Isto é um vendaval. Por onde passa leva tudo diante de si.

J. NOGUEIRA

Essa é boa, minha senhora...

D. EMILIA

Então eu agora sou vendaval, e ás vezes sou mosquinha morta. O que a minha boa tia quizer.

D. CUSTODIA

Tu ės muito piégas, sabes? Mas então, sr. João Nogueira, a sua mãe já chegou de Lisboa?

J. NOGUEIRA

Ainda não, sr.ª D. Custodia. Fui hoje esperal-a ao caminho de ferro, porém não veiu. Meus paes, com certeza, chegam esta madrugada, e provavelmente virá com elles o sr. André Lopes.

D. CUSTOEIA

Deus o oiça. O meu André em se pilhando fóra de caza nunca tem pressa. E Lisboa então parece enfeitiçada para elle! Quando lá vae, é pedra que caiu em poço.

J. NOGUEIRA

Não admira. Basta a demanda. Os nego-

cios de justiça são sempre demorados. E depois quem é negociante tem de escolher fazendas para a loja e de correr a cidade inteira.

D. EMILIA

É o que eu digo á tia. E o meu padrinho com aquella sua pachorra...

D. CUSTODIA

Eu já te disse, Emilia. Cala-te. De pachorra preciso eu para te aturar. Se o meu André não escolheu as fazendas em cinco dias, foi porque não quiz. Provavelmente ficou para ir ao theatro vêr aquelle mulherio todo; nem foi outra coisa. Se o Francisco foi criado de um actor em Lisboa, e está-lhe sempre a contar aquellas historias do theatro.

J. NOGUEIRA

A sr.ª D. Custodia não gosta do theatro, mas eu já a vi no theatro academico e no de D. Luiz.

D. CUSTODIA (Sentando-se.)

Sim, senhor. Tem visto, porém sempre com o meu André. Se elle ía a Lisboa di-

vertir-se, levasse a familia comsigo. Eu estou aqui o anno inteiro a trabalhar como negra, não era muito que uma vez fosse espairecer até á capital.

D. EMILIA

O padrinho já tem querido levar-nos a Lisboa, e a minha tia é que não quer. Para outra vez hei de pedir...

D. CUSTODIA

Tu és aparvalhada, por mais que me digam. Eu não quiz ir, é verdade. E por quê, sua toleirona? Porque não podia ficar a caza só.

J. NOGUEIRA (Senta-se.)

Decerto. Tudo entregue a criados e caixeiros.

D. CUSTODIA

Pois está evidente.

D. EMILIA

Mas então meu padrinho não tem culpa de ir sósinho.

D. CUSTODIA

Sabes que mais? Vae brincar com as bonecas.

D. EMILIA (Triste e envergonhada.)

Já não sou menina de bonecas. Tambem a tiasinha acha sempre mau quanto eu digo!

D. CUSTODIA

Então que lhe parece, Joãosinho? Quem ouvir isto ha-de dizer que a trato mal. Está bom. Dá cá um abraço, pequena. Olha que não tens melhor amiga que eu. (Abraça-a.)

J. NOGUEIRA (Levanta-se.)

Isso de certo. Nem a sr.ª D. Custodia tem outra pessoa que lhe queira tanto.

D. CUSTODIA (Idem.)

E ainda bem. Do modo que meu marido procede, se esta pequena não fosse minha amiga, estava servida. Ficava como o peixe fóra d'agua. E o seu pai virá esta madrugada?

J. NOGUEIRA

De certo vem. Elle sabe que o João Rodrigues da Couraça de Lisboa está muito doente, e já tenho recado para meu pai ir vêl-o apenas chegar. Até lhe mandei um des-

pacho telegraphico. Agora vinha saber se queriam alguma coisa no caso de vir tambem o sr. André. Como eu vou á estação...

D. CUSTODIA

Muito obrigada. Eu não quero nada. O sr. André anda a divertir-se por Lisboa. Pois que se divirta e venha para sua caza quando quizer. Cá estão as criadas a trabalhar. Eu hei-de fallar com suà mãe, quando ella vier. A minha virtuosa amiga, a sr.ª D. Luiza, é que tem juizo. Foi com o marido. É o que eu hei-de fazer tambem.

J. NOGUEIRA

Pois se não querem nada, vou-me embora. Muito boas noites, sr.ª D. Emilia.

D. EMILIA

Se meu padrinho vier, diga-lhe que eu estou com muitas saudades d'elle.

J. NOGUEIRA

Ha-de ser a primeira coisa que lhe hei-de dizer.

D. CUSTODIA

E póde acrescentar que eu não tenho nenhumas. Se lhe appetecer que volte para Lisboa.

J. NOGUEIRA

Ora adeus, sr.ª D. Custodia. Nem que eu não conhecesse o seu bom coração.

D. CUSTODIA

Está muito enganado. Coração é coisa que eu já não tenho.

D. EMILIA

Deixe fallar, sr. João Nogueira.

J. NOGUEIRA

Adeus, minhas senhoras. (Sáe, E. F.)

SCENA VII

D. CUSTODIA, D. EMILIA, e JOANNA, D. F.

JOANNA

Quando a senhora quizer, a ceia está prompta.

D. CUSTODIA

Vai pôl-a na mêza, anda. (Joanna sáe.)

D. EMILIA

Hoje deitamo-nos muito cêdo.

D. CUSTODIA

Para quem se ha-de levantar ás tres horas da madrugada já não é nada cêdo. Emilia, chama o Francisco.

D. EMILIA (Chegando á porta do F.)

Francisco, ó Francisco?

D. CUSTODIA

Não grites, Emilia. Esses berros espicaçam-me o nervoso.

D. EMILIA

Se eu chamasse baixinho, não ouviria elle.

SCENA VIII

As mesmas e FRANCISCO, D. F.

D. CUSTODIA

Anda cá, Francisco. Teu amo chega ás tres

horas. Cuido eu. Só Deus sabe a verdade. Mas emfim, eu penso que virá. Tu já ceaste?

FRANCISCO

Eu já, minha senhora.

D. CUSTODIA

Pois então nós vamos fazer outro tanto e depois dormir alguma coisa até ás tres horas. Tu ficas aqui n'esta sala á espera do patrão. Mal chegar, vai dizel-o á Joanna para ella me ir acordar. Que eu não adormeço, mas na duvida sempre quero que me chamem. Agora vê lá se dormes como um porco, e depois o sr. André não tem quem lhe abra a porta.

FRANCISCO

Vá descançada, sr.ª D. Custodia.

D. CUSTODIA

Vê lá. (Sáe, F. D.)

D. EMILIA (Para Francisco.)

E dize a Joanna que me acorde tambem logo que chegar o padrinho. Não te esqueças. (Sáe F. D.)

SCENA IX

FRANCISCO (só)

FRANCISCO

Ora muito bem, sr. Francisco. De dia andou pelo caminho de ferro a perguntar pelo homem que não chegou, e á noite fica de roza divina á espera de quem virá, se vier! E tudo isto depois do serviço cá de caza, e de ter corrido meia cidade a entregar ao sr. dr. fulano, ao sr. commendador sicrano, ao sr. estudante beltrano os objectos comprados por elles na loja de meu amo. Lá do serviço da caza e de fóra não me queixo eu, mas o tal passeio ao caminho de ferro, aqui para nós, foi tolice de marca. Pois o patrão, se chegasse, cá vinha dar a caza; e nem meu amo gosta, coitado, que se incommodem por cauza d'elle. E esta de ficar de sentinella até á chegada do sr. André Lopes! A porta da rua está aberta, elle entra, a gente ouve a campainha, vai abrir-lhe a porta da escada, e acabou. Minha ama tem idéas! Para in-

ventar massadas não ha outra em Coimbra! E eu hei-de ficar a passeiar aqui toda a noite? E' impossivel! (Espreguiçando-se.) Se já estou a cair de somno. Vou lêr os jornaes, como diz o sr. André quando sobe da loja antes do jantar. Nada. Eu a respeito de lêr e escrever não sou dos mais entendidos. Se meu amo tivesse por aqui... (Vai á meza.) um baralho de cartas, jogava a paciencia para não adormecer.

SCENA X

D. CUSTODIA e FRANCISCO

D. CUSTODIA

Não te esqueças, Francisco. Em chegando o sr. André, chama logo pela Joanna. Não te deixes adormecer.

FRANCISCO

Esteja certa, minha senhora. Durma á sua vontade.

D. CUSTODIA

Eu já te disse que não durmo, mas sempre quero que me acordem. Posso pegar no som-

no, cançada como ando com a lida do dia inteiro. Olha lá agora se fazes das tuas? (Sái, E. A.)

SCENA XI

FRANCISCO e D. EMILIA

FRANCISCO

E se meu amo não vier? Tenho de esperar pelo menos uma hora além das tres.

D. EMILIA (Entra, D. F.)

O' Francisco, tu já sabes o que eu quero.

FRANCISCO

Pois não sei, menina. Quer que a Joanna a vá acordar quando chegar o seu padrinho.

D. EMILIA

É verdade. Se elle chegasse e eu lhe não apparecesse logo, era para mim grandissimo desgosto. Tu não me faltas, não?

FRANCISCO

O' menina, tem perguntas. Vá-se deitar,

ande, e descance em mim. Eu estou de sentinella. Aqui não passa ninguem sem eu gritar: «Quem vem lá para a guarda?»

D. EMILIA

Não brinques, Francisco. Isto é muito serio. Queres tu tomar alguma coisa? Queres um copo de vinho?

FRANCISCO

Muito obrigado, menina. Vá-se deitar sem receio.

D. EMILIA

Bom, bom. Até logo. (Sáe, E. B.)

FRANCISCO

Estão massadoras!... Podiam ficar ambas a pé á espera do patrão, e deixarem-me deitar a mim. Era muito melhor. Já não tinham mêdo de que as não mandasse acordar pela Joanna.

SCENA XII

FRANCISCO e JOANNA, D. F.

JOANNA

O' sr. Francisco, agora veja se adormece.

FRANCISCO

Sabe que mais sr.ª Joanna? Outro officio.

JOANNA

É que você é mesmo tontinho com o somno. E quando chegar o patrão, basta que me toque na porta, entende?

FRANCISCO

Pois não. Esteja certa que não entro. Eu sei tratar as pessoas de respeito!

JOANNA

Não seja doido. Para onde você deita logo. Digo-lhe que bata uma pancada na porta porque tenho o somno muito leve. Não se ponha você a gritar como quem deita a casa abaixo.

FRANCISCO (Sentando-se. E. B.)

Essa é boa. Póde contar que hei de chamal-a á surdina. Ninguem nos ha de ouvir.

JOANNA

Você agora senta-se, e logo dorme. Temos historia!

FRANCISCO

E você faz o contrario. Dorme agora, e senta-se logo. Se quer trocar os papeis... Eu antes queria dormir agora e sentar-me logo.

JOANNA

Nem o caso é para graças, nem a sr.ª D. Custodia. Veja lá! Faça das suas, e depois queixe-se. Olhe, eu vou-me deitar. (Sae D. F.)

FRANCISCO

Vá. Vá! Deus lhe dê muito boa noite.

SCENA XIII

FRANCISCO (só)

FRANCISCO

Esta gente parece aparvalhada! O que ahi

vae só para esperar o amo que vem de Lisboa! Nem que chegasse de batalhar com o Bonga. (Levanta-se.) Eu a final vou dormir alli n'aquelle canapé. O sr. André Lopes dá signal tocando á campainha, eu acordo e abro-lhe a porta. Pois eu posso lá passar tantas horas sósinho n'esta sala! (Espreguiça-se e aproxima-se do canapé.) Bem boa cama! Vamos lá, sr. Francisco. Durma bem, como dizia o meu antigo patrão na GRÃ DUQUEZA: *General, general, durma bem.* (Cantarolando baixinho.) É famoso o canapé. (Senta-se, e encosta o braço á meza proxima. Cae ao chão a campainha.) Então que demonio é isto? (Apanha a campainha.) Ah! é a campainha. Onde a vieram pôr! O logar d'ella é na meza onde meu amo escreve. (Vae pôl-a no seu logar.)

SCENA XIV

FRANCISCO e D. CUSTODIA

D. CUSTODIA (Apparecendo á porta da E. D. embrulhada n'um chaile.)

Então não foste á porta, Francisco? Eu ouvi tocar a campainha. Já serão tres horas?

FRANCISCO (Áparte.)

Que mania! (Alto.) Tambem eu ouvi, minha senhora, mas foi esta campainha que me escapou da mão.

D. CUSTODIA

O que fazias tu de campainha na mão? Andas de todo. Não tinhas mais que fazer senão pôres-te a brincar sósinho com a campainha, como se fosses criança de oito annos! Eu n'esta inquietação não posso dormir. Ora vê lá o que fazes. Se teu amo chega sem eu saber, podes procurar outra casa. (Sae.)

FRANCISCO

E então?! Livre-se a gente d'uma d'estas!

SCENA XV

FRANCISCO e D. EMILIA

EMILIA (Coberta com uma manta.)

Psiu! psiu! psiu!

FRANCISCO (Voltando-se.)

Quem vem lá?

D. EMILIA

Já veiu o tio? Quem tocou a compainha?

FRANCISCO (Ápárte.)

Dão comigo doido! (Alto.) Não foi o tio, não. Vá-se deitar, menina. Socegue e confie em mim.

D. EMILIA

Bem. Bem. Adeus. Não te esqueças. (Sae E.B.)

FRANCISCO

Apre! Ainda bem que não ha mais senhoras em caza para me atormentarem. (Imita as vozes) «Já veiu o sr. André? — Já chegou o meu tiosinho?» — Que inferneira!

SCENA XVI

FRANCISCO e JOANNA (D. F.)

JOANNA (De chaile velho e touca)

Então você ouve tocar e não vae á escada? A final eu é que o venho acordar.

FRANCISCO

Pois não vieste! Ora vá dormir que é of-

ficio leve. (Aparte) Ainda me faltava esta coruja!

JOANNA

Homem, vá á escada. Eu não sou surda, bem ouvi a campainha.

FRANCISCO

Bem sabe você lá o que ouviu. Muito boas noites. sr.ª Joanninha.

JOANNA

Não o diga por escarneo, que muita gente boa me chama assim.

FRANCISCO

De certo. Eu tambem sou da gente boa. Ora vá dormir; ande, e deixe tocar as campainhas.

JOANNA

Eu vou, mas lá que vá descançada, isso não. Por fim de contas, o patrão chega, encontra-o a você a dormir, e depois eu é que hei de ouvir a sr.ª D. Custodia.

FRANCISCO

Pois não oiça, sr.ª Joanna, tape os ouvidos com algodão em rama.

JOANNA

Brinque você á sua vontade. A mim bém se me dá! Adeus. Durma a somno solto. (Sae. D F.)

SCENA XVII

FRANCISCO (só)

FRANCISCO

Estou como o tal Fritz. *General, general, durma bem.* (Cantorolando baixinho) Durma bem mas todos se apostaram a não me deixar pregar olho. Vamos. Agora sempre me deito um bom pedaço. (Vae deitar-se no canapé) Qual deito nem meio deito! Espertaram-me e agora não tenho somno. A sr.ª D. Custodia anda a arder por lhe faltar marido para atormentar, e traz-lhe preparado um sermão que ha de ser d'arromba. A sobrinha quer avisar o tio de que a tempestade está imminente; e a Joanna é uma tola! Mas a victima de todas estas parvoices sou eu. (Levanta-se.) Nada; eu já não durmo. E as horas foram correndo. Meu amo não tarda ahi, ou então só vem de dia.

(Vae á janella.) Já voltam do caminho de ferro alguns carros. O patrão não póde tardar. Lá vem um. Não é para cá. Ahi vem outro. Tambem para cá não é. Agora dois á desfilada. Parou um á porta do nosso visinho, o doutor Nogueira. Lá sae do carro o sr. André Lopes. Ora ainda bem. Vamos esperal-o á escada. (Sae E. F levando a luz que está na meza.)

SCENA XVIII

FRANCISCO trazendo um sacco de noite, e ANDRÉ LOPES, com um cartão de chapeu, e embrulhado em um chaile de senhora. Traz calçado um botim preto e uma botina verde. E. F.

ANDRÉ

Que massada! Venho derreado de todo! (Tira o chaile.) E dizem que é commodo andar em caminho de ferro!

FRANCISCO

O patrão está doente? Parece-me que lhe não fez bem a viagem.

ANDRÉ

Estou moido, tenho fome, e venho a cair

de somno. Não me deixaram dormir em toda a santa noite.

FRANCISCO

Eu vou accordar a criada para que as senhoras saibam que meu amo já chegou.

ANDRÉ

Nada de incommodos. Deixa dormir quem dorme. Olha lá. Vai dar uma volta pela cozinha e vê se ha coisa que se côma.

FRANCISCO

Mas a sr.ª D. Custodia deu ordem á Joanna que a fosse accordar, apenas o sr. André chegasse.

ANDRÉ

Pois deixa dar. Eu dou ordem contraria e a ultima é sempre a que vale. Trata de me dar de comer.

FRANCISCO

Vou vêr o que lá ha por dentro. Deixe estar que não ha-de morrer de fome. (Sáe.)

SCENA XIX

ANDRÉ LOPES, (só.)

ANDRÉ

Eu não dormi nada, e o sr. Paulo Nogueira e a mulher não acordaram uma unica vêz de Lisboa até Coimbra. Já é! Venho cançadissimo. Estou a vêr que o Francisco não encontra viveres na cozinha. Ah! (Vendo chegar o criado.)

SCENA XX

ANDRÉ e FRANCISCO

FRANCISCO

Não encontrei quasi nada. A sr.ª D. Custodia guarda tudo, e a nossa Joanninha fecha o resto. Hoje com o alvoroço de esperarem o sr. André, deixaram esta carne na gaveta da mêza da cozinha, e eu já lh'a tinha posto na mêza. Pouca é, e falta vinho, meu amo. Esse, bem sabe, está a sete chaves.

ANDRÉ

Vinho tenho eu ali dentro no vão da escada. É vinho do Porto de 1834, uma pinga deliciosa. Vou buscal-o. (Sáe.)

SCENA XXI

FRANCISCO (só).

FRANCISCO

E meu amo deixa-me no vão da escada vinho do Porto de 1834! Já é vontade d'armar tentações a um pobre criado! Vinho bom á mercê da carne fraca. É pôr o lume ao pé da estopa. Vem o diabo e assopra.

SCENA XXII

FRANCISCO e ANDRÉ

ANDRÉ

Cá está o vinho. Ora vamos a isto. (Senta-se.) Já não é sem tempo. Tenho o estomago pe-

gado ás costas. Carne, e vinho do Porto. Então é mau? E depois dormir regaladamente até ao meio dia. Pobre dr. Nogueira! Esse não se deita antes das sete ou oito horas da manhã.

FRANCISCO

Aconteceu alguma coisa má ao nosso bom visinho? Elle vinha no carro com meu amo, ainda agora.

ANDRÉ

Pois sim, vinha, mas foi vêr um doente á Couraça de Lisboa. Nem tempo lhe deram para entrar em caza! É má vida aquella. Ganha-se dinheiro, mas com muito incommodo. A tal carne assada não está má de todo.

FRANCISCO (Áparte, olhando por baixo da mêsa.)

Ainda eu agora reparo. Meu amo com um botim preto e uma botina de senhora! Ora esta! (Ri-se muito, porém baixo.) Andou mascarado lá por Lisboa, e ao despir o fato esqueceu-lhe descalçar o pé esquerdo! Se elle é tão distraido! Mas agora é que nós a temos travada. Ai, ai, ai! Eu não mando acordar a patrôa, Por modo nenhum. O que ahi não

iria! (Vem saindo do quarto D. Emilia.) Psiu, psiu, ó menina, olhe para os pés do sr. seu tio.

SCENA XXIII

(Os mesmos e D. EMILIA.)

D. EMILIA (Pela E. B.)

Deixa estar, não acordaste a Joanna.

FRANCISCO

Olhe os pés do sr. André Lopes, menina.

D. EMILIA

Então que tem os pés? Vem agora de Lisboa maiores ou mais pequenos?

FRANCISCO

Repare, repare no pé esquerdo. (Ri muito).

D. EMILIA

Oh! meu Deus! Uma botina de senhora! Senhor Deus, misericordia! Que desgraça! Ó Francisco, vê se lhe trazes os sapatos, antes que minha tia venha por ahi. Valha-

me Deus! Estas distracções de meu padrinho...

ANDRÉ (Voltando-se por ouvir fallar)

Então estavas ahi, Emilia, e sem me vires fallar?

D. EMILIA

Cheguei agora mesmo e vinha beijar-lhe a mão. Dê-me a sua benção, meu tiosinho. Passou bem lá pela capital? Teve sempre saude?

ANDRÉ

Graças a Deus, passei bem sempre, mas cheguei muito cançado. Não preguei olho em toda a noite, e trazia uma fome...

FRANCISCO (Que tem estado sempre a olhar para os pés do amo e a rir-se.)

Talvez o sr. Andrê queira mudar de calçado? Quando a gente chega moido, é uma consolação tirar as bótas. Se quer, eu vou buscar-lhe uns sapatos.

D. EMILIA

É verdade. Talvez fosse melhor, meu tio.

ANDRÉ

Nada. Eu descalcei-me no caminho de

ferro para dormir á vontade, e por fim não me deixaram socegar.

FRANCISCO

Descalçou-se no caminho de ferro? Pois metteu-se em boa.

ANDRÉ

Então que tem? É meu costume sempre.

FRANCISCO

É que meu amo não sabe o que póde acontecer. Uma vez, quando eu estava em caza d'aquelle actor de quem lhe tenho fallado muitas vezes, ia com meu patrão de Lisboa para o Porto, onde elle tinha a dar duas ou tres representações. Na carruagem havia só outro passageiro. Vai se não quando o meu patrão tira as bótas e pega no somno. Eu adormeço igualmente. Accordámos para lá d'Aveiro, mas quando elle foi a querer calçar-se, achou o logar das botas, e teve de entrar descalço na cidade eterna.

ANDRÉ

Ora essa!

D. EMILIA

Então as botas tinham voado?

FRANCISCO

Eu não sei se tinham voado. Sei que não estavam na carruagem. Ouvi depois contar a historia em Lisboa. Olhe que até veio nos jornaes. Parece que o tal passageiro, em quanto estavamos a dormir, deitou as botas pela janella fóra para ensinar a meu amo que não se tiram diante de gente. E eram novas, umas botas novinhas, lustrosas que dava gosto vel-as.

ANDRÉ

Sempre tens historias para contar! Pois eu cá tiro as botas, e por isso não trago os pés magoados. Os outros que façam o mesmo que eu não me opponho. Tambem assim que tiver comido alguma coisa, vou-me logo deitar. Estou a cair de somno. Olha cá, Emilia, Trouxe-te este annel de Lisboa. Ahi tens. É para saberes que teu padrinho não se esquece de ti.

D. EMILIA

O meu tiosinho tem muita bondade. (Beija-o na testa e na mão.) E o presente da tia como não será bonito! Mas então não se quer descalçar?

FRANCISCO

Eu vou-lhe buscar os sapatos...

ANDRÉ

Vocês impacientam-me com essa tolice. Nem que os meus pés andassem em talas. E eu que sempre levei em brio trazer calçado largo. Escutem. Este lenço de seda é para a Joanna; e tu Francisco, d'esta vez pilhas uma gravata nova. Toma-a lá.

FRANCISCO

Muito obrigado, meu amo. (Áparte). Bom homem até aqui; mas aquella botina verde está-me a apertar o coração. Isto não acaba hoje bem. Ai, que lá vem a sr.ª D. Cusdia! Adeus, adeus, minhas encommendas. Temos furacão e dos grandes. Vai tudo com a bréca. (Emilia deita o lenço sobre o pé esquerdo do tio e vae para traz da poltrona).

SCENA XXIV

Os mesmos e D. CUSTODIA, E. A.

D. CUSTODIA

Então isto é coisa que se faça? Chegar meu marido e ninguem me dizer nada! Este criado capricha em me desattender. Ordenei-lhe que, apenas chegasse o amo, avizasse a Joanna para ella me ir accordar, e em vez de me obedecer teve o atrevimento de pôr a meza, d'abrir as gavetas da cozinha, e de preparar um banquete sem m'o participar! Parece que já não valho nada n'esta caza. São lições suas, sr. André! Assim vai ensinando os criados a desfeitear-me! É incrivel! É incrivel!

FRANCISCO

Eu não sei como hei-de viver com meus amos. A sr.ª D. Custodia diz: «Accordem-me.» O sr. André diz: «Não a accordem.» Olhem que isto é para endoidecer um triste criado!

D. CUSTODIA

Veja que não perca o juizo! Ninguem perde o que não tem. Ande lá! Ande lá! Manda seu amo. Obedeça-lhe. Eu aqui sou a escrava do sr. André e do seu criado. Tão perdido anda um como o outro. São dois grandes intrujões!

ANDRÉ

Ó Custodia, não te zangues. Deixa-me comer alguma coisa com socego. Olha que venho morto de fome e de cançasso.

D. CUSTODIA (Voltando-se e vendo Emilia.)

Que fazes tu aqui, abelhuda? Então mandaram accordar esta criança e não fizeram cazo de mim? Já não sou a dona d'esta caza? Agora quem governa é o sr. Francisco e a sr.ª D. Emilia. Pois governem que eu sei o caminho da porta para me ir embora. Ainda tenho onde me recolher.

D. EMILIA (Abraçando a tia.)

Ó minha madrinha, isso é coisa que se diga? A mim ninguem me chamou. Estava

accordada, ouvi a voz do tio e vim logo. A minha tiasinha não me deve ralhar.

D. CUSTODIA

Deixa-me. Deixa-me. Se teu padrinho fosse outro homem, se cuidasse mais da sua familia que de ter o pé pequenino e de andar a cortejar mulheres por esse mundo, tinha vindo no comboyo da tarde e não punha a caza n'esta desordem. Parece que não é casado! Nem se lembrou de ir ao meu quarto!

ANDRÉ

Olha, Custodia. Eu quero-te muito, e lá ia direitinho dar-te as boas noites. Mas se eu não podia comigo. Não tomei nada no Entroncamento porque vinha meio a dormir, e como o Nogueira e a mulher não sairam, fiquei eu tambem.

D. EMILIA

E o tio trouxe-me este annel. (Mostra-o.) Não é bonito? E trouxe um lenço de seda para a Joanna. (Mostra-o.) E uma gravata para o Francisco. Deixa vêr a gravata á minha madrinha.

FRANCISCO

Aqui está. D'estas não ha em Coimbra.

D. CUSTODIA

Se lhes parece, dêem-me com tudo isso na cara. É insulto sobre insulto. O sr. André tem prendas para todos, menos para sua mulher. Prohibiram-lh'o lá em Lisboa? Quem anda mal encaminhado faz coisas d'essas e peiores. Eu já espero tudo, mas não cuide que me accommodo. Ainda ha leis e justiça em Portugal.

D. EMILIA

Minha tia...

ANDRÉ

O' mulher, tu vens estonteada do somno. Dizer-me essas coisas diante do criado e da pequena! Valha-te Deus! E eu que andei mais d'uma hora na rua do Oiro á busca de coisa digna de ti!

D. CUSTODIA

Ora vejam! Na tal rua do Oiro não havia nada que lhe agradasse. Sempre muito em-baixo está a capital!

ANDRÉ

Deixa-te de tolices, Custodia. Tu sempre és levadinha da breca! Ahi tens uns brincos de oiro. Custaram-me treze mil e quinhentos. Tres libras. Nada menos.

D. CUSTODIA

Pode guardar os seus brincos. Quem deita o dinheiro á rua d'esse modo, o que não gastaria por lá em patuscadas com os amigos. E se fosse unicamente com os amigos... E para que necessito eu de brincos novos? O que eu preciso é ter meu marido ao pé de mim e não por esse mundo de Christo, atraz d'aquellas doidas de Lisboa.

D. EMILIA

Que lindo annel! Hei-de mostral-o ao Joãosinho.

ANDRÉ

Quaes doidas! Doida me pareces tu! Pensas que eu sou algum extravagante?

D. CUSTODIA

Nada, não é. Então porque não veio no

comboyo da tarde? Não sabe que as noitadas são muito más para a saude? De noite andam os bichos.

FRANCISCO

O patrão...

D. CUSTODIA

Cale-se. Ninguem o chamou a metter-se na conversação.

D. EMILIA

É que o meu padrinho queria vir com a familia do dr. Nogueira.

D. CUSTODIA

Se tu não havias de cantar a tua aria!

ANDRÉ

Nada. Eu vinha de tarde. O dr. Nogueira pode viajar bem sem mim. Tinha a companhia da mulher. Mas cheguei á estação quando o comboyo já tinha partido.

D. EMILIA

Vê, minha madrinha? Eu não lh'o disse?

D. CUSTODIA

Tu não sabes o que dizes. Tambem eu

ando sempre a dizer que te cales e é o mesmo que prégar no deserto. Ainda bem que vieste com o doutor e com a mulher. Na companhia d'estes é que tu não fazias desafôros. Por isso querias vir de tarde para te safares d'elles.

ANDRÉ

O que tu quizeres, Custodia. Agora já estou melhor d'um lado. Isto de comer sempre é uma coisa muito necessaria. Á tua saude Custodia; e tambem á tua, minha Emilia. (Bebe e levanta-se da meza.)

FRANCISCO (Áparte.)

Agora é que são ellas. Se a patrôa lhe repara nos pés, estamos arranjados.

SCENA XXV

Os mesmos e JOANNA D. F.

JOANNA (Mettendo-se entre André e D. Custodia.)

Ora esta! O sr André aqui, e ninguem me disse nada! Deixa estar, Francisco. Tu m'as pagarás. Aonde se dão, ahi se levam.

Como está, sr. André? E de meza posta! Quem arranjou tudo isto? Ha de ser obra sua, sr. Francisco.

ANDRÉ

Eu é que mandei. Guarda este lenço, Joanna. É uma lembrança minha.

JOANNA

Muito obrigada, meu amo. É lindo. Muito bonito!

D. CUSTODIA

Está bom. Está bom. Nunca se viu um lenço de seda.

FRANCISCO

E esta gravata nova?

D. EMILIA

Olha, Joanna. Que formoso annel! E uns preciosos brincos para a minha querida tia.

D. CUSTODIA

Vamos, vamos. Acabemos com isso e vão-se deitar. (Olha-lhe para os pés.) Então que novidade é esta, sr. André? Perdeu o juizo? Agora negue, se é capaz. Não tem vergonha! Pois tenho-a eu! Entrar em sua caza d'esse

modo! Onde foi buscar a linda prenda? Eu nunca vi patifaria assim!

ANDRÉ

Que é isto, mulher! Estás doida?

D. CUSTODIA

O sr. André é que enlouqueceu a ponto que já calça bota de mulher.

ANDRÉ

É verdade!

FRANCISCO

É verdade!

ANDRÉ

Ora esta só a mim acontece!

D. EMILIA

Distracções do meu padrinho.

D. CUSTODIA

Olhem que distracções! Foi o sapateiro que lhe deu uma botina de mulher em vez d'uma bota d'homem. E tem o atrevimento de apparecer na minha presença? E cuida que eu supporto infamias d'estas! Eu, uma pobre mulher que se mata a trabalhar para trazer

esta caza como um palmito, emquanto o sr. André anda trocando as botas, Deus sabe com quem. Não ha mulher mais desgraçada! (Chora.)

FRANCISCO

Tire isso, meu amo. Aqui tem os sapatos. (André muda de calçado.)

D. EMILIA

O' minha madrinha, deixe fallar o tio. Elle de certo lhe conta como aquillo foi, e verá...

D. CUSTODIA

Calem-se. Calem-se. Deixem-me. Ai, pobre de mim. Uma coisa d'estas! (Chora.) Ai, ai, ai! Eu não sei que tenho. Dêem-me agua. Ar, ar! Eu morro. (Desmaia nos braços da sobrinha e de Joanna.)

ANDRÉ

Jesus, meu Deus! Levem-n'a para o seu quarto, e tu, Francisco, vae chamar o dr. Nogueira; já, já. Elle foi á Couraça de Lisboa vêr um doente. Espera-o á porta e não o deixes entrar em caza. Que venha já. Vamos! Vão para o quarto e desapertem-lhe o vestido. Coitada! Isto só me acontece a mim! (Saem com D. Custodia nos braços. E. A.)

FRANCISCO

Em azeite me fritem se eu entendo esta embrulhada. (Sae E. F.)

SCENA XXVI

ANDRÉ (só)

ANDRÉ

Eu tinha aqui uma garrafa com licôr de ortelã-pimenta. Agora não a hei de encontrar. É excellente para estes ataques nervosos.

SCENA XXVII

JOANNA, ANDRÉ e FRANCISCO

JOANNA (Correndo.)

A menina diz que mande meu amo a garrafa do licôr. Quer dar uma colhér á sr.ª D. Custodia.

ANDRÉ (Procurando.)

Valha-me Deus, que não a encontro. Ah! Dei com ella. Vae, vae, que eu a levo.

FRANCISCO (Entrando D. F.)

O doutor já ahi vem.

ANDRÉ

Que entre aqui para a sala. Eu venho já. (Sae E. A.)

FRANCISCO

Como estará minha ama? Ella tem mau genio, mas no fim de tudo é uma pobre mulher. (Escuta á porta da E. A., que está aberta.) Não se ouve nada. Bom signal. Eu sempre vou vêr e já volto. (Sae E. A.)

SCENA XXVIII

DR. NOGUEIRA embrulhado n'uma manta

DR. NOGUEIRA

Então que novidade haverá? Algum faniquito. Mas onde está esta gente? Ainda me não deram licença para entrar em minha caza. Desci do carro, e fui para a Couraça vêr o José Rodrigues, que não está nada bom; e agora que voltava a descançar, encontro á porta o criado do amigo André á

impedir-me o passo. Que vida, a d'um pobre facultativo! Sempre ás ordens dos outros, de dia e de noite. Olá! (Reparando no chaile, e pegando n'elle) O chaile de minha mulher! E não me engano de certo! (Attenta na botina verde, péga n'ella e examina-a.) É uma botina d'ella. Minha mulher viria a esta casa? Mas se veiu, para que se descalçou? E d'um pé só? Aqui ha mysterio e grande. Pois minha mulher tão séria, tão amiga de D. Custodia, a unica senhora em quem a mulher de André confia inteiramente... Nada. Não póde ser. Mas como veiu para aqui este chaile que eu comprei em Lisboa e que ella trazia na viagem? E a botina? E então só uma! (Põe a botina e o chaile sobre a meza.) Se eu podesse acreditar, sr. André Lopes... Estavas arranjado. Deitava-te acido prussico nas guellas, meu sacripanta! (Avançando para os bastidores.)

SCENA XXIX

D. CUSTODIA, amparada por D. EMILIA e por JOANNA; ANDRÉ, E A. PAULO NOGUEIRA.

D. CUSTODIA

Ó sr. doutor, foram incommodal-o. Isto não foi nada. É o meu nervoso. Se podesse adivinhar... Olhe, muito obrigada, sr. Paulo Nogueira... Eu já não preciso de medico. Agora quero fallar a um advogado, e já, já.

DR. NOGUEIRA (Áparte.)

Não ha duvida, quer separar-se do marido. Aqui houve grande novidade e minha mulher figura no caso. Estou em braza.

ANDRÉ

Meu caro doutor, sempre será bom tomar-lhe o pulso. Tinha as mãos a escaldar.

DR. NOGUEIRA (Áparte.)

Escaldado merecias tu, patife. (Alto.) Vejamos èsse pulso, sr.ª D. Custodia. (Toma-lhe o pulso.) Alguma afflicçãosita. Talvez o alvoroço da

chegada do sr. André. Elle é doido pela familia e as senhoras estremecem-n'o tanto...

D. CUSTODIA

Eu lhe conto. Eu lhe conto. O caso ha-de vir nos jornaes. Isto não póde ficar assim. E não póde, e não póde, não póde. Tenho dito. (Furiosa, levanta-se.)

D. EMILIA

Sr. doutor, não deixe fallar minha tia, que lhe volta de certo o accidente.

DR. NOGUEIRA

Pelo contrario, menina. Fallar é desafogo e allivia os nervos. Falle, falle. Diga o que quizer. Commigo póde desabafar. Eu sou de caza. (Áparte.) Não querem que ella falle diante de mim. Vou percebendo.

ANDRÉ

Ó doutor, eu estou que não será bom puxar-lhe pela lingua. Póde agitar-se muito.

JOANNA

E então a senhora em se agitando, fica doente para uns poucos de dias.

ANDRÉ

É muito doente.

D. CUSTODIA

Maís do que eu estou já me não posso agitar. Cale-se, sr. André Lopes. Tenha vergonha. Suma-se para onde eu o não veja. A minha pena toda, sr. dr. Nogueira, é não poder ir agora a sua caza, fallar com a sr.ª D. Luiza. Com ella é que eu hei-de tirar tudo a limpo. Essa não me engana. A palavra d'ella é um evangelho para mim.

DR. NOGUEIRA (Áparte.)

Então ella não veio cá ou D. Custodia não a viu. E não foi por sua cauza que houve todo este reboliço. O cazo embrulha-se.

SCENA XXX

Os mesmos e JOÃO NOGUEIRA, F. E.

J. NOGUEIRA

Minhas senhoras, sr. André. Então que foi isto? Minha mãe ficou assustadissima

quando lá entrou o Francisco a dizer que a sr.ª D. Custodia estava incommodada.

D. EMILIA

Já está melhor. Não foi nada.

D. CUSTODIA

Muito agradecida, sr. Joãosinho. Sua mãe é uma santa.

DR. NOGUEIRA

Vai-lhe dizer que venha já.

J. NOGUEIRA

Estava ahi, meu pai? Perdão. Não o tinha visto.

DR. NOGUEIRA

Bem. Bem. Vai buscar tua mãe. Não te demores.

J. NOGUEIRA

Ella sentiu-se adoentada e já se deitou, mas disse-me que viesse eu cá perguntar...

D. CUSTODIA

Ai! Ai! Minha cabeça! Meu pobre coração! Ai! Jesus!

D. EMILIA

Tiasinha...

J. NOGUEIRA (Fazendo diligencia para que o attendam.)

Mas eu vinha...

ANDRÉ

Custodia...

D. CUSTODIA

Tire-se para lá! Não se chegue para mim! Forte desaforo! Não tem sombra de vergonha! Deixe-me. Quero passeiar. Falta-me a respiração. Ai! Ai Jesus! Meu Deus! (Andando pela casa agitada.)

DR. NOGUEIRA (Áparte.)

Cada vêz entendo menos.

ANDRÉ

Ó Custodia, ouve-me.

D. CUSTODIA

Deixe-me. Não me apoquente mais. Quer-me assassinar, malvado? Não basta o mal que me fez?

J. NOGUEIRA

Mas sr.ª D. Custodia...

D. CUSTODIA

Perdôe-me, Joãosinho. Não tem que me

dizer. Se a minha querida amiga não póde vir cá, vou eu ter com ella, e levo commigo a Emilia. N'esta caza é que não fico nem mais um quarto d'hora. O meu marido é um perverso. Matou-me. Eu não duro muito, não. Pobre de mim!

FRANCISCO

Vou sumir estes desastrados objectos.

D. EMILIA

É verdade. Tira d'ahi isso, tira.

J. NOGUEIRA

Esperem. Esperem. Esse chaile é de minha mãe. Comprou-o em Lisboa, e manda saber se por engano o teria trazido para cá o sr. André. Como lá em caza appareceu esta manta que não é nossa...

ANDRÉ

É minha. Tem razão. Que trapalhada!

D. CUSTODIA

O' Joãosinho, eu nem tinha reparado no chaile. E esta botina verde que o sr. André

trazia no pé esquerdo, tambem será da minha querida amiga?

J. NOGUEIRA (Rindo)

E é de certo. Minha mãe reclama uma botina verde, e dá em troca um botim d'homem que lá está em caza. Parece que o sr. André ao calçar-se na carruagem do caminho de ferro, arranjou essa linda troca.

ANDRÉ (Áparte.)

Estes meus pés pequenos armam-me sempre d'estas!

D. NOGUEIRA

E então! Hein! Como ellas se engendram! Sáfa!

D. CUSTODIA (Espantada.)

Mas a minha boa amiga nem tinha botinas verdes, nem esse chaile. Nunca lhe conheci uma coisa nem outra.

DR. NOGUEIRA

Foram compras de Lisboa. A gente n'estas viagens sempre gasta mais algum vintem.

D. CUSTODIA

Assim é. Assim é. Valha-te Deus, homem,

que ías dando cabo de mim. Agora é que eu entendo bem; mas realmente vêr-me quasi morta e não me explicar tudo com clareza...

ANDRÉ

Qual clareza nem meia clareza. Tu nem me deixaste fallar. Foi olhar para a botina, e zás, faniquito no caso.

D. EMILIA

É verdade. A tiasinha não lhe deu tempo.

D. CUSTODIA

Poi sim. Pois sim. Eu queria vêr o que faria outra qualquer pessoa na minha posição! Olha, André, de Coimbra não tornas tu a sair só. Digo-t'o eu. É que outro caso como este dava commigo na sepultura.

D. NOGUEIRA

Ora ainda bem que tudo se explicou e já não ha motivo para afflicções. Tambem vou socegado para minha caza.

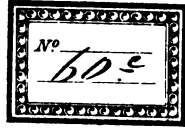
D. CUSTODIA

Bemdito Deus. Mas não me levem a mal o que eu disse. Desculpem-me; e tu, André,

perdôa-me. Olha que se eu não fosse tão tua amiga... (Abraça-o.)

FRANCISCO

E vão lá tirar as botas em caminho de ferro. Está-se na tinta!

Cae o panno

A LIBERDADE ELEITORAL

COMEDIA EM 1 ACTO

A LIBERDADE ELEITORAL

COMEDIA ORIGINAL EM I ACTO

THIMOTHEO VARANDAS, lavrador	Sr. Silva Pereira
JOSÉ FELIX, morgado.	» Braz Martins
JOAQUIM RUSSO, negociante. . .	» Abel
JOÃO MOREIRA, filho de um brazileiro rico.	» Soller
LUIZA MARIA, proprietaria. . . .	Sr.ª Anna Cardoso

Na actualidade

Representada pela primeira vez em Lisboa, no theatro do Gymnasio Dramatico, em 1 de julho de 1870.

ACTO UNICO

—

Caza rustica na provincia do Minho

SCENA I

THIMOTHEO VARANDAS e JOÃO MOREIRA

J. MOREIRA

Com que então, sr. Thimotheo, já a sua caza é frequentada por conselheiros, viscondes e barões! Muito bem. Muito bem. Antes assim. Não imaginava que estivesses tanto em cima.

THIMOTHEO

A mim é que me não embaçam os taes meliantes! Aquelles penetras da cidade cui-

dam que a gente por ser do campo e andar todo o dia na lavoura, perde o entendimento, e não lhes percebe as malicias. Pois eu lhes mostrarei que se enganam. O barão a dizer-me com toda a seriedade, a mim pobre lavrador, simples cazeiro: *Sr. Thimotheo, eu se quero ser deputado é para bem da agricultura. Portugal é essencialmente agricola. Vossa senhoria bem o sabe.* Pois não! A minha senhoria sabe tudo! O barão do Lôdo a proteger a agricultura!

J. MOREIRA

Tens razão. Vi-o eu com estes olhos que a terra ha de comer, vi-o eu, ainda ha bem poucos annos, no Porto com a trouxa debaixo do braço a levar calças, colletes e casacas aos freguezes do Silva alfaiate. Andavamos então ambos nos estudos. Foi antes da morte de teu pae. E vae depois tem uma bulha com uns fabricantes na rua de S. Victor, dá muita bordoada em um d'elles, estende-o, julga têl-o morto, foge, embarca para o Brazil, entra de caixeiro em caza de um negociante abastado, e por morte do patrão caza com a viuva. Volta logo para

Portugal, compra a quinta aos fidalgos do Lôdo, e faz-se barão do mesmo. Agora já lhe appetece cadeira em S. Bento. E na verdade, se a patria anda em calças pardas, como por ahi dizem todos, não ha coisa mais acertada que chamar alfaiate que lhe faça outras! A gente vê coisas! E o visconde da Cinza?!

THIMOTHEO

D'esse me recordo eu. Tinha loja de cambio, emprestava sobre penhores a trezentos por cento e recebia dinheiro para alcançar sentenças na Relação. Não fallava a nenhum juiz mas em se publicando os accordãos, se eram contrarios, restituia a somma depositada, e se eram favoraveis, ficava com ella. Não comprava os juizes, vendia-os! Com estes honrados negocios foi enriquecendo, fechou a loja, principiou a frequentar as egrejas e a dar esmolas ás misericordias e aos hospitaes, metteu-se com umas pobres velhas que lhe deixaram varias propriedades e a quinta da Cinza, gastou bastante dinheiro para fazer eleger deputado certo figurão de Lisboa, e em paga d'este serviço alcançou o titulo de visconde. Pois se o fizerem deputado, é ca-

paz de vender a patria como vendia a justiça. O caso está em achar comprador e em lhe chegarem á conta.

J. MOREIRA

Pois olha que não fica a dever nada aos outros o conselheiro Fagundes. É cá da freguezia, e veiu ser nosso hospede. Foi negociante, mas falliu. Depois sollicitou um emprego, obteve-o, e hoje é conselheiro e homem influente. Tem sido deputado por varios circulos. Agora que já o não querem por outras partes, vem bater-nos á porta.

THIMOTHEO

Pois com o meu voto não ha de elle ir ao parlamento. Nem elle nem qualquer outro. Que tenho eu com os barões, com os viscondes e com os conselheiros? Que se elejam uns aos outros. Eu não quero mais saber de eleições. A minha vida é amanhar bem as terras e fazel-as render bastante, e hoje então que pude conseguir do Joaquim Russo as casas d'elle para a adega nova, e da Luiza Maria os sobejos da agua da levada.

J. MOREIRA

Fazes tu muito bem, e agora, Thimotheo, muito juizo, nada de metter em politica, e toca a ser lavrador ás direitas. Vae dizendo a cada candidato que já estavas fallado por um dos outros, e a final promette-lhes de não votar. Todos acceitarão agradecidos a tua promessa. É um voto que tiram aos seus contendores.

THIMOTHEO

Exactamente o que eu fiz, sr. Joãosinho. A eleição é hoje, mas o filho de meu pae não quer saber de nada. Lá se arranjem. Isto de politica está sendo uma grande patifaria. Muita parola, muito papel escripto, e todos a gritarem que o paiz está perdido. Pois se está perdido, a culpa não é minha. Quem o perdeu que o salve.

J. MOREIRA

Olha que não está tão perdido como por ahi andam a dizer os que se offerecem para salval-o. Salvadores da patria e das batatas! como se diz na FABIA. (Riem-se ambos.) Mas deixa-os lá salvar o que elles quizerem, e trata

da tua vida. Se te faltar alguma coisa que dependa de mim ou de meu pae, sabes o caminho lá de casa. Agora vou ali abaixo vêr as obras que nós mandámos fazer na azenha, e talvez ainda por cá volte logo. Até já, Thimotheo.

THIMOTHEO

Adeus, sr. Joãosinho, e muito obrigado pelos seus offerecimentos. Sempre foi muito meu amigo.

J. MOREIRA

Está bom, está bom. Adeus. (Sae.)

SCENA II

THIMOTHEO

THIMOTHEO

É um excellente rapaz! Andámos juntos nas primeiras letras, e desde então nunca deixou de me tratar com affeição. D'estes ha poucos... (Batem á porta.) Temos visita? Será mais um candidato? (Batem de novo.) Está com pressa. Lá vae. (Abre a porta.)

SCENA III

LUIZA MARIA e THIMOTHEO

LUIZA (Do F.)

Muito bons dias, sr. Thimotheo (Descem)

THIMOTHEO

Bons dias, sr.ª Luiza. Tão cedo e por fóra de caza. É milagre vêl-a a estas horas. Sente-se e descance. Esta caza é sua. Veja se quer tomar alguma coisa. Não tarda o almoço. Elle não será muito bom, mas tal qual è, está á sua disposição.

LUIZA

Obrigada, sr. Thimotheo. Eu sento-me porque estou muito cançada. Vim a correr com receio de o não encontrar em caza. Como é dia das eleições, podia já ter ido para a egreja. Hoje não falta ninguem. São tres a pretender, e todos graúdos.

THIMOTHEO (Recosta-se á meza pela parte superior.)

Pois falto lá eu. Eleja o povo quem mais

lhe agradar. De eleições não quero saber.

LUIZA (Como se não tivesse ouvido.)

Sempre estou muito cançada! É que esta ladeira antes da sua caza custa a subir. E então o José da Maria Rosa não me sae alli em baixo ao encontro, e eu a querer vir fallar-lhe, e elle a demorar-me por causa dos sobejos da agua. Ha quinze dias que me não deixa.

THIMOTHEO (Admirado.)

Mas a sr.ª Luiza Maria já contratou commigo por tres annos. Bastava responder-lhe isto.

LUIZA

É verdade. Eu assim lhe disse, mas faz lá idéa do que elle me replicou? Aquelle homem é o demonio.

THIMOTHEO

É invejoso e mau visinho. Nunca se lembrou dos sobejos da sua agua senão quando viu que iam melhorar as minhas terras. Mas que replicou elle?

LUIZA

Coisas do arco da velha! Dizia que eu,

sendo muito obrigada aò visconde da Cinza que me trata de uma demanda lá no Porto, ía dar a agua ao sr. Thimotheo que não votava no visconde, e negava-lh'a a elle que era dos mais influidos na eleição do meu protector. E teimava que era de proposito, e que depois não me queixasse se visse a demanda perdida, porque o visconde fazia o que queria da justiça, e de certo se mostraria agastado de vêr preferido no negocio da agua quem lhe negava o seu voto.

THIMOTHEO (Desce pela D.)

Mas a sr.ª Luiza Maria não lhe disse que o nosso contrato era anterior ás eleições, e que o visconde não se podia escandalizar de um ajuste feito quando ninguem sabia que elle se propunha para deputado?

LUIZA

Pois não disse, sr. Thimotheo. Disse e tornei a dizer, mas olhe que não se deu por convencido. Sabe o que me respondeu?

THIMOTHEO

Nem posso imaginal-o.

LUIZA

Pois eu lh'o digo. Respondeu que não tinha havido escriptura, e por isso a bem dizer não havia contrato, nem o sr. Thimotheo se tinha ainda utilisado da agua. De modo que o visconde com razão podia dizer, e toda a gente pensar, que o negocio fôra feito por causa das eleições e por desfeita a elle.

THIMOTHEO (Afflicto.)

Mas a final a sr.ª Luiza Maria sustenta a sua palavra ou quer dar a agua ao José da Maria Rosa? A sua vinda a esta caza parece indicar novidade.

LUIZA (Levanta-se.)

Eu sustento a minha palavra. Pois não hei de sustentar? Ora essa! A palavra dada está dada. Mas tambem o sr. Thimotheo não póde querer o meu prejuizo, nem que eu perca a minha demanda. Está na sua mão arranjar tudo.

THIMOTHEO

Na minha mão? Essa é melhor! Eu comprei-lhe os sobejos da agua muito antes das

eleições. Depois veiu cá o visconde, e eu prometti-lhe de não ir á egreja para não votar contra elle. Ficou satisfeito e até me agradeceu. Não posso fazer mais nada.

LUIZA

Agora não póde. O sr. Thimotheo vae á egreja, vota no visconde, e vem para caza. Ámanhã faz-se a escriptura da agua, e o José da Maria Rosa não tem nada que dizer nem eu perco a minha demanda.

THIMOTHEO

Valha-a Deus, sr.ª Luiza Maria. Eu não queria figurar mais em eleições. Mas emfim para lhe evitar desgostos irei votar no seu protector.

LUIZA

Ora ainda bem. Muito obrigado, sr. Thimotheo. Olhe que realmente cortava-me o coração ter de dar a agua ao José da Maria Rosa. Adeus, sr. Thimotheo. Até logo. Eu sempre hei de dar uma volta pela egreja, a vêr se está muita gente. Lá nos encontraremos. Adeus, sr. Thimotheo. Palavra dada está dada. A agua é sua. (Sae. F.)

SCENA IV

THIMOTHEO só.

THIMOTHEO

Vejam a que patifarias arrastam as eleições quando o candidato não tem popularidade! Esta mulher, que é das melhores da freguezia e senhora de bôas propriedades, faltava deslealmente ao contrato da agua, cauzava-me grandes prejuizos, arruinava-me, por mêdo de perder a demanda. Tanto lhe faz a ella que seja deputado este como aquelle, mas tocaram-lhe na tecla do interesse, e agora o verás! (Batem á porta.) Querem vêr que ainda volta com outra idéa soprada pelo José da Maria Roza? (Abre a porta.)

SCENA V

THIMOTHEO e JOAQUIM RUSSO

THIMOTHEO

Ah! É o sr. Joaquim Russo. Não o espe-

rava agora. Entre, que me dá muita satisfação. Ha tanto tempo que não honra esta choupana.

RUSSO

É verdade. Ha muito tempo que não vinha para estes lados, mas hoje como tinha de assistir á eleição do nosso barão do Lôdo, disse c'os meus botões: *Pois vou dar um abraço no Thimotheo, vejo a adega nova que elle fez nas minhas casas, renovo o arrendamento, e depois vamos ambos á egreja dar o nosso voto.* E aqui estou. A adega está bôa. Já lá passei. Olhe você, sr. Thimotheo, que sem as minhas cazas estava perdido. Não tinha onde recolher a novidade do anno. E muita gente m'as quiz alugar e por maior somma, porém a minha resposta era sempre a mesma: *São para o Thimotheo*, e acabou.

THIMOTHEO

É muito bom homem o sr. Joaquim, e eu sou-lhe devedor de muitos obzequios.

RUSSO

Ora adeos, rapaz. Não fallemos n'isso. Va-

mos. São horas da eleição. Depois faremos o arrendamento. Você já tem lista?

THIMOTHEO

Eu não senhor, mas é como se a tivesse. O meu voto é para o visconde da Cinza. Lá na igreja ha-de haver quem tenha listas.

RUSSO (Senta-se á E. da meza.)

Pois você vae votar no visconde, n'aquelle uzurario que até a justiça vende? Você não tem consciencia, homem!

THIMOTHEO

Olhe, sr. Joaquim. Eu não queria votar em nenhum. A minha canceira é a lavoira; não são os votos. Mas ellas armam-se onde a gente menos cuida. Veio ahi a Luiza Maria, a dona da quinta dos Celleiros; vocemecê bem sabe que ella tinha ajustado commigo de me vender os sobejos da agua sem os quaes pouco ou nada rendem as terras que eu lavro. Pois teve o desembaraço de me dizer que se eu não votasse no visconde, daria a agoa ao José da Maria Roza, e que o nosso ajuste não valia nada por não estar

ainda feito por escriptura. N'estes apuros para não perder a agua, prometti-lhe ir votar no tal uzurario.

RUSSO

Ó sr. Thimotheo, pelo que vejo o seu voto é de quem lhe aperta a garganta com maior força. Pois como o caso é assim, eu tambem tenho unhas. Você não perderá a agua da Luiza Maria, porém as cazas da sua adega vão para o José da Maria Roza que tambem as quer. Eu voto no barão que é homem de commercio, negociante como eu, e quero mostrar-lhe que tenho alguns amigos na freguezia. Se você me faltar, o José vota comigo. (Levanta-se.)

THIMOTHEO

O' sr. Joaquim, isso é querer matar-me de todo. De que me servem as terras e a agua, se fico sem caza para guardar o vinho? Eu não esperava que vocemecê me viesse pôr faccas aos peitos n'esta occasião. Sempre o tive por meu amigo.

RUSSO

E sou muito seu amigo, mas você bem

sabe o que são negocios. Amigos amigos, negocios á parte, diz o proverbio. Eu tenho contas com o barão e precizo de lhe prestar serviços. O José dá-me o voto pelo arrendamento das cazas, e eu por ser seu amigo dou-lhe a preferencia a você. Vote no barão e eu renovo-lhe o arrendamento. Que mais quer? Preferil-o ao José da Maria Roza é de amigo. E de mais quando se souber que você me resistiu a mim e cedeu ás ameaças da Luiza Maria, o que se dirá a meu respeito por essa freguezia toda?

THIMOTHEO

Mas, sr. Joaquim, eu hei-de ficar sem a agua?

RUSSO

Ora adeos, meu amigo. Nos outros annos você não tinha agua e as terras sempre iam dando. E no fim de tudo lance lá você bem as suas contas. Agua ainda tem a da chuva que não é tão pouca, e cazas para adega não consta que chovessem. Olhe, faça o que quizer, mas deixar-me eu vencer pela sr.ª Luiza Maria? Ora adeus; menos isso. Vamos, sr. Thimotheo, venha votar no barão. Nem

ha homem como elle para proteger a agricultura. Não falla em outra cousa, e já me disse que em sendo deputado ha-de propôr o modo de regularizar as chuvas.

THIMOTHEO

O sr. Joaquim cuida que eu soù algum palerma. Então elle é Deus?!

RUSSO

Não sei se é Deus ou Santa Maria, mas se você lhe fallar ouvirá como se preparam as chuvas arborisando as montanhas, de sorte que plantados n'estes nossos montes varios milheiros de arvores, póde a Luiza Maria guardar os sobejos da agua que já não são precizos para nada. (Batem á porta.)

THIMOTHEO (Áparte.)

Quem vira mais atormentar-me hoje? (Vae abrir a porta.)

SCENA VI

Os mesmos e JOSÉ FELIX

THIMOTHEO

Oh! sr. morgado! Um criado de v.s.ª Queira tirar-se da rua. A senhora morgada e os meninos como vão?

FELIX

Tudo vae bem, graças a Deos. Por cá tambem não ha novidade pelo que vejo. O sr. Joaquim Russo por aqui? As eleições são como as romarias e as feiras. Reunem gente de todas as partes, e pessoas que não se avistam duas vezes por anno.

RUSSO

São festas populares, e das mais importantes. Da boa escolha de deputados é que depende a sorte da nação.

FELIX (Senta-se á E. da meza.)

Assim parece que devia ser, mas, verdade verdade, sr. Joaquim, o povo escolhe e torna a escolher, mas cada vez acerta me-

nos. Já por aqui foi eleito um ministro. Mandou prometter a estrada para a villa, a fonte da praça, o paul enxugado, o sino para a egreja, um emprego para meu sobrinho, e muitas outras couzas uteis. A final nem estrada, nem fonte, nem paul, nem sino, nem emprego, nem nada! Depois elegemos um homem d'estado da opposição, que d'ahi a mezes estava ministro. Fui eu a Lisboa e vocemecê tambem, sr. Joaquim Russo. Eramos ambos vereadores n'esse tempo.—Não sei se está lembrado que fomos sete vezes á secretaria e outras tantas a caza d'elle, e não nos fallou nunca. Uma vez que o encontramos nos corredores da camara, ouviu-nos com impaciencia, e respondeu que andava muito occupado e que só depois de encerrado o parlamento nos podia dar attenção. E foi andando de braço dado com outro figurão. Ainda lhe ouvimos exclamar: *Fortes massadores!* De certo se recorda?

RUSSO (Que se assentou á D. da meza.)

Pois não recordo. Para signal que nas eleições seguintes queria que o elegessemos de novo. Foi quando votámos todos no ba-

charel Cogominho que se formára com grande fama de talento e promettia dizer ao governo verdades amargas a respeito dos interesses do concelho. Fallava como um livro o diabo do rapaz!

FELIX

Tambem me enganou a mim o tal meliante! Apenas se pilhou eleito, metteu-se com o governo, e quando o meu sobrinho Jorge da Camara que tambem era deputado, interpellou o ministro do reino e o das obras publicas a respeito dos nossos pedidos, foi o proprio representante d'este circulo quem se levantou a combater a urgencia! Ainda me parece que estou a ler no Diario aquellas patifarias. «Sr. Presidente, dizia o tal salafrario, eu sou deputado da localidade pela qual parece interessar-se officiosamente o meu esclarecido collega, e por isso não podem ser suspeitas as minhas opiniões, mas tambem e principalmente sou deputado da nação e não devo approvar que se interrompam discussões de interesse geral para se tratar do sino rachado de uma egreja rural ou da fonte da praça de qualquer villa. Tu-

do tem seu tempo, e quando for occasião, eu serei o primeiro a zelar os interesses dos meus constituintes, como é obrigação minha. Entretanto em nome d'elles agradeço a devoção do meu nobre amigo o sr. deputado Jorge da Camara.» Ora elejam crianças d'estas! Nem era por nós, nem deixava que o fossem os outros!

THIMOTHEO (Sentado pela parte superior da meza.)

Por isso eu não queria eleger ninguem. Era melhor não haver eleições que votar a gente em sujeitinhos d'esses.

FELIX

Enganas-te, meu Thimotheo. Eleger é direito e obrigação. O ponto está em escolher bem. O nosso erro foi andarm'os por fóra do concelho á busca de gente graúda a qual depois não faz caso de nós. Ora eu dei com o remedio para este mal.

THIMOTHEO E RUSSO

Então qual é?

FELIX

Não o ha mais simples. É voltar as costas

a todos esses especuladores e eleger um patricio nosso, um homem cá da terra.

THIMOTHEO (Áparte.)

Quer ser deputado! Tonto!

RUSSO (Áparte.)

Quererá propôr-se? Pateta!

FELIX

Eu ando ha muitos mezes a pensar n'isto. Precisamos de pessoa nascida entre nós, influente e auctorisada na côrte, homem que nos queira bem e que tenha força para nos proteger.

THIMOTHEO

Mas quem ha-de ser?

FELIX

Pois não advinhas? Então o conselheiro Fagundes não é patricio nosso, e ha por ahi quem tenha melhores relações na côrte? O sr. Joaquim Russo de certo approva a minha lembrança. Elle já foi negociante. É homem de commercio; é collega seu.

RUSSO (Levanta-se)

Collega? Isso mais de vagar, sr. morgado. Eu nunca falli, graças a Deos, até hoje. A minha firma ainda não foi desfeiteada.

FELIX

Ora não seja assim, meu amigo. Elle quebrou por culpa dos que lhe não pagaram. São infelicidades da vida. Hoje por nós, ámanhã por vós.

RUSSO

Longe vá tal agouro, sr. morgado. Eu espero viver e morrer sem passar por similhantes vergonhas. Em fim cada qual vote segundo entender, mas o que eu lhes digo é que são horas de irmos até á igreja.

FELIX (Levanta-se)

Pois sim, vamos lá. Ó Thimotheo, que fazes tu ahi encostado a essa meza? Tens coisa que te afflija? Pois não penses n'isso. Anda, pega no chapéo e vem salvar a patria. Aqui tens a lista.

RUSSO

Elle já tem lista. V. s.ª veiu tarde.

FELIX

Pois tu já tens lista? Então como é isto? Em quem votas tu?

THIMOTHEO (Desce á D.)

Por minha vontade em ninguem.

RUSSO

O povo vota no barão do Lôdo, que é negociante mas dos bons, dos que não fazem bancarrota, e alem d'isso grande protector da agricultura. Até v. s.ª devia votar n'elle.

FELIX

Com que então o sr. Joaquim Russo já imaginava dispôr do voto do morgado José Felix e dos seus caseiros! Pois engana-se. A nobreza tem decaido muito, mas ainda possue grande parte da terra. E olhe que os negocios leva-os a breca muitas vezes; os negociantes mais abastados quebram; mas as terras ficam onde estão. Vote vocemecê em quem quizer, mas eu e o meu cazeiro Thimotheo votamos no conselheiro Fagundes.

THIMOTHEO (Aproxima-se.)

Mas sr. morgado...

FELIX

Então que temos? Se te deram por ahi alguma lista, é rasgal-a já ou procurares outras terras. Os meus cazeiros votam comigo. Tinha graça se aqui o sr. Joaquim Russo governava mais nos meus rendeiros do que eu!

THIMOTHEO

Os senhores dão comigo doido. Isto assim não é eleição. E' violencia e despotismo.

RUSSO

Despotismo é querer você que eu lhe arrende as casas para a adega, tendo quem me dê por ellas muito maior rendimento.

FELIX

Violencia é quereres tu obrigar-me a dar-te as terras por menos do que me andam por ahi a offerecer outros. Olha que me saiste um tal menino! Pois bem; eu vou-me embora e cá te mandarei noticias minhas.

RUSSO

Faça o que quizer, sr. Thimotheo. Eu não quero atormental-o. Vou fazer arrendamento ao José da Maria Rosa.

THIMOTHEO

A minha vontade era pegar n'este cajado, chamar os rapazes da freguezia, e irmos todos quebrar a urna e acabar por uma vez com similhantes maroteiras. (Batem á porta.) Eu vou perdendo a paciencia.

SCENA VI

Os mesmos e LUIZA MARIA

LUIZA

A paz de Deus seja n'esta caza. Muito bons dias, meus senhores. Então, sr. Thimotheo? Olhe que vão sendo horas. (Descem.)

THIMOTHEO

Deixe-me. A sr.ª Luiza Maria quer-me tirar a agua, se eu não votar no visconde da Cinza; aqui o sr. Joaquim Russo aluga a ou-

tro a adega, se eu não votar no barão do Lôdo; e o sr. morgado arrenda as terras ao José da Maria Rosa, se eu não votar no conselheiro Fagundes. Querem-me arruinar sem eu lhes ter feito mal nenhum. Pois dêem cabo de mim, e lá o pagarão na caldeira de Pedro Botelho. Olhem que o inferno não se fez para os cães.

LUIZA

Você falta-me ao respeito, sr. Thimotheo! Pois vote á sua vontade. O voto é seu, e a agua é minha. Não sei se me entende?

RUSSO

Eu bem claro lhe fallei, mas não faça ceremonia. Vote a seu gosto. Depois não se queixe.

FELIX

Tu sabes que és meu cazeiro. Não te digo mais nada.

SCENA VII

Os mesmos e JOÃO MOREIRA, que esteve ouvindo a conversação da scena anterior

MOREIRA (A' porta.)

Então que é isto, meus amigos?

TODOS

O filho do brazileiro!

MOREIRA (Descendo á scena.)

Parece-me que estavam ralhando. Pois é muito mau entre patricios e vizinhos. Tu estás com aspecto de zangado, Thimotheo. Vê lá. Olha que eu e meu pae ainda valemos para alguma coisa. Nunca me esqueço de que fomos condiscipulos nas primeiras lettras.

THIMOTHEO

Obrigado, sr. doutor. Bem sei que são meus amigos. Estavamos a fallar a respeito de eleições. Eu não queria votar. Gosto mais da lavoira que da politica, e estes senhores...

TODOS

Nós não queriamos de modo nenhum...

MOREIRA

Pois está evidente. Não queriam violentar o Thimotheo. As eleições devem ser livres, e livre portanto o voto dos eleitores. Ainda hoje eu dizia isto a meu pae. Elle coitado está velho e anda com a idéa de recolher

o dinheiro que traz a juros. Esta manhã chamou-me e deu-me ordem para ir avisar todos os devedores.

LUIZA (Áparte.)

O rapaz ouviu tudo!

MOREIRA

Disse que fallasse com o sr. Joaquim Russo, com o sr. morgado, e com a sr.ª Luiza Maria.

RUSSO (Áparte.)

Por esta não esperava eu!

MOREIRA

E que os convidasse a justarem contas até ao fim do mez.

FELIX

Mas, sr. doutor João Moreira, bem vê que os tempos...

RUSSO

V. s.ª sabe como correm os negocios...

LUIZA

Nunca houve quadra como esta! Tudo está caro excepto o que a gente vende.

MOREIRA (Senta-se á E.)

Isso mesmo lhe disse eu, e acrescentei que estando nosso hospede um dos candidatos a deputado, poderia julgar-se que estes pedidos eram para lhe grangear votos. Meu pae respondeu-me que fizesse eu o que me parecesse por que a final a fortuna d'elle era para mim.

TODOS

E v. s.ª resolveu...

MOREIRA (Levanta-se.)

Resolvi encarregar aqui o Thimotheo de fazer todas as cobranças quando elle muito bem quizer. Eu não posso tratar d'esses negocios. Já sabem a pessoa com quem se devem entender, mas não agora, só depois das eleições. Não acha sr. morgado?

FELIX (Aterrado.)

Eu acho tudo o que v. s.ª quizer. (Áparte, para os outros.) Caimos na rede que nós proprios tinhamos armado!

MOREIRA

Agora vamos para a Egreja. O sr. morgado e o sr. Joaquim Russo já têem lista?

FELIX

O Thimotheo que as escreva ahi n'um instante.

RUSSO

É verdade, ó Thimotheo, faça as listas.

THIMOTHEO

Eu não faço lista nenhuma. Votem como quizerem. Eu não voto em ninguem.

MOREIRA

Has-de votar, Thimotheo, que é dever de todos os cidadãos, e has-de votar livremente. Dos cortezãos dizia um poeta e philosopho portuguez:

> Quem graça ante el-Rei alcança,
> E hi falla o que não deve,
> Mal grande de má privança,
> Peçonha na fonte lança
> De que toda a terra bebe.

Pois quem no exercicio da soberania eleitoral emprega violencia ou coacção envenena tambem a fonte da geral prosperidade e desacredita o principio liberal. Quem não vota

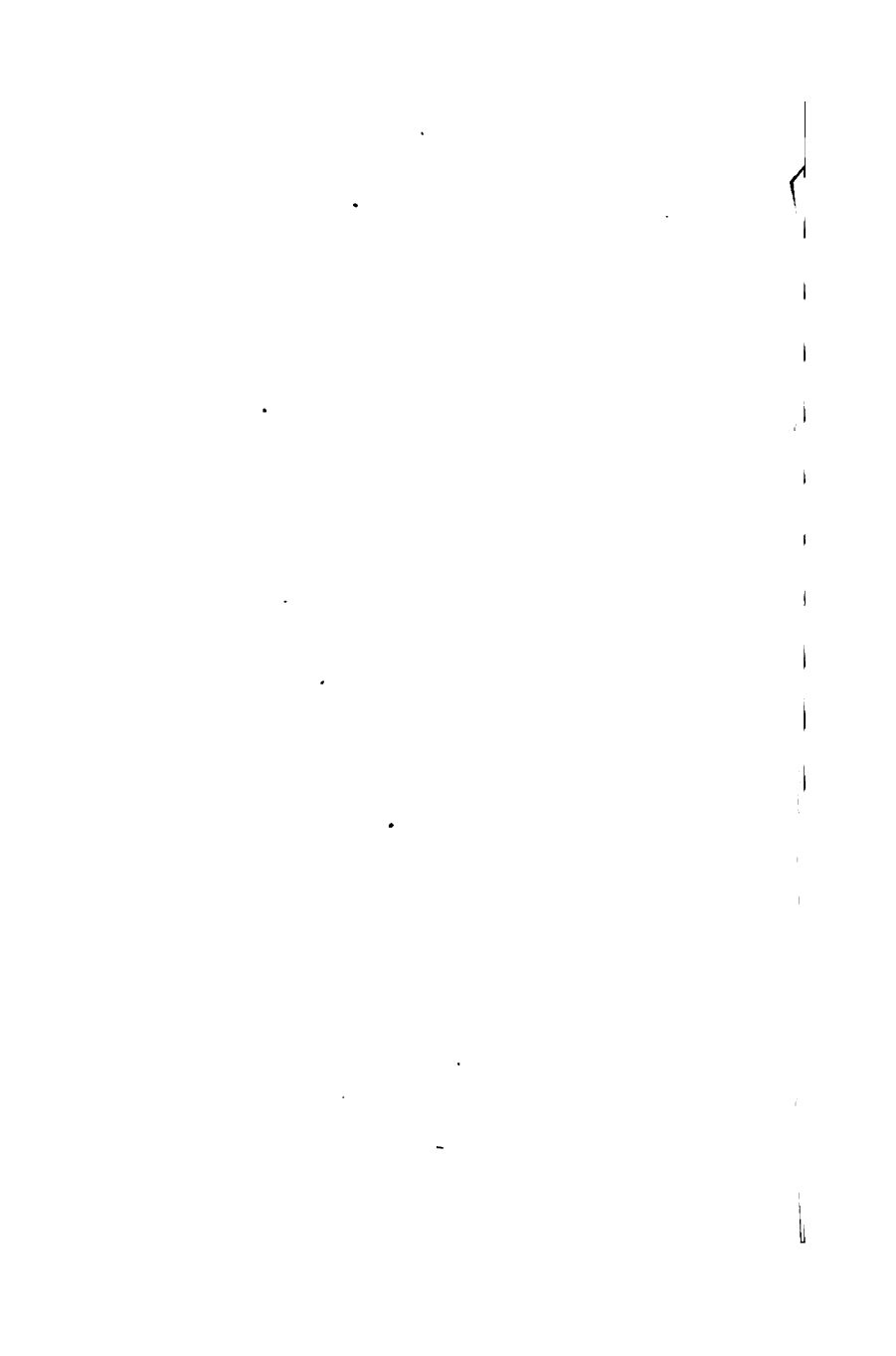
é desertor politico. Foge da batalha. Vamos para a egreja. (Vão saindo.)

THIMOTHEO

Isto é que se chama virar os feitiços contra os feiticeiros. Foi um anjo que me appareceu, este Joãosinho! Olhem que nas eleições sempre ha cada maroteira! Nem v. ex.as fazem ideia!

Cáe o pano.

FIM

NOTAS

Escreveram com grande favor ácerca da comedia *O Dente da Baroneza* quasi todos, senão todos, os jornaes de Lisboa. Alguns dignaram-se de favorecer-me com successivas commemorações. Era benevolencia de confrades e amigos que muito me penhorou e da qual me recordarei sempre com animo agradecido.

Havia porém n'esse tempo em Lisboa uma folha franceza, *Le Courrier de Lisbonne*, cujo redactor, o Sr. L. de Claranges Luccotte, auctor de varios dramas festejados pelo publico e traductor fidelissimo do *Eurico* do Sr. A. Herculano, não tinha comigo relações de amisade nem de convivencia, mas que logo nos primeiros dias me deu a honra de consagrar á minha comedia um longo artigo de critica.

Ao sr. Luccotte sobravam prendas de artista esclarecido e de apreciador intelligente e sisudo, e no seu animo não podia influir affecto ou inimisade que o inhibisse de avaliar rectamente. Era bom para juiz.

Do apreço em que tenho o seu parecer, dou solemne testemunho registando n'este livro o artigo que foi publicado no *Courrier de Lisbonne* de 7 de Março de 1870.

É o seguinte:

LA DENT DE LA BARONNE

C'est au bénéfice de l'acteur Silva Pereira qu'a eu lieu la première représentation de cette comédie en trois actes.

Son auteur, M. Teixeira de Vasconcellos occupe depuis longtemps une place distinguée dans la littérature portugaise, tour à tour historien, romancier, journaliste, M. de Vasconcellos, après avoir acquis dans ces différentes branches littéraires, une réputation méritée, a plié sa plume à un travail nouveau et, sur les instances de M. Silva Pereira, il a écrit la comédie qui vient de lui attirer de la part de la presse et du public l'accueil le plus flatteur.

Une anecdote publiée dans le *Petit Journal,* et tombée par hasard sous les yeux de M. de Vasconcellos, lui a fourni, dit-on, le sujet de sa pièce.

Nous n'appartenons pas à cette société comprise par la voix populaire en Portugal sous le nom de *Société de l'éloge mutuel*, espèce de franc-maçonnerie de l'indulgence, où, par une convention tacite, quelques hommes de lettres saluent et applaudissent avec fracas les œuvres d'un confrère, à charge pour celui-ci, de rendre à l'occasion la monnaie de la pièce qu'il reçoit. Le public se laisse rarement prendre aux éloges immodérés de ces critiques au sucre candi que quelques littérateurs suçent avec satisfaction pour le prix modique d'une pareille gracieuseté, le cas échéant. Par contre, lorsqu'un auteur nouveau se présente, s'il n'arrive, comme M. de Vasconcellos, déjà entouré d'un prestige qui le rend invulnérable aux piqûres des frelons où s'il est étranger à la dite *société* (une mauvaise société, s'il en fut) il est harcelé, piqué, tourmenté sans relâche, et obligé de se retirer, ne répondant aux attaques que par le mépris que doit inspirer toute jalousie mesquine, toute grimace, qu'elle soit d'un singe ou d'un homme.

C'est ainsi qu'il arrive souvent qu'un auteur inconnu tombe du premier coup, non sous la réprobation du public, mais sous les piqûres malfaisantes de quelques-uns de ces insectes littéraires que l'entomologie n'a pas encore classés et qui pullulent sous tous les climats. Mais

Laissons les Myrmidons et leur rage impuissante

et revenons à la jolie bouche de la baronne rêvée par M. de Vasconcellos.

Un jeune homme aime une jeune fille. Cela commence toujours ainsi. Ce jeune homme a toutes les qualités qui distinguent un gentilhomme, un gentleman ou un hidalgo, comme on voudra, c'est-à-dire qu'il a de l'esprit, de la naissance et du cœur. La jeune fille a aussi toutes les qualités qui embellissent une jeune personne, de la beauté, de la distinction, de l'affabilité.

Mais, hélas, rien n'est parfait en ce monde, les roses ont des épines, et le soleil a des taches. Le défaut de notre amoureux est une jalousie qui le rend malheureux et injuste; le défaut de la baronne est un caractère enjoué qui lui donne trop souvent l'occasion d'éblouir ses prétendants de l'éclat de ses dents ravissantes. De là, jalousie du fiancé qui déteste ce sourire prodigué tant de fois et se désespère de voir ainsi tout le monde jouir de la vue d'une beauté qu'il voudrait, en véritable amoureux, garder pour lui seul. —Ah! s'écrie-t-il, dans un de ses accès, s'il vous manquait une dent, on ne vous verrait pas sourire à tout propos.

La baronne saisit cette parole; elle pense que le sacrifice d'une dent vaut bien le bonheur de toute la vie et tout aussitôt un dentiste est appelé, et une dent de devant, une de ces incisives qui ont tant brillé dans le monde, est impitoyablement arrachée, sans que notre fiancé ait le temps de s'opposer à ce terrible sacrifice.

Au second acte, le jaloux se montre désolé d'avoir causé un malheur aussi déplorable et dont il aura le

premier à supporter les conséquences. La baronne ne sourit plus, elle ne sort plus, elle abandonne les bals et les fêtes. Nouveaux reproches, nouveau désespoir de l'amant. Voyant cela, la baronne ne trouve rien de mieux à faire que de lui montrer, dans un sourire céleste, sa bouche intacte. Pour le coup, l'amant devient furieux; il a été baffoué, berné, on s'est joué de sa crédulité; le sacrifice n'était qu'une plaisanterie, l'acte de dévouement une scène de comédie dont il est le bouffon. Aussi, à son tour, ne trouve-t-il rien de mieux à faire que de retirer sa parole, de rompre le mariage et de partir. Au troisième acte, réunion intime chez la baronne; on cause de choses et d'autres, la baronne qui aime cet ingrat, dissimule à peine le chagrin qu'elle éprouve de son mariage manqué; l'ex-fiancé est venu faire sa visite d'adieux; il est raide, compassé, mal à son aise et a le visage d'un amant qui ne se tient debout que soutenu par son orgueil alors qu'il meurt d'envie de tomber aux genoux de celle qu'il aime. Un des visiteurs cite, comme par hasard, une nouvelle publiée par un petit journal satyrique. Les noms ne sont pas cités, mais ils sont transparents; c'est la baronne, c'est son amoureux, c'est la fameuse dent qui font les frais de cette nouvelle et le journal promet do donner à ce sujet les détails les plus comiques et les plus risibles. Alors, notre fiancé, voyant la baronne compromise, redevient l'homme juste et aimant et il annonce qu'au lieu de partir, il va épouser celle qu'il aime et qui lui fait l'honneur de lui accorder sa main.

La pièce a été très bien jouée par MM. Silva Pereira. Silveira et Melle Lucinda. Mais surtout par Mme Anna Cardoso, qui fait le rôle de la tante de la baronne. C'est un type très bien réussi que celui de cette dame qui, n'ayant jamais pu trouver à se marier, se venge de rester vieille fille, non par les taquineries et les paroles aigres de ses congénères, mais par des boutades comiquement sentimentales qui montrent toute la bonté de ce cœur qui méritait si bien d'être compris et apprécié. Faisons en même temps de justes éloges à Mr. Romão, le metteur èn scène du Gymnase, qui a aussi contribué puissament à la bonne exécution.

Comme on le voit, la comédie de Mr. de Vasconcellos n'est pas une pièce à effets. Pour nous elle a le défaut d'être un peu froide comme action, le sujet en est insignifiant et c'est un tour de force de l'auteur d'avoir réussi à amuser, à intéresser même le spectateur pendant trois actes avec une intrigue que l'on résumerait en quelques lignes. Aussi, le mérite de la pièce ne consiste-t-il nullement dans cette intrigue; on voit que l'auteur n'a fait aucuns frais d'imagination et qu'il s'est amusé à écrire cette pièce comme certaines femmes font une fleur ravissante avec quelques plumes tombées des ailes d'une colibri effarouché.

Sur un canevas puéril, M. de Vasconcellos a laissé couler un dialogue animé de saillies, de reparties fines, une causerie tour à tour enjouée, mélancolique, gracieuse et toujours attachante. C'est là tout le succès de la pièce, c'est là son grand mérite surtout.

Aller voir *La dent de la baronne* ce n'est pas aller au théâtre, c'est aller passer une heure dans un salon, parmi des gens de compagnie et où l'on est sûr de trouver une chose qui devient chaque jour plus rare, une conversation spirituelle.

L. DE CLARANGES LUCCOTTE.

Na scena 4.ª do 2.º acto do *Dente da Baroneza* Carlos de Mello conversando com Julio de Souza e com o visconde da Touça attribue *(pag. 66)* a prisão de D. Francisco Manuel, o illustre auctor da *Carta de Guia de Casados*, a uma intriga da condessa de Villa Nova e Figueiró de quem andava namorado.

Esta versão é contraria a quantas até hoje se têem publicado a respeito do longo encarceramento e desterro do celebre escriptor e por isso é indispensavel indicar-lhe a origem.

O sr. Camillo Castello Branco publicou em 1868 com uma introducção e notas explicativas as *Memorias de Fr. João de S. Joseph Queiroz, bispo do Grão Pará.* N'esse livro

muito curioso encontrei a pag. 158 o seguinte:

«A Condessa de Villa Nova e Figueiró foi objecto das affeições de D. Francisco Manuel de Mello. Allude a ella quando diz: *Nuevo la vi*. D. João IV querendo provar a fidelidade de D. Francisco, persuadiu a Condessa que o tentasse. D. Francisco Manuel para lisongeal-a disse que seguiria o partido de Castella. Foi preso. Assim m'o revelou o Conde de S. Lourenço.»

Esta explicação referida pelo bispo do Grão Pará e abonada com o nome de um fidalgo parente de D. Francisco, pareceu-me sufficiente fundamento para a introduzir na conversação dos rapazes no 2.º acto.